



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO
GROSSO**
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU ACADÊMICO EM ENSINO
LINHA DE PESQUISA: ENSINO DE MATEMÁTICA, CIÊNCIAS NATURAIS E
SUAS TECNOLOGIAS

VANESSA COSTA GONÇALVES SILVA

**VIOLÊNCIA ESCOLAR, *BULLYING* E VIOLAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS NO
COTIDIANO ESCOLAR**

Cuiabá - MT

2019

VANESSA COSTA GONÇALVES SILVA

**VIOLÊNCIA ESCOLAR, *BULLYING* E VIOLAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS NO
COTIDIANO ESCOLAR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Mestrado Acadêmico em Ensino no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - IFMT, como parte do requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Área de concentração: Ensino, Currículo e Saberes Docentes.

Linha de Pesquisa: Ensino de Matemática, Ciências Naturais e suas Tecnologias.

Orientadora: Prof^a Dr^a Raquel Martins Fernandes Mota

Cuiabá - MT

2019

Divisão de Serviços Técnicos. Catalogação da Publicação na Fonte.

S586v

Silva, Vanessa Costa Gonçalves

Violência escolar, *bullying* e violação de direitos humanos no cotidiano escolar. / Vanessa Costa Gonçalves Silva. _ Cuiabá, 2019. 112f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel Martins Fernandes Mota

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ensino) _ . Programa de Pós-graduação. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso.

1. Ensino – Dissertação. 2. Intimidação sistemática – Dissertação. 3. Estudos cotidianos - Dissertação. I. Mota, Raquel Martins Fernandes. II. Título.

CDU 373:179.8
CDD 371.78



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E INOVAÇÃO
CAMPUS CUIABÁ - CEL. OCTAYDE JORGE DA SILVA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
Nível Mestrado

ATA DO EXAME DE DEFESA

Aos quinze dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e dezenove, às 14:00 horas, no Programa de Pós-Graduação em Ensino do Instituto Federal de Mato Grosso em Rede com a Universidade de Cuiabá, na Sala E-211, *Campus* Cuiabá “Cel. Octayde Jorge da Silva”, sob a presidência da Profa. Dra. Raquel Martins Fernandes Mota, CPF 857.351.83672 como Orientadora, e com a participação dos membros examinadores Profa. Dra. Cleonice Terezinha Fernandes, CPF 516.634.739-00 como Examinadora Interna, e o Prof. Dr. Livio dos Santos Vogel, CPF 830.912.541-00 como Examinador Externo reuniram-se a banca de Exame de Defesa Pública de Dissertação de **Vanessa Costa Gonçalves Silva** matrícula 2017180660034, aluna do Curso de Mestrado Acadêmico em Ensino. A dissertação intitulada “**Violência, Bullying e Violação de Direitos Humanos no Cotidiano Escolar**” foi apresentada e após a arguição da banca foi **aprovada**. Para constar, foi lavrada a presente ata que depois de lida e aprovada, vai assinada pelos membros da banca examinadora.

Profa. Dra. Raquel Martins Fernandes Mota – Presidente da Mesa e Orientadora
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT

Profa. Dra. Cleonice Terezinha Fernandes - Examinadora Interna
Universidade de Cuiabá - UNIC

Prof. Dr. Livio dos Santos Vogel - Examinadora Externo
Campus São Vicente Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT

Cuiabá, 15 de Fevereiro de 2019.



DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, autor da minha vida e Senhor da minha história. Sou grata a Ele por todos meus momentos de alegrias e principalmente pelas dificuldades, pois é durante os períodos difíceis que crescemos e amadurecemos. Obrigada Senhor por ser fiel a mim.

Dedico ao meu esposo Roberto, por ser meu parceiro nas horas certas e nos momentos incertos; a dúvida, o medo que eu tinha por achar que não daria conta nunca chegou ao seu coração, pois sempre confiou em mim e incentivou meu potencial. Grata pelo apoio incondicional em conduzir nosso lar, sendo responsável exclusivamente por manter as coisas funcionando, sem cobranças, sem pressão e com muito zelo e carinho comigo. Sua parceria foi fundamental. Eternamente grata.

Às minhas filhas amadas, Bianca e Clara, pois seguraram a onda de dividir a mãe com os estudos e a pesquisa, sempre me ajudando, cuidando de mim, fazendo massagens e dando carinho. Filhas, todo meu esforço é por vocês e reconheço que se esforçaram muito para que eu chegasse aqui.

A meus pais Neide e Roberto (*in memoriam*), pois vocês me conduziram de maneira que eu buscasse ir onde meus olhos pudessem enxergar, com forças para lutar e com disposição para vencer.

Meus irmãos Fabiano e Roberta, obrigada pela parceria de sempre, vocês são eternos em meu coração e ao William, por chegar a tempo para completar a festa.

Dedico esse trabalho a toda minha família de sangue e de fé que, com muito carinho e apoio, me auxiliaram de alguma forma para que eu chegasse até esta etapa da minha vida.

Dedico aos estudantes e servidores do IFMT Cuiabá - Bela Vista, pois são além do meu universo da pesquisa, são seres incríveis que me fazem buscar ser melhor profissional todos os dias e me proporcionaram meu crescimento acadêmico.

AGRADECIMENTO

À minha brilhante orientadora e parceira de luta, a Prof^a Dr^a Raquel Mota, por todo empenho em me conduzir no universo da pesquisa de forma sensata e confiante. Obrigada pela orientação e pela amizade construída.

Aos meus amigos do Grupo de Pesquisa GPHSC, pelo incentivo e grande ajuda com as discussões e ações para a realização deste trabalho.

Agradeço ao Diretor Deiver Alessandro Teixeira por permitir que realizasse a pesquisa no Campus Cuiabá - Bela Vista e permitiu que conseguisse flexibilizar meu estudo, pesquisa e trabalho de forma humana e solidária.

Agradeço a minhas parceiras de trabalho Adriana Martins e Francismeire Queiroz pela valorosa contribuição a essa pesquisa e apoio.

Agradeço as valorosas contribuições da minha banca profa. Dra. Cleonice Terezinha, a amorosa Cléo, e ao prof. Dr. Livio Vogel, que certamente foram essenciais para o enriquecimento desta pesquisa.

Agradeço ao IFMT e UNIC, que se uniram para proporcionar que pudesse ser estudante desse programa de mestrado em ensino. Oportunidade que recebi e quero contribuir da mesma forma para o crescimento desse programa.

RESUMO

Este trabalho é resultado da pesquisa de Mestrado Acadêmico em Ensino pelo Programa associado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) e à Universidade de Cuiabá (UNIC), tendo como objeto de estudo a investigação da violência escolar materializada por meio do *bullying* e a violação de direitos humanos no cotidiano da escola. Neste contexto visou compreender como a violência escolar, a prática do *bullying* e de violação de direitos humanos estão presentes nas relações cotidianas dos estudantes adolescentes do IFMT campus Cuiabá - Bela Vista. Esta investigação qualitativa partiu dos estudos nos/dos/com os cotidianos, que foi desenvolvida com estudantes dos cursos técnicos em Meio Ambiente e Química integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias de Mato Grosso (IFMT), Campus Cuiabá Bela Vista, no período 2017/2018. Tendo como amostra 130 estudantes e duas profissionais membras da equipe multiprofissional do Campus, como sujeitos participantes da pesquisa. Utilizando como instrumento o questionário *on line*, entrevistas com 03 estudantes bolsistas e com 02 membros da equipe multiprofissional, além da análise documental. Esta pesquisa foi embasada nos conceitos de Certeau (2004), Oliveira e Alves (2008), o que possibilitou diálogos com a realidade escolar, a partir do viés das narrativas dos sujeitos praticantes desse espaço, e que permitiu entender os fenômenos observados. Considero importante refletir que a investigação qualitativa no cotidiano escolar não é sinônimo de uma rotina, repetição de atividades e monotonia, ela extrapola esse entendimento quando busca investigar aquilo que causa inquietações e possibilita as discussões dos conflitos, sem negar ou ignorá-los. Os resultados apresentados surgiram dos entrelaçamentos entre as percepções, narrativas e documentos oficiais, que demonstraram que o *bullying* está presente no campus pesquisado, materializado por meio da violência simbólica, verbal e racial, que partem de marcadores sociais das diferenças. Neste trabalho foram caracterizados 09 tipos de violência em que pude tecer suas particularidades. A partir de diretrizes e referenciais educacionais, penso que as mudanças de concepções são fundamentais para a valorização de uma formação cidadã, inclusiva, plena, integral e humanizada, pautada na implementação de um currículo que viabilize a transdisciplinaridade da Educação em Direitos Humanos como balizadora das práticas pedagógicas do Campus.

Palavras chave: Ensino, Intimidação Sistemática, Estudos Cotidianos.

ABSTRACT

This work is a result of the study of the Academic Master's Degree in Teaching by the Program associated to the Federal Institute of Education, Science and Technology of Mato Grosso (IFMT) and the University of Cuiabá (UNIC), whose object of study is the investigation of school violence materialized by bullying and the violation of human rights in the daily life school. In this context, I intend to understand how school violence, bullying and human rights violations are present in the teenage students's daily relationships at the IFMT, in Cuiabá - Bela Vista campus. This qualitative research started from the studies in/of/with the everyday routine, that was developed with students of the technical courses in Environment and Chemistry integrated to the High School of the Federal Institute of Education, Sciences and Technologies of Mato Grosso (IFMT), Campus Cuiabá Bela Vista, in the period 2017/2018. With a sample of 130 students and two professionals members of the multiprofessional team of the Campus, as subjects participating in the research. The instruments were an online questionnaire, interviews with three scholarship students and two members of the multiprofessional team, besides the documentary analysis. This research was based on the concepts of Certeau (2004), Oliveira and Alves (2008), which allowed dialogues with the school reality, from the bias of the narratives of the practicing subjects of this space, which allowed to understand the observed phenomena. I consider that it is important to reflect that qualitative research in life school is not synonymous with a routine, repetition of activities and monotony, but it extrapolates this understanding when it seeks to investigate what causes disquiet and enables discussions of conflicts without denying or ignoring them. The presented results appeared from the interrelations between perceptions, narratives and official documents that demonstrated that bullying is present in the researched campus, materialized through symbolic, verbal and racial violence, starting with social markers of differences. In this work were characterized nine types of violence in which I could explain their peculiarities. Based on educational guidelines and referentials, I believe conceptions's change are fundamental for the valorization of a citizen education, inclusive, full, integral and humanized, based on the implementation of a curriculum that enables the transdisciplinarity of Human Rights Education as a pedagogical practices of the Campus.

Key words: Teaching, Systematic Intimidation, Everyday Studies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Formas de violência escolar	68
Figura 2 - Evento Dia da Mulher	86
Figura 3 - Foto da Instalação Artística GPHSC - Sábado Letivo - Setembro amarelo .	98
Figura 4 - Fotos das Telas da instalação artística	99
Figura 5 - Foto do Varal poético - Semana Cívica	99
Figura 6 - Fotos da Olimpíada BLV	100
Figura 7 - Cartazes de divulgação do V CURTABLV / GPHSC	101

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Pesquisa sobre direitos violados	62
Gráfico 2 - Pesquisa sobre direitos violados no IFMT Campus Cuiabá Bela Vista	63

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Transferência externa 2017/2018	32
Quadro 02 - Dados dos sujeitos participantes da pesquisa	62
Quadro 03 - Relação curso x idade x sexo x motivo do <i>bullying</i>	64
Quadro 04 - Dados do questionário da pesquisa	65
Quadro 05 - Tipos de violência	66
Quadro 06 - Equivalência entre os tipos de violências segundo esta pesquisa x a classificação da Lei Antibullying	69
Quadro 07 - Orientação sexual	69
Quadro 08 - Gênero x Orientação sexual	70
Quadro 09 - Violência sobre orientação sexual	70
Quadro 10 - Violência e aparência física	71
Quadro 11 - Violência verbal	75
Quadro 12 - Exclusão social no ambiente escolar	78
Quadro 13 - Violência física	80
Quadro 14 - Violência racial	81
Quadro 15 - Violência sexual	85
Quadro 16 - Danos morais e materiais	88
Quadro 17 - <i>Cyberbullying</i>	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEFET-MT	Centro Federal de Educação Tecnológica do Mato Grosso
CNEDH	Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
GPHSC	Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea do IFMT
ICE	Instituto de Corresponsabilidade pela Educação
IFMT	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
JIFs	Jogos dos Institutos Federais
ONU	Organização das Nações Unidas
PcD	Pessoa com Deficiência
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional do IFMT
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PNEDH	Programa Nacional de Direitos Humanos
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
PPI	Projeto Pedagógico Institucional
PROEN	Pró-Reitoria de Ensino do IFMT
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIC	Universidade de Cuiabá

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 A ESCOLA - UM COTIDIANO VIVO E VIVIDO!	23
1.1 ESCOLA, UM LUGAR DE GENTE	23
1.2 O COTIDIANO ESCOLHIDO PARA VIVENCIAR	26
1.3 A IDENTIDADE DO IFMT	33
1.4 TECENDO REDES E PARCERIAS	34
1.5 O COTIDIANO ESCOLAR	37
1.6 <i>BULLYING</i> COMO REFLEXO DA VIOLÊNCIA E VIOLAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS	42
2 A ARTE DE SE REINVENTAR!	47
2.1 NÃO SOMOS MAIS OS MESMOS	47
2.2 A PESQUISA - O ENTRELAÇAMENTO DE PERCURSOS DOS SUJEITOS PRATICANTES	50
2.3 TESSITURA DA PESQUISA	57
2.4 ENTRECruzAMENTO DAS VIVÊNCIAS	61
2.5 SOBRE DADOS DO QUESTIONÁRIO <i>ONLINE</i>	65
3 EXPERIÊNCIAS VIVIDAS	94
3.1 MECANISMOS DE RESISTÊNCIA	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS - VIDAS ENTRECruzADAS	103
REFERÊNCIAS	105
ANEXOS	109
ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE VIOLAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS E <i>BULLYING</i>	109
ANEXO 2 - Termo de Assentimento	111
ANEXO 3 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	112

A ESCOLA

“Escola é...
o lugar onde se faz amigos
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...
Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha,
que estuda, que se alegra, se conhece, se estima.
O diretor é gente,
O coordenador é gente,
o professor é gente,
o estudante é gente,
cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor na medida em que
cada um se comporte como colega, amigo, irmão.
Nada de ‘ilha cercada de gente por todos os lados’.
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir
que não tem amizade a ninguém,
nada de ser como o tijolo que forma a parede,
indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só estudar,
não é só trabalhar,
é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de camaradagem,
é conviver, é se ‘amarrar nela’!
Ora, é lógico...
numa escola assim vai ser fácil estudar,
trabalhar, crescer, fazer amigos,
educar-se, ser feliz.”

(Poema de Paulo Freire / Fonte: Instituto Paulo Freire)

INTRODUÇÃO

A escola não se limita a um mero lugar de transmissão de conhecimento, mas um espaço de interação e crescimento pessoal, pelo qual permeiam-se várias concepções teóricas que justificam sua prática e sua complexidade. Pensar a escola como um lugar de transformações, mudanças, construção de identidades e como um espaço adequado para convivência entre as pessoas direciona a propor diálogos à luz dos estudos nos/dos/com os cotidianos.

Nos estudos cotidianos, é fundamental relacionar com o lugar vivido, praticado, (CERTEAU, 2004), a partir de situações do dia a dia, situações concretas, reais, que fazem o pesquisador cotidianista tecer relações com os sujeitos praticantes em suas narrativas, usos, negociações, traduções e mímicas, visando muito mais produzir do que coletar dados (FERRAÇO *et al.*, 2008). Esse movimento permite a busca pela compreensão das lógicas cotidianas, numa dinâmica que só torna possível abarcar o espaço pesquisado se o mesmo for vivenciado e partilhado entre os sujeitos praticantes, por meio da *práxis* que possibilita traçar caminhos e conviver com seus ensinamentos.

A presente pesquisa é uma investigação nos/dos/com os cotidianos da escola, que apresenta uma problemática real sobre *bullying*, aqui compreendido, na visão de Oliveira e Alves (2008), como uma trajetória metodológica que é percorrida para explicar o possível e necessário dentro do espaço vivido; em que busco perceber *como* essa temática permeia neste cotidiano, que em algumas situações assume características que podemos nomear como outros tipos de violência, como racismo, preconceito, homofobia, discriminação e violação de Direitos Humanos. Nesta investigação ficou caracterizada a existência de marcadores sociais específicos, que geram as diferenças, porém constituem a identidade dos estudantes. Essas diferenças protagonizam algumas atitudes agressivas nas relações escolares, responsáveis por causar sofrimento em estudantes vítimas de violências físicas, psíquicas e simbólicas, que são materializadas por meio do *bullying*.

É conveniente lembrar que o termo *bullying* ultimamente tem sido usado para relacionar todo ato de intimidação sistemática ocorrida entre pares em ambientes sociais, como escola, clube, trabalho e, até mesmo, na família. Embora não seja um fenômeno novo, pois é do conhecimento comum, que sempre existiu dentro da escola, o termo pertence à língua inglesa, passou a ser usado no Brasil recentemente e tem sido objeto de estudos acadêmicos. O vocábulo só se tornou conhecido no Brasil por conta dos estudos acadêmicos iniciados, nos Estados Unidos, nos anos 70 (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

O significado da palavra *bullying* está relacionado com situações de abuso e de intimidação que ocorrem dentro ou fora da escola. Fante (2005) o define como o desejo consciente e deliberado de maltratar uma pessoa e colocá-la sob pressão; segundo a autora, esse termo conceitua comportamentos agressivos e antissociais, relacionados com o problema da violência escolar. A autora ainda define o termo como derivado da palavra inglesa *bully*, que significa valentão, tirano, que visa tiranizar e amedrontar. Esse conjunto de comportamentos agressivos é caracterizado por sua natureza repetitiva, sem motivação evidente e por desequilíbrio de poder. Normalmente a vítima possui menos força física, tem estatura menor, está em minoria, e possui pouca flexibilidade psicológica perante o *bully*.

Considero importante ponderar os conceitos para justificar as escritas, pois o *bullying* é uma violência que não se limita ao físico, tem seu veio também no psicológico e no simbólico. Conceituar violência é um desafio e corremos o risco de dimensioná-la inferiormente

Chauí (1998) traz o conceito de violência como “um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror”. Esses princípios mostram que a ação parte de um ser consciente, racional e responsável pelo que faz.

A violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. Na medida em que a ética é inseparável da figura do sujeito racional, voluntário, livre e responsável, tratá-lo como se fosse desprovido de razão, vontade, liberdade e responsabilidade é tratá-lo não como humano e sim como coisa, fazendo-lhe violência nos cinco sentidos em que demos a esta palavra (CHAUÍ, 1998).

Considero importante salientar que, conforme as conceituações, nem toda violência é considerada *bullying*, porém todo *bullying* é uma forma de violência. Apesar de ambos serem um ato de brutalidade, incivilidade e causar dor e sofrimento à vítima, o *bullying* se diferencia por suas características peculiares, por sua repetição, intencionalidade, por não ter motivação aparente e por haver desequilíbrio de poder, pois normalmente a vítima não tem condições para se defender.

Esta problemática é abordada dentro da temática da violação dos Direitos Humanos, que tem sido muito disseminada e amplamente debatida dentro dos contextos escolares. É inegável que há interesses institucionais em pesquisas, desde instituições públicas, privadas, com objeto nas diversas formas de violência e na violação dos Direitos Humanos de adolescentes, no cotidiano escolar, tendo, como ponto central, as múltiplas formas de violência:

física, psicológica e simbólica, as quais estão presentes no contexto escolar e se materializam por meio do fenômeno *bullying*.

Este tema é pesquisado por diversas áreas do conhecimento e está inserido no campo de atuação do GPHSC – Grupo de Pesquisa Humanidades e Sociedade Contemporânea do IFMT, campus Cuiabá Bela Vista. O GPHSC é cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), há dez anos, cuja pesquisa, “Violação dos Direitos Humanos e *Bullying* no contexto escolar: diagnóstico e proposta de intervenção com base no empoderamento dos estudantes”, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 60165016.0.0000.5165/ Número do Parecer: 2.110.377), e sua primeira etapa ocorreu no período de agosto de 2016 a agosto de 2018.

Esta dissertação é um desdobramento das discussões realizadas pelo GPHSC, que apontaram para a relevante temática de violação dos Direitos Humanos de adolescentes no cotidiano escolar, tendo, como ponto central, as múltiplas formas de violência que estão presentes no contexto escolar. Um ponto importante desenvolvido foi o diagnóstico dessas formas de violência, que ocorrem entre estudantes e os processos (des) educativos podem gerar, sustentar, definir e conduzir a processos de transformação e/ou conservação social.

A motivação em abordar essa temática dentro da área de estudo em Ensino é pela multiplicidade de possibilidades de atuação na escola pelo viés da proposta interdisciplinar, devido à amplitude das temáticas que abrangem a Educação em Direitos Humanos que pode transitar transversalmente em todas as disciplinas, sustentada pela concepção de que a inserção da formação do cidadão em Direitos Humanos pode contribuir para um convívio social menos violento. Essa afirmativa é trazida pelos autores Silva e Silva, que conceituam que:

ao sustentarmos a urgência de revitalizar os direitos humanos na Educação Básica, defenderemos que o estudo da referida temática pode apresentar-se como um importante instrumento de justiça escolar. Ao mesmo tempo, considera-se que esse estudo pode mobilizar narrativas de reconstrução social para uma sociedade em que, cada vez mais, a incerteza, a flexibilidade e o individualismo passam a ser naturalizados nos processos coletivos de formação e convivência humanas (SILVA; SILVA, 2013, p. 488).

Diante da necessidade de combater a violência escolar que me propus investigar como essas violações podem alcançar um certo status de legitimação, cuja banalização pode desencadear em atos de violação aos Direitos Humanos que podem nem ser contestados. Norteadando essa discussão é que busquei compreender como as práticas do *bullying* e de violação de direitos humanos estão presentes nas relações cotidianas dos adolescentes do Ensino Médio do campus Cuiabá Bela Vista do IFMT.

Lopes Neto (2005) traz a concepção de que o *bullying* pode ser entendido como “um balizador para o nível de tolerância da sociedade com relação à violência”. Essa concepção chama atenção para a sensibilização da temática, pois “enquanto a sociedade não estiver preparada para lidar com o *bullying*, serão mínimas as chances de reduzir as outras formas de comportamentos agressivos e destrutivos” (NETO, 2005). Como contributo da presente pesquisa alerto para a construção de um currículo pautado na Educação em Direitos Humanos, que considero um desafio a ser enfrentado diante das demandas dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio do IFMT.

Essa realidade parte do entendimento de que as vivências e reflexões sobre os acontecimentos podem abrir canais de reflexões que proporcionem o encontro entre as produções sociais e a subjetividade que nelas existe, na qual os sujeitos se fortalecem e encaminham propostas para as mudanças de suas condições sociais, o que Certeau (1994) chama de *táticas de praticantes*.

Com a abertura desse diálogo é que busco articular o conhecimento com as práticas cotidianas escolares e a realidade dos sujeitos. Esta pesquisa qualitativa na perspectiva metodológica nos/dos/com cotidiano, que, segundo Lopes e Macedo (2011), dimensiona a concepção deste estudo como uma “recusa em lidar com a separação entre escola e os demais contextos de vida dos sujeitos”. Esta relação fortalece a necessidade de compreensão da tessitura dos contextos habitados que tecem uma rede de *saberesfazeres* e em múltiplos *espaçostempos*.

Rumando no universo da pesquisa, do cotidiano vivido e das relações humanas, é incerta a dimensão das descobertas. Motivo pelo qual é indispensável adentrar na discussão sem embasamento de teóricos que já vêm debatendo questões que me ajudarão a enxergar o encontrado com outro olhar e com mais sensibilidade. Os autores que trago como suporte são: Certeau (2004, 2013), com os conceitos que abrangem a arte de fazer o cotidiano, invenção e táticas; Abramovay e Rua (2002), para auxiliar a compreensão da violência na escola; Oliveira e Alves (2008) e Ferraço (2007), que têm fundamentado a concepção de pesquisa nos/dos/com os cotidianos da escola; Fante (2005) e Silva (2010), para me ajudar a entender a questão do *bullying* na escola; além de Silva (2015) e Morin (2000), que são aporte para debater a concepção de currículo e sua complexidade.

Para narrar um pouco do meu lugar de fala, considero pertinente à contextualização de que pertenço a esse lugar e vivencio esse contexto desde 2014, trabalhando como técnica administrativa – Pedagoga; que exerço papel atuante nas questões pedagógicas do Campus, voltado para acompanhamento aos docentes e discentes, além das práticas

administrativas/pedagógicas referentes ao cotidiano do Campus pesquisado. Filho (2007, p. 101) fala sobre o cotidiano do trabalho e o pesquisador quando,

no espaço e no tempo da pesquisa no/do cotidiano, nos quais a interrogação dos sentidos que damos à pesquisa é permanente, não há refúgio teórico nem prático que separe os olhos dos que veem daquilo ou daqueles que são vistos. Em outras palavras, penso que, em qualquer pesquisa nessa órbita, o pesquisador é inexoravelmente inseparável daquilo que investiga.

Esse tecido de relações que compõem a pesquisa foi alinhavado em quatro técnicas de coletas de informações, que se conversam e complementam, sendo elas: questionário *online*, entrevista com estudantes/bolsistas, entrevista com equipe multiprofissional e análise de documentos institucionais. Esse ciclo das vivências cotidianas é meu olhar enquanto pesquisadora, no qual busco a não dicotomia entre teoria e prática, mas analiso o que foi percebido para contribuir com a realidade praticada. A organização do trabalho está distribuída em três capítulos, que se desenvolvem da maneira a seguir.

No capítulo 1 *A Escola - Um cotidiano vivo e vivido*, descrevo a humanidade presente na escola, onde todos seus sujeitos são seres dotados de direitos e deveres, que transitam em um lugar comum, e que esses sujeitos precisam compreender a magnitude de ações práticas pautadas em respeito e tolerância. Uso a metáfora de Procusto – mito grego, para evidenciar a importância da tessitura das relações humanas de forma salutar. Nesse processo de conhecimento e reconhecimento evidencio a necessidade de ruptura com modelos legitimados historicamente de uma escola excludente e polarizada, para a vivência em um cotidiano escolar que seja construído a partir de relações de troca de conhecimento e convivência mútua. Neste capítulo conceituo currículo praticado, diálogo sobre o cotidiano escolar – suas possibilidades e os sujeitos praticantes, além de debate sobre o *bullying* e a violação de direitos humanos.

No capítulo 2 *A arte de se reinventar*, trago o aporte teórico e metodológico da pesquisa; apresento as etapas das coletas de dados, que contemplam quatro procedimentos, iniciando com questionário *online*, seguido pela entrevista com as estudantes/bolsistas; em outro momento, a entrevista com a psicóloga e a assistente social do campus pesquisado; e, por último, a análise dos documentos oficiais do IFMT campus Cuiabá - Bela Vista. Analiso o currículo da escola por meio de documentos institucionais existentes - Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI, com ênfase no capítulo que trata do Projeto Pedagógico Institucional – PPI e do PPC - Projeto Pedagógico do Curso, para compreender as estratégias pedagógicas em relação à violência no âmbito escolar.

Neste mesmo capítulo busco compreender os tipos de violência praticados nesse cotidiano escolar. Com base na Lei nº 13.185 (2015), que estabelece o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todo o Brasil, trago alguns objetivos do referido programa, destacando formas de prevenir e o combate à prática da intimidação sistemática (*bullying*) em toda a sociedade; perpassado pelo caminho da capacitação docente e das equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema; a instituir as práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores; a assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores; promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (*bullying*), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por estudantes, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar.

A partir do questionário *online*, e após a tabulação dos dados, houve a construção de um modo de análise ao se categorizar as perguntas fechadas por blocos, juntando por meio das contribuições de Fante (2005), quando define os tipos de *bullying* existentes; partindo disso, o que permitiu que houvesse um olhar do micro para o macro e identificar os possíveis tipos de *bullying* e/ou demais tipos de violências praticados no campus da pesquisa, como violência por orientação sexual, aparência física, verbal, exclusão social no ambiente escola, racial, física, sexual, danos morais e materiais, além do *cyberbullying*.

No capítulo 3 *Experiências vividas*, exploro os conceitos de mecanismos de resistência, pautados no protagonismo jovem e no empoderamento dos mesmos; apresento algumas ações que foram praticadas no decorrer do estudo e a mobilização do grupo de pesquisa e comunidade escolar para sensibilização da temática.

O protagonismo jovem se vê como elemento que contribui para a solução dos desafios individuais e coletivos; porém, esse não acontece de uma forma natural, o Instituto de Corresponsabilidade pela Educação (ICE) chama a atenção para a oportunidade que os jovens precisam ter para desenvolver sua criatividade e capacidade de invenção/criação. (ZIMMERMAN, 2015).

Chalitta (2008) pondera que palestras ou debates isolados podem não ter o efeito de uma construção coletiva que fortaleça os vínculos de respeito e de ética em combate a problemáticas da sociedade; nesse caso, combatendo atos de incivildades e violências, pois, segundo o autor, “a violência não tem espaço próprio, ela só ocupa os ambientes que a amizade ainda não ocupou. Logo o cultivo das relações faz com que ela deixe de existir” (*idem ibid.*, 2008, p.15). Pensar em erradicar a violência da sociedade por meio dos relacionamentos de amizade,

respeito e cooperação pode aparentar, em uma primeira leitura, como uma proposta utópica, mas, para o autor, é um caminho possível para minimizar seus impactos negativos por meio de uma rede de apoio.

Neste contexto é que venho tecendo as redes de uma pesquisa relevante do ponto de vista acadêmico, social e científico, devido à emergência nas discussões e em ações que mitiguem esse mal da violência escolar, materializado por meio do *bullying*, que fere os princípios constitucionais dos Direitos Humanos.

1 A ESCOLA - UM COTIDIANO VIVO E VIVIDO!

1.1 ESCOLA, UM LUGAR DE GENTE

O poema de Paulo Freire, em epígrafe a esta dissertação, retrata muito bem a concepção de que todos os sujeitos praticantes do cotidiano escolar são SERES HUMANOS, pessoas, cidadãos, complexos em suas singularidades, múltiplos em sua existência, distintos em suas histórias de vida, vastos em suas possibilidades, dotados de valores, crenças, particularidades e subjetividades.

Neste ser “gente”, no poema de Freire, existe um comportamento antagônico que será representado pelo *Mito de Procusto*, que será o contraponto da concepção humanística trazida por uma escola repleta de gente lidando com gente, que diz o seguinte: Reza a lenda que Procusto tinha uma cama de ferro do seu tamanho exato. Todos aqueles que albergavam em sua casa, eram obrigados a deitar-se na sua cama. Se os viajantes não coubessem na cama, eram cortados ou esticados, consoante fossem altos ou baixos demais.

Nunca nenhum viajante se adaptava a cama, porque secretamente, Procusto possuía duas camas de tamanhos diferentes. Procusto manteve este terror por muito tempo até ser capturado por Teseu que o condenou ao mesmo terror que ele aplicava aos seus hóspedes - prendeu-o à sua própria cama e cortou-lhe a cabeça e os pés.

Fico imaginando Procusto, quando mais jovem, frequentando uma instituição de ensino, se vendo obrigado a conviver com sujeitos de “vários tamanhos”, diferentes do seu. Será que aí começou a medir as pessoas por suas próprias medidas? A mitologia grega não relata todo o percurso vivido por Procusto, não sabemos em que momento de sua vida iniciou sua fixação por pessoas iguais, mesmos padrões e a mesma forma. Usar a *cama de ferro* é uma estratégia utilizada por pessoas que, ainda hoje, têm o que chamo aqui de *síndrome de Procusto*, que insistem em manter vivos seus pensamentos e atitudes, impondo-os aos que estão ao seu redor, pois o mesmo não está preocupado com os outros, está ocupado consigo próprio.

O ser egoísta e intolerante me remete a refletir sobre a sociedade em que vivemos, na qual ainda encontramos pessoas que têm uma visão de mundo centrada em interesses e necessidades próprias, podendo ser insensível com as questões do outro, irrefletido, inflexível, insensível e injusto, distante de questões de ética e valores, pois, afinal, existe na mentalidade de Procusto o desejo de impor aos outros um determinado padrão, uma matriz pré-determinada, que podemos sintetizar como um comportamento de intolerância humana e desrespeito. Cada um de nós tem o direito de ver o mundo como lhe parece e viver como lhe apraz; desde que não

fira os princípios democráticos, que estabelecem a convivência harmoniosa entre todos, desde que não infrinja o direito do outro.

Nesta mitologia, Procusto termina sendo medido em sua própria cama, onde foi “esticado” por Teseu, que encerrou a saga de barbáries e crueldades praticadas por esse mito que simboliza a intolerância.

Usei a metáfora do mito de Procusto para explicar algumas situações vivenciadas por estudantes que vivem conflitos escolares ocasionados por situações em que outros estudantes deixam de partilhar o espaço coletivo com igualdade, respeito e tolerância, contudo, ainda existe uma cama de ferro para que quem está fora de padrões pré-estabelecidos tenha que “se deitar” na mesma e ser medido com a medida de outrem. Enfatizo que existe a necessidade de criação de estratégias de “Teseus”, que são pessoas preocupadas em enfrentar os “Procustos”. Essas *estratégias de enfrentamento* extrapolam a ideia de “cortar a cabeça” do agressor, por meio de punições ou exclusão do ambiente escolar; parte da ideia de construir coletivamente mecanismos e estratégias que partam da reinvenção das ações que tragam ao jovem o protagonismo que necessita para enfrentar os percalços causados pelo *bullying* e qualquer outra forma de violência e violação de direitos.

Uma marca dos indivíduos com o pensamento *Procusteano* é tratar de forma inferiormente distinta a quem é diferente de si, podendo praticar atos de violências tão cruéis e insanos quanto a ações relacionadas ao *bullying*, que podem ser o ato de subjugar, oprimir, maltratar, ofender, excluir, debochar, tyrannizar, envergonhar, caluniar, e outras situações de abuso que promovem um clima hostil e desumano no ambiente escolar. O papel de Teseu pode ser assumido por pessoas preocupadas não apenas em punir situações de incivilidade e de desrespeito, mas de propor ações pelas quais os responsáveis reflitam sobre suas práticas e posturas frente à multiplicidade de facetas da violência, que podem ser multifatoriais, internas e externas à escola.

Esta situação é uma violência praticada no ambiente escolar e, segundo Abramovay (2002), tem variáveis endógenas e exógenas, que são relativas ao interior e exterior aos muros da escola, com influência de outros ambientes e instituições pelas quais os estudantes transitam. A autora traz como aspectos exógenos algumas questões que precisam ser consideradas pela escola, para compreender seu meio, como: questões de gênero, relações raciais, situações familiares, influências da mídia, espaço social onde a escola está inserida. Como aspectos endógenos, leva em consideração a idade e o nível de escolaridade do estudante, trata da importância das regras e disciplinas dos projetos pedagógicos propostos pela escola e o impacto

do sistema de punição apresentado pela mesma, e considera a questão do comportamento do professor com o estudante, além da prática educacional em geral.

Também traz rica contribuição quando relaciona vários aspectos que podem ser observados na tratativa das questões da violência, pois a mesma não poderia ser tratada como um fato isolado e desconexo; isso demanda um olhar multidimensional por meio de práticas transdisciplinares, que permitem uma visão contextualizada sobre os fatos e que enxerguemos a situação real, não mais como um vulto, onde punir, julgar e excluir sejam a alternativa para o real problema.

Num mundo polarizado entre “Procustos” e “Teseus”, entre o bem e o mal, encontramos relações que precisam se estabelecer de forma salutar e benéfica, onde exista não apenas polarização entre isso ou aquilo, este ou aquele, entre mocinhos ou bandidos. A escola se constrói como um espaço de formação onde sua experiência nos remete a um lugar de pensar, viver, conviver e existir; numa inter-relação no e do cotidiano, que engendra transformações as mais diversas, não cabendo em polos e oposições.

As barbáries narradas no mito de Procusto revelam que a diferença pode ser vista como um problema, tornando-se um exemplo claro da necessidade da educação voltada para tolerância e direitos humanos, que está intrinsecamente relacionada à forma de concepção da diversidade, da cultura e da construção da identidade dos sujeitos – tema que deve ser tratado como matéria escolar; quiçá verdadeiramente justifique o existir da escola, que cada vez mais deve questionar a mera exposição de conteúdos a que submete àqueles que acabam por se tornarem facilmente em Procustos.

Esta concepção de que existem várias culturas e cada uma com sua identidade, é fundamentada por Silva (2009), quando afirma que essas diferentes culturas não precisam ser opostas ou excludentes. O mesmo traz o conceito da inexistência da hegemonia de uma cultura sobre a outra, quando aborda a necessidade de que atualmente se faz indispensável pensar em uma maneira de conviver com o “diferente” de maneira que possa haver troca de conhecimento e convivência mútua.

Essa necessidade de proteger o ser humano por meio da garantia de seus direitos é que culmina com a Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1948; isso desencadeou um processo de mudança no comportamento social e a produção de instrumentos e mecanismos internacionais de direitos humanos que foram incorporados ao ordenamento jurídico dos países signatários. Esse processo é até hoje a base dos atuais sistemas de proteção dos direitos humanos.

Como o Brasil é signatário da Declaração de Direitos Humanos e pelo Comitê Nacional de Direitos Humanos (CNEDH) construiu alguns documentos que legitimam e garantem ao cidadão Brasileiro seus direitos e deveres enquanto ser humano; dentre eles está o Programa Nacional de Direitos Humanos, o PNEDH, que tem como princípio a afirmação dos Direitos Humanos como:

(...) universais, indivisíveis e interdependentes e, para sua efetivação, todas as políticas públicas devem considerá-los na perspectiva da construção de uma sociedade baseada na promoção da igualdade de oportunidades e da equidade, no respeito à diversidade e na consolidação de uma cultura democrática e cidadã. (PNEDH, 2007, p. 11).

Então somos conscientes de que vivemos em um país que traz em seu bojo a educação em Direitos Humanos como um fundamento inquestionável e que declara mundialmente que promove ações que visam o respeito às particularidades do ser humano e a sua igualdade, independente de credo, cor, gênero, religião, entre outras características que nos define. Silva (2009, p. 42), afirma que a espécie humana é a essência do ser humano, isto implica em dizer que ser negro, branco, índio, nordestino, judeu, dentre outras culturas e etnias, não altera nossa condição primordial.

Este entendimento nos revela que ensinar valores na escola nos garante a condição de sermos únicos e incomparáveis, além de perceber que são as diferenças que nos constituem e não nossas semelhanças, e isso é assegurado pelas nossas leis brasileiras que, na esfera legal nos defenderiam, de ações que seres com síndrome de “Procusto” realizam; basta dialogar com os seres que fazem o cotidiano escolar para perceber como esta realidade tem sido vivenciada.

1.2 O COTIDIANO ESCOLHIDO PARA VIVENCIAR

O Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), Campus Cuiabá - Bela Vista é um dos dezenove Campus do Estado. Foi inaugurado em 13 de setembro de 2006 e teve o seu funcionamento autorizado pela Portaria Ministerial nº 1.586, de 15 de setembro de 2006. Nesse período funcionava como uma extensão do Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso (CEFET-MT), que passou a ser denominado campus com a lei de criação dos institutos, Lei nº 11.892, de 29 de setembro de 2008. Vinculado ao Ministério da Educação, possui natureza jurídica de autarquia, sendo detentor de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar.

O Campus possui uma área total de 70.000 m², sendo 12.926 m² de área construída, e está situado na capital do Estado, no Bairro Bela Vista, na Avenida Juliano Costa Marques, esquina com a Avenida Oátomo Canavarros, em uma região que possui comunidades com baixo índice de desenvolvimento, com dificuldade para acesso aos serviços públicos básicos, e também bairros vizinhos de classe média alta, refletindo a realidade de contrastes sociais existentes em praticamente todo o país.

Outro aspecto relevante é o fato de estar situado em área de proteção ambiental, Parque “Massairo Okamura”, o que permite ter uma vasta área livre e arborizada. O IFMT – Campus Cuiabá Bela Vista vem ao encontro do atendimento de uma demanda do país, com o intuito de expandir e fortalecer o vínculo da instituição com a sociedade da qual faz parte.

O Campus atua na oferta de cursos técnicos ligados aos eixos tecnológicos de Produção Alimentícia, Produção Industrial, Recursos Naturais e cursos tecnológicos ligados aos eixos Ambiente e Saúde, Produção Alimentícia e Educação, por meio da oferta dos cursos de Licenciatura em Química, Matemática e Pedagogia, na modalidade Educação a Distância (EaD), em sete polos espalhados por diversas regiões do Estado.

Com o plano de expansão da Rede Federal e Tecnológica e para atender à missão do IFMT, o Campus hoje tem sua estrutura e corpo docente e técnico-administrativo preparados para atender aos seguintes cursos da educação profissional e tecnológica, no nível médio: Técnico em Química integrado ao nível médio; Técnico em Meio Ambiente integrado ao nível médio; Técnico em Química subsequente e Técnico em Alimentos subsequente. No nível superior oferece: Tecnologia em Gestão Ambiental e Engenharia de Alimentos, além da Licenciatura em Química e Matemática. A Pós-graduação oferta o Mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos, além da Especialização em Inovação e Empreendedorismo para negócios sustentáveis.

Como o foco da pesquisa são os adolescentes e jovens dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, delimitarei como sujeitos participantes da pesquisa os estudantes dos cursos técnicos em Meio Ambiente e Química integrados ao Ensino Médio, por serem sujeitos da pesquisa realizada pelo GPHSC e contemplarem todos os estudantes pesquisados no Campus.

Os estudantes dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio do Campus Cuiabá - Bela Vista, passaram pelo período delimitado da pesquisa pela reformulação dos cursos que ocorreu em 2015 e entrou em vigência no primeiro semestre de 2016; portanto, duas matrizes estavam em andamento nos últimos 3 anos, a matriz antiga formará seus últimos estudantes no final de 2018.

Após a reformulação em ambos os cursos, são ofertadas 35 vagas com entradas semestrais, para as quais os estudantes concluintes do Ensino Fundamental, que queiram concorrer a uma vaga, se submetem a um exame de seleção que ocorre semestralmente. O candidato à vaga participa de uma avaliação com questões de Língua Portuguesa e Matemática. Os interessados concorrem para as vagas por meio de reserva de cotas baseadas em seu perfil sócio econômico, etnia, por ter estudado em escolas públicas ou ser pessoa com deficiência (PcD). Sendo 60% das vagas destinadas ao público com esses perfis, as demais vagas são para a categoria listagem geral, onde todos os interessados em cursar em uma instituição pública e gratuita, com a formação de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio podem se inscrever. Essas normatizações de ações afirmativas foram “estabelecidas na *Lei 12.711/2012*, com alterações introduzidas pela *Lei 13.409/2016*, no *Decreto 7.824/2012*, com alterações introduzidas pelo *Decreto 9.034/2017*, na *Portaria Normativa 18/2012*, *Portaria Normativa 21/2012* e alterações introduzidas pela *Portaria Normativa 9/2017* (item 7 Reserva de vagas)” (Extraído:<<http://processoseletivo.ifmt.edu.br/conteudo/pagina/faq/>> IFMT – Perguntas frequentes, 2018).

Para mostrar um pouco o cenário dos cursos, faço um breve relato de como os cursos são estabelecidos nessa instituição. Todos os cursos são delineados por seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC), traçando o perfil do egresso, as ementas das disciplinas e demais ações que estabelecem o perfil do curso.

A princípio, o Curso Técnico em Química, integrado ao Ensino Médio, foi o implementado em 2010, por meio da implantação do PPC que foi aprovado pela PROEN em 30/10/2009. Este curso foi ofertado até sua reformulação em 2015 e teve início em 2016.

O primeiro PPC do Curso Técnico em Química tinha uma carga horária de 3.444 horas, distribuídas em 8 semestres, e tinha a oferta de 25 novas vagas por turma. O curso era oferecido no período vespertino, sendo ofertada uma turma por semestre, e tinha por objetivo

formar técnicos de acordo com as tendências tecnológicas da região, em consonância com as demandas do setor produtivo, despertando e desenvolvendo nos profissionais o espírito de empreendedorismo, habilitando-os a diagnosticar e solucionar problemas dentro de uma visão integrada dos demais aspectos técnico-científicos e práticos. (PPC Química, 2009, p. 08).

O curso foi reformulado em 2015 e teve sua primeira turma no início em 2016, com a carga horária de 3.689 horas, distribuídas em 6 semestres, tendo o aumento de 245 horas, que é ofertada em período integral (matutino e vespertino) em 3 anos, com a oferta de 35 vagas por semestre, sendo duas entradas anualmente – uma no início e outra no meio do ano. O curso tem por objetivo:

Formar profissionais capazes de realizar, dentro das normas de segurança, ambientais e de saúde, o planejamento, a coordenação, a operação e o controle de processos industriais e equipamentos utilizados nos processos químicos, manipulando matérias-primas e produtos. (PPC Química, 2015, p. 16).

O Curso Técnico em Meio Ambiente foi implementado em 2007, sendo aprovada a primeira mudança no PPC em 23/10/2009. Este PPC ficou em vigência no período de 2009 a 2015. O mesmo tinha a carga horária de 3.500 horas, além do estágio ou projetos ambientais com 360 horas, com carga horária total de 3.860 horas; com a duração de 4 anos, o curso era anual e ofertava apenas a entrada no início do ano, com oferta de 2 turmas, com 35 estudantes cada, e as aulas ocorriam apenas no período vespertino. O objetivo do Curso Técnico em Meio Ambiente era de

capacitar profissionais capazes de atuar no reconhecimento, avaliação e gerenciamento das questões ambientais, visando à utilização de procedimentos para melhoria contínua, na implementação de projetos ambientais nas esferas pública e privada, envolvendo as áreas da assistência técnica às empresas, pesquisa aplicada e educação ambiental. (PPC Meio Ambiente, 2009, p. 07).

Houve uma demanda para que o curso fosse alterado para atender as novas expectativas de formação do Técnico em Meio Ambiente; após a reformulação do curso, a partir de 2016 foi estabelecida a carga horária de 3.689 horas, com uma redução de 171 horas com relação à matriz anterior. O curso agora é ofertado com 6 semestres de duração (3 anos), com aulas em período integral (matutino e vespertino). O curso reformulado traz como objetivo do curso

formar profissionais com competências e habilidades para atuar nas áreas de educação, preservação e recuperação ambiental, tratamento de águas de abastecimento e industriais, tratamento de efluentes e de emissões gasosas e gerenciamento de resíduos. (PPC Meio Ambiente, 2015, p. 14).

As reformulações dos cursos trouxeram uma nova realidade ao Campus; agora os estudantes dobraram sua jornada de estudos com a realidade de cursos de 04 anos serem ofertados em 03 anos. Os estudantes passam, desde 2016, a maior parte de seu tempo na instituição de ensino. Fazem suas refeições juntos, desfrutam de mais espaços da instituição e exigem uma demanda maior de atenção por parte da instituição, pois necessitam, além do trabalho em sala de aula, de estrutura física que suporte suas demandas das rotinas de cursos integrais, enquanto equipe técnica, equipe multiprofissional, orientação disciplinar e auxílio estudantil. Considero esse um ponto que merece destaque, pois as demandas dos cursos trouxeram um público que precisa se adaptar a uma jornada extensa de atividades, que pode ocasionar mudança no comportamento dos estudantes.

A rotina dos estudantes dos cursos reformulados em 2015 é variável de acordo com o semestre que cursa: nos quatro primeiros semestres as aulas ocorrem integralmente das 07h00m da manhã até às 11h30m, sendo intervalo para almoço até às 13h00m quando retornam para a aula vespertina que ocorre até 17h30 e que, uma vez na semana, vai até às 18h20m.

Os estudantes dos dois últimos semestres cursam as aulas apenas em um período; em 2017 o turno foi vespertino e em 2018 cursaram no matutino, pois esse período sem aula é disponibilizado para realização de estágio ou outras atividades que promovam sua formação, como cursos preparatórios e de língua estrangeira.

Esta rotina traz uma alta e densa carga de estudo, perfazendo 41 horas semanais nos quatro primeiros semestres, fora as atividades, como tarefa, preparação de seminários e outros trabalhos referentes às aulas assistidas.

Uma estudante do 6º semestre do Curso de Meio Ambiente relata sua trajetória escolar, lembrando que nunca havia estudado em período integral e sentiu dificuldade de adaptação, considerou que o primeiro semestre foi importante para sua permanência na instituição, pois gostou muito da escola, dos colegas e dos professores; essa identificação foi importante para que obtivesse êxito nos estudos. A mesma disse que era tudo muito diferente, mas que estava gostando do desafio. A estudante relata que sentiu mais dificuldades no segundo semestre, pois teve 16 disciplinas que considerou mais difíceis, por serem conteúdos técnicos a que não era familiarizada, e as que eram do núcleo comum considerou com muito conteúdo, e isso gerou uma sobrecarga de estudo, e considerou que teve pouco tempo para descanso, pois a hora do almoço e a maior parte do período noturno eram utilizadas para realização das tarefas acadêmicas, na qual a mesma se sentia exaltada e isso gerava muito cansaço durante o dia; porém, a mesma conseguiu obter bons resultados e relata que, apesar da rotina exaustiva, passou por todos os semestres sem dependências, que são geradas caso o estudante reprovasse em alguma disciplina, que deveria ser cursada novamente no semestre seguinte, aumentando a quantidade de disciplinas no semestre seguinte, que pode acarretar em uma sobrecarga maior ao estudante.

A estudante relata que mora longe da escola, aproximadamente 20km, e depende de dois ônibus para chegar à mesma. Relata que saía às 05h30m da manhã de casa, muitas vezes tinha atrasos e entrava apenas na segunda aula. Essa situação, segundo a estudante, ocorria com outros colegas; a partir de conversa com a coordenação no semestre seguinte a aula passou a ter início às 07h50m, o que, segundo ela, auxiliou muito aos estudantes. A estudante saía da escola entre 16h40m a 18h20m dependendo do dia da semana, pois a mesma tinha 4, 5 ou 6 aulas no período vespertino, porém, com seu trajeto chegava em casa, em alguns dias,

aproximadamente às 21h00m. A estudante ficava dois dias da semana até as 19h30m, pois participava dos treinamentos esportivos, o que, segundo a mesma, se tornou sua grande paixão e motivava ter bom rendimento escolar para poder participar dos Jogos dos Institutos Federais (JIFs) e viajar para outras cidades representando seu campus.

Nos dois últimos semestres a estudante relata que foi estagiária na própria instituição de ensino: estagiava no período matutino, almoçava na própria instituição e no período vespertino estava em atividades escolares. A mesma registra que essa possibilidade de estudar e trabalhar promoveu uma visão mais ampla sobre seu futuro profissional; a mesma diz que “foi uma oportunidade muito rica e proveitosa, porque tive que lidar com duas situações no mesmo local, onde tinha que lidar como profissional e estudante, distinguindo os dois papéis e me deu muita noção sobre como agir em situações diferentes”.

A mesma relata que está se formando e que o tempo no IFMT foi muito enriquecedor e acredita que recebeu uma excelente formação escolar; sente-se tranquila para cursar uma universidade, pois o ensino que recebeu não se resumiu apenas a conteúdos escolares, já que participou de pesquisas, participou de congressos e dos Jogos dos Institutos Federais (JIFs), se sentindo realizada por tudo o que aprendeu dentro da Instituição.

Fazendo um paralelo, trago a rotina de uma estudante concluinte do Ensino Médio da matriz de 2010, que encerrou a última turma em 2018/2.

A estudante do 4º Ano do Curso Técnico em Meio Ambiente integrado ao Ensino Médio ingressou no IFMT com 16 anos de idade. Relata que nos primeiros anos ela precisava sair de casa às 10h30m da manhã para chegar na escola às 12h30m; vinha sem almoçar, pois não conseguia almoçar em casa, por ter que sair muito cedo; muitas vezes trazia o almoço ou se alimentava com almoço ou lanche ofertado pela cantina. A estudante iniciou estágio fora da escola a partir do 3º ano, isso fez com que começasse a chegar mais tarde e tinha alguns atrasos nas aulas, que não trouxeram prejuízos à mesma, pois teve bom desempenho escolar e não cursou dependências por ter reprovado de alguma disciplina. A estudante cursou 4 anos, encerrando em 2017/2 seu período acadêmico.

A estudante era engajada em atividades de pesquisa, participou do PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, na disciplina de Geografia por um período letivo, logo em seguida ingressou como bolsista no grupo de pesquisa – GPHSC. A mesma participou de eventos externos para apresentação de trabalhos científicos, como Congresso Nacional de Meio Ambiente e Congresso de Gestão Ambiental; segundo ela, foi oportunidade ímpar para seu crescimento enquanto discente e auxiliou na escolha de seu curso universitário: hoje cursa Engenharia Sanitária e Ambiental na UFMT.

A discente ainda era envolvida com atividades esportivas: duas vezes na semana participava dos treinos de basquete que lhe oportunizaram a participação nos Jogos do Instituto Federal etapa regional. Esses treinos faziam com que a estudante permanecesse na instituição até 20h30m, e a mesma relata que em muitos dias participava de grupos de estudos organizados pelos colegas da sala, para que pudessem fazer os trabalhos e estudar para a prova com a ajuda dos estudantes que tinham mais facilidades com os conteúdos estudados, porém apenas no período noturno, pois pela manhã o tempo era utilizado para o trabalho, pois precisava auxiliar nas despesas de casa.

Durante a pesquisa percebemos que a rotina escolar foi determinante para a permanência ou solicitação de transferência da instituição, pois houve solicitação de 24 transferências externas no ano de 2017 e 15 no ano de 2018, segundo dados obtidos pelo sistema acadêmico da instituição.

Quadro 01 - Transferência externa 2017/2018

2017/1	Química	05
	Meio Ambiente	13
2017/2	Química	03
	Meio Ambiente	03
2018/1	Química	03
	Meio Ambiente	07
2018/2	Química	01
	Meio Ambiente	04

Fonte: Sistema Acadêmico – Secretaria Escolar (2019).

Nesses números estão embutidas informações, como mudança de Cidade/Estado, falta de adaptação ao curso, situações de conflito em sala de aula e transferências de estudantes por problemas disciplinares. O IFMT tem um Programa de Permanência e Êxito instituído como Política Institucional, e o Campus Cuiabá Bela Vista tem uma comissão designada para as tratativas e acompanhamentos dos casos por meio de um plano de ação que foi construído coletivamente e está sendo implementado para minimizar os impactos da evasão no Ensino Médio.

Considero importante mencionar que nem sempre os efeitos de uma rotina de aula integral são os mesmos em estudantes que mudam a organização de suas vidas – implica a

rotina de toda a família - em função do estudo em tempo integral. Muitos estudantes ingressantes precisam de apoio maior para avançar nos estudos, pois cada sujeito é único e tem uma demanda e expectativa de vida diferentes uns dos outros, o que os tornam únicos e complexos.

1.3 A IDENTIDADE DO IFMT

É pertinente compreender a visão do Instituto Federal de Mato Grosso acerca desse cotidiano vivido. O IFMT professa sua identidade institucional pelo Plano de Desenvolvimento Institucional, que é reformulado a cada cinco anos; o utilizado neste estudo é o que está em vigor no período de 2014-2018. Ele apresenta suas políticas de educação e Direitos Humanos como valores, relações e práticas sociais e institucionais, numa perspectiva que não dissocie conhecimento, atitude, sentimento e prática, pautando-se em fundamentos que tenham uma concepção ética e crítica da educação. No que se refere à Pedagogia, esta deve ser participativa e dialógica, sendo relevante para este estudo a compreensão sobre a investigação necessária para a percepção da mesma, extrapolando as fronteiras institucionais, por meio da cientificidade da pesquisa e de seu relevante papel social.

Conforme mencionado, faz-se o recorte temporal de cinco anos (2014-2018), portanto o período de vigência do Plano de Desenvolvimento Institucional do IFMT é um período em que as discussões sobre o *bullying* já são conhecidas pelos estudantes, docentes e comunidade escolar.

Para o desenvolvimento deste trabalho foi necessário focalizar a proposta de trabalhar a temática de violência escolar, *bullying* e violação de Direitos Humanos como temas transversais nos cursos integrados de Meio Ambiente e Química do IFMT campus Cuiabá - Bela Vista. Considerando uma perspectiva de currículo transdisciplinar, na qual o ensino na área de ciências naturais se estabeleça em conjunto com a complexidade do mundo globalizado, numa relação bilateral, a partir da concepção integral do ser humano. Neste sentido, proponho repensar o modelo tradicional da escola, que parte da prática embasada no paradigma da complexidade, na qual se pressupõe que o estudante faz parte da construção do conhecimento racional, sem deixar de fora as emoções, sentimentos e intuições.

Esta é uma noção aprofundada por Morin (2000), ao propor que repensemos nossa condição de ensinar o ser humano: com razão e sensibilidade, razão e emoção; o autor diz para se “ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade” (MORIN, 2000, p. 93). Este pensamento educacional, que

abarca a transversalidade como motriz de suas ações educativas, trata do conhecimento de forma integrada entre várias áreas do saber. Neste cenário é necessário que haja uma reformulação nas ações educativas, se que reconheça que a aprendizagem se tornou mais complexa, envolvendo um ensino mais amplo. A educação promove o equilíbrio entre a intuição e a razão quando considera a complexidade do ato educativo a partir da aprendizagem significativa, mais humanizada e voltada para o social, para o respeito às diferenças e com garantia dos direitos do ser humano.

A complexidade da educação, que é trazida por Morin (2000), traz o diálogo como um princípio que aproxima os antagonísticos, admitindo que os “opostos são complementares”, sendo indissociáveis e indispensáveis, contribuindo para a percepção de que uma educação viável é fortalecida por meio da busca pela formação integral do ser humano, ou “totalidade humana” aberta, sem os fragmentos incomunicáveis.

Neste sentido, entendo essas discussões como de grande relevância social e científica, que podem ser debatidas no contexto do IFMT, percebendo que é relevante e necessário trabalhar com temas transversais, dentro de um currículo pré-formatado por meio de seus Planos de Curso, que são pensados na formação do estudante técnico e apto a exercer suas atividades profissionais após sua formação escolar, que, no caso desta pesquisa, estão relacionados às áreas das ciências da natureza.

1.4 TECENDO REDES E PARCERIAS

Neste cenário apresentado teço parcerias para desenvolver esta pesquisa e crio redes de relações entre os sujeitos praticantes e o cotidiano escolar, no sentido de ampliar o diálogo na pesquisa nos/dos/com os cotidianos na escola, para ter outro olhar e sensibilidade para perceber e conviver no universo escolar, não apenas olhar de longe esse universo, mas vivenciar, caminhar junto e compartilhar experiências, anseios e alegrias.

A partir desse panorama, descrevo os sujeitos envolvidos, o *lócus*, o contexto e possíveis percalços encontrados, mas compreendo que, diante do contexto que estou vislumbrando, encontrei sujeitos que não visam apenas uma formação para o trabalho, mas cidadãos que possuem direitos e deveres, desde o seu nascimento, e que precisam ser garantidos pela Instituição de Ensino da qual fazem parte, que promova sua formação integral.

O IFMT traz, em sua razão de existir, a Missão de “formar para a vida e para o trabalho”, que entendo como ações indissociáveis, não podendo suprimir uma (formar para a vida) em

detrimento da outra (formar para o trabalho), portanto, formar para a VIDA é fundamental para o IFMT não apenas preparar para o mercado de trabalho.

Os próprios PPCs dos cursos trazem essa afirmativa como identidade institucional, que apresenta sua concepção de que a missão do IFMT visa proporcionar a formação humana, quando declara,

É missão do IFMT: “Educar para a vida e para o trabalho.” No cumprimento de sua missão, o IFMT oferecerá formação científica, tecnológica e humanística nos vários níveis e modalidades de ensino, pesquisa e extensão, de forma plural, inclusiva e democrática, pautada no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional, preparando o estudante para o exercício da profissão e da cidadania, com responsabilidade ambiental. (PPC Química, 2015, p. 10).

Formar para a vida abarca a questão que trago como problema desta pesquisa, onde visio compreender: como a violência escolar, as práticas do *bullying* e de violação de direitos humanos estão presentes nas relações cotidianas dos estudantes adolescentes do IFMT Campus Cuiabá Bela Vista?

Esta questão intriga pelo fato de perceber que na vivência do cotidiano escolar é notório que os estudantes já sofreram algum tipo de violação de direitos por meio da prática do *bullying* e que, diante da necessidade de um enfrentamento da violência escolar, questiono como ações de violências e violações de direitos alcançam certo status de legitimação, cuja banalização dos atos de agressões faz com que estes atos passem a não ser contestados e até mesmo naturalizados dentro do ambiente escolar. É o que investigo: como o currículo escolar praticado no IFMT Cuiabá - Bela Vista pode ser usado como estratégia de enfrentamento à violência escolar, que ocorre como *bullying* e/ou violações de Direitos Humanos?

Quanto ao reconhecimento de que ocorrem tipos de violência no ambiente escolar, o Plano de Desenvolvimento Institucional do IFMT aborda as temáticas de direitos humanos, propostas contextualizadas de trabalho pedagógico, interdisciplinaridade e respeito às diferenças como um objetivo comum, a saber, a geração de conhecimentos socialmente referenciados. Nesse contexto, a autonomia do IFMT pode ser compreendida em suas dimensões social e política, balizando a sua capacidade em aplicar tais conhecimentos no atendimento à sociedade. Esta afirmação em documento institucional justifica a investigação da proposta de atuação no próprio IFMT e avaliação da sua efetividade, verificando se realmente está se alcançando este objetivo e o que se tem feito em relação a estas temáticas. Pois, conforme o art. 2 da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma,

religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição. (ONU, 1948, s/p).

Esta afirmativa vem ao encontro dos anseios dos estudantes de serem vistos como sujeitos que devem ser respeitados, independentemente de sua condição, opção e orientação, pois todos precisam ser tratados apenas como SER HUMANO e não classificados por cor, credo, aparência física ou orientação sexual.

Neste contexto é que entendo que a escola é, depois da família, o mais importante ambiente de socialização, sendo o espaço onde estudantes passam boa parte do tempo. Tendo a mesma a função de educar, proteger e aprimorar seus estudantes no que se refere aos valores, ao respeito e ao exercício da cidadania e do direito de todos. Clementino Silva (2009) cita que os PCNs preconizam que um papel da escola, na formação do estudante, é que o mesmo não desenvolva somente a capacidade de “acumular”, “adquirir”, “reter” ou desenvolver habilidades técnicas, mas seja capaz de observar e praticar alguns valores considerados fundamentais para a convivência humana. Esse é um desafio que não tem sido fácil de enfrentar, já que os índices de violência têm se mostrado cada vez maiores no contexto da escola brasileira.

A escola é chamada de uma microssociedade por Silva (2010), que, segundo a autora, tende a reproduzir, em maior ou menor escala, a sociedade como um todo. Nesta organização existe uma hierarquia escolar, onde há uma engrenagem funcional e administrativa da instituição em que os seus sujeitos têm seus papéis, para que possam exercê-los de forma eficiente e solidária, numa forma de preparação para seu percurso à vida de adulto.

Nesta engrenagem funcional da escola que prepara para a vida adulta, me deparo com o currículo escolar, que possui uma ampla literatura que debate as concepções da mesma e nos remete a compreendê-lo sob diversas óticas, mas quero me deter a um currículo que já superou várias fases de sua existência, que superou a compreensão de um currículo como uma atividade técnica e administrativa, que é hoje tida, como nos apresenta Silva (2015), como:

... lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja a identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade (SILVA, 2015, p. 150).

O entendimento de que o currículo extrapola a especificação e a seleção de conteúdo, objetivos, metodologias e avaliações que podem ser precisamente medidos. Ele envolve uma concepção mais ampla e complexa, que parte do fundamento de que os indivíduos acessam um currículo que visa a sua formação humana plena.

Essa formação mais ampla perpassa pelo desenvolvimento de saberes que são construídos e reconstruídos pelo sujeito, que permite que este relacione estas aprendizagens com suas necessidades cotidianas. E este currículo pressupõe conceber a subjetividade dos estudantes, sua linguagem, sua prática de vida e sua percepção de mundo.

Nas relações estabelecidas de um currículo específico para cada instituição de ensino, que seja esse seu documento de identidade, sua razão de existir, onde professa sua missão, sua visão e seus valores, onde seja apontada sua intenção de ensino frente à ressignificação da prática pedagógica e dos conhecimentos elaborados e reelaborados na escola, uma vez que seu grande investimento educacional seja o pleno desenvolvimento humano.

Lopes e Macedo (2011) trazem a concepção do currículo nos estudos nos/dos/com os cotidianos, como uma forma de operar “com a interpenetração dos múltiplos contextos habitados pelos sujeitos numa tessitura complexa, denominada redes de conhecimentos e práticas, que ocorre em muito *espaçotempos*”. A proposta dessa concepção de currículo, segundo as autoras, defende a existência de quatro esferas articuladas de formação dos profissionais, que são tecidas conjuntamente: formação acadêmica, ação governamental, prática pedagógica e prática política, que é uma lógica do cotidiano descrita como em rede.

Esse tipo de currículo pautado na prática cotidiana é pautado na obra de Michael de Certeau, *A Invenção do Cotidiano*, e aprofundado por pesquisadores cotidianista, como Nilda Alves e Inês Barbosa de Oliveira (2008); essas defendem a subversão de paradigmas hegemônicos nos quais somos formados, visando compreender como “os sujeitos se constroem como seres autônomos e o currículo produz práticas emancipatórias em ambientes fortemente regulados” (LOPES; MACEDO, 2011). Essa prática emancipatória é uma teoria de resistência, onde os sujeitos praticantes são protagonistas de seus contextos, que visa a constituição de articulação entre os conhecimentos e as práticas.

1.5 O COTIDIANO ESCOLAR

Acredito que um currículo que permita criar táticas e estratégias de enfrentamento a toda forma de violência seja, inicialmente, um passo para reconhecer sua existência, buscando os contextos e situações em que a violência possa estar “escondida” ou silenciada. A partir desse primeiro passo, que é possivelmente o mais difícil, a escola pode pensar em estratégias efetivas de intervenção e prevenção, onde transforma situações desfavoráveis e de conflitos em algo favorável e de aprendizagem. “O cotidiano só é possível de ser entendido se for vivenciado,

participado e partilhado com os sujeitos que vivem e fazem esse cotidiano acontecer, viver o cotidiano é conviver com suas experiências” (FERRAÇO *et al.*, 2008).

Viver este cotidiano faz com que se sinta este mundo e se combata violações de direitos e preconceitos. É fundamental que na escola se pense em como efetivamente educar para a vida, o que implica em educar para a igualdade e para o respeito, rompendo com modelos que promovam a competição, segregação e disputas por lugares entre os sujeitos que transitam pelo espaço escolar. Certeau (2004) traz o conceito de espaço como um lugar praticado, um lugar vivido, que ganha esse movimento devido ao cruzamento dos que se movem. Certeau, em suas construções teóricas, considera a escola como lugares de passagem, de encontro de caminhos diversos, um lugar entre tantos outros (JOSGRILBERG, 2008). É frente a esse movimento de pertencer a um lugar é que fica latente a necessidade que os sujeitos praticantes do cotidiano precisam se apropriar desse e torná-lo seu espaço e, ao mesmo tempo, enxergá-lo como espaço coletivo.

Os passantes que se entrecruzam no cotidiano escolar precisam ocupá-lo, pois, apesar de seu processo de escolarização ser um ciclo já estabelecido (ingresso e egresso), é um período de suas vidas que está vinculado a este lugar, por diversos fatores, principalmente pela obrigatoriedade da educação básica. Porém, as diferentes formas que podemos explorar e viver esse espaço não se esgotam, suas histórias e vozes constroem suas trajetórias.

Se falamos em um espaço de vivências que permita a inventividade do mais fraco (CERTEAU, 2004) é necessário traçar estratégias diferentes, em que seja possível estabelecer relações saudáveis, que permitam que o autoconhecimento e as relações interpessoais fluam naturalmente, mas o sujeito que não tece esses conhecimentos dificilmente aprende a respeitar e saber lidar com o outro.

Pensar numa escola que ouse se transformar é pensar num lugar em que os sujeitos desse cotidiano saibam ouvir, que tenham vez e voz, que tenham oportunidades de construir seu conhecimento por meio de relações saudáveis e de respeito; no qual o professor repense suas certezas e convicções para que os saberes sejam (re)construídos com os estudantes, criando táticas e subversões, conforme Certeau (2004) define:

(...) A tática é movimento dentro do campo de ação do inimigo, e no espaço por ele controlado. Ela não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ocasiões e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na

vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Criar ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. (CERTEAU, 2004, pp. 100-101).

A necessidade de ruptura com modelos legitimados historicamente, de uma escola excludente e polarizada, nos remete a vivenciar um cotidiano escolar que seja construído a partir de relações de troca de conhecimento e convivência mútua, baseada nos Direitos de SER HUMANO. Estes princípios rompem com uma lógica de dominação e hegemonia que, para ser praticada é preciso ser ousado e muitas vezes subversivo; para que a tão esperada transformação ocorra, é necessário dar vez e voz aos sujeitos, na qual os mesmos abandonem suas certezas e convicções, para que os saberes sejam (re) construídos por sujeitos praticantes por meio de estratégias astutas.

Pensar em estratégias astutas para assegurar uma convivência de respeito e reciprocidade no ambiente escolar, onde a multiculturalidade, os diversos saberes e as individualidades estão presentes, pode ser uma forma de intervenção institucional para o combate ao *bullying* e outras formas de violências presentes no cotidiano escolar. O conflito de diversas ordens nos faz buscar outros cotidianos, que podem ser construídos/tecidos por meio de diálogos e pensamentos críticos, que promovem a tão desejada mudança.

A tessitura do cotidiano é praticada a partir das vivências e das reflexões sobre os acontecimentos, o que Certeau (2004), chama de *táticas de praticantes*, que proporciona o encontro entre as produções sociais e a subjetividade que nelas existe, na qual os sujeitos se fortalecem e encaminham propostas para as mudanças de suas condições sociais.

Analiso um cotidiano escolar que apresenta paradoxos educativos, o qual, ao mesmo tempo, me faz refletir sobre o valor e a importância da escola para que ocorra a tão desejada transformação social, que ainda se pauta em reproduções e rigidez de suas práticas; sendo contraditória em sua razão de ser, promovendo aproximação/afastamento, acolhimento/exclusão, valorização/marginalização. Trabalhar no contexto deste cotidiano escolar com vivências conflituosas nos proporciona tomar decisões em um campo de grande complexidade, dúvidas, subjetividades e de conflitos de valores.

Essas práticas invisíveis, conforme Certeau (2004), fazem com que os sujeitos que vivenciam o cotidiano escolar criem suas táticas e “maneiras de fazer”, que possam abrir espaços e canais de reflexão e compreensão sobre as problemáticas e os conflitos existentes para agir no seu contexto da maneira que lhes é própria, observando a multiplicidade e a complexidade das relações estabelecidas entre os sujeitos que fazem parte do cotidiano escolar.

No ambiente escolar percebe-se que o motivo de maior conflito e afastamento entre os sujeitos é a discriminação relacionada à classe social, gênero, credos, etnia, culturas, que são

geradores de brigas, xingamentos e agressões entre estudantes que não conseguem lidar com as diferenças e com o outro. Por este fator, é fundamental a intervenção da escola e do trabalho docente, que se proponha a promover estudos, debates e reflexões que visem à melhoria do clima escolar e à redução de práticas violentas. A instituição de ensino tem cada vez mais responsabilidade de ensinar a socializar, a entender e respeitar as diferenças e a valorizar o ser humano.

Encontrar formas adequadas de lidar com a diversidade na escola será essencial para a prevenção de violência na escola. Os conflitos certamente surgirão na existência de diversidade, mas isso, antes de significar violência, agressividade, pode fazer com que as pessoas aprendam mais sobre o outro e passem a respeitá-lo.

As relações saudáveis podem ser vitais para favorecer a construção de uma escola transformadora, onde a comunidade escolar tenha intenção de promover mudanças a partir de uma educação ativa, livre, cooperativa e holística que pense o aprendizado como o conhecimento contínuo que envolve os estudantes, docentes, a comunidade e extrapole os muros da escola. Enfim, que se pense em uma educação viva sem padrões preestabelecidos e numa construção coletiva, onde o “eu” e o “outro” se complementam num movimento de trocas e vivências, onde percebem que se complementam e que são ricas as experiências compartilhadas a partir das diferenças.

O encontro das diversidades deve ser pensado e articulado por meio de práticas pedagógicas transdisciplinares, nas quais o Instituto Federal tem uma política de respeito à diversidade quando professa, por meio de seu PDI, que:

O respeito e o reconhecimento da diversidade é um dos princípios fundamentais na construção de um sistema educacional inclusivo. Reconhecer o direito à diversidade em educação é dar respostas às diferentes necessidades educacionais que os sujeitos apresentam diante do fato educativo. (IFMT/PDI, 2010, p. 54).

Para a implementação de ações práticas o IFMT, via PROEN, por meio do memorando circular nº 593/2016 de 21 de novembro de 2016, solicitou que os campi instituísssem uma comissão para estudos das temáticas: Gênero, Feminismos, Transgeneridades e Direitos Civis. Houve um movimento entre docentes e técnicos administrativos para a instituição da mesma, porém, até o fim do ano de 2018, a mesma não havia sido implementada no campus pesquisado. A abordagem desses assuntos perpassa pelo entendimento de que precisamos promover a abertura do diálogo para combater atos de violência e preconceito.

Parto do entendimento de que a violência não está restrita aos muros da escola e está certamente relacionada ao contexto social em que se insere; isso não quer dizer que a instituição

de ensino e seus membros possam se isentar de sua responsabilidade de transformação diante da sociedade, embora algumas formas de violência que ocorrem nos limites da escola sejam motivos constantes de preocupação, em especial aquelas protagonizadas por estudantes; outras agressões recebem pouca ou nenhuma atenção, como, por exemplo, o assédio moral de professores, o racismo, a homofobia e outras formas de discriminação e violência.

O reconhecimento de que a escola é um lugar em que também ocorrem as reproduções de formas de preconceito, discriminações e desigualdades sociais, e que estas se manifestam por meio de violência física e simbólica, deve levar o sistema escolar a conceber estratégias de intervenção para o seu enfrentamento e combate.

O currículo pode ser utilizado como estratégia de enfrentamento das formas de violência que ocorrem no contexto escolar, tanto as que são facilmente percebidas quanto aquelas que estão escondidas ou silenciadas. Abramovay (2006) conceitua a violência nas escolas como implicação na violação do direito a uma educação de qualidade e ao sentir-se respeitado, além do direito à integridade física, abalando, portanto, pessoas individualizadas, grupos e instituições, no caso, a escola. Entretanto, mais do que um espaço social, a escola deve ser vista como um espaço atento que promova a prevenção de toda forma de violência, seja ela física ou simbólica, a escola é concebida como um espaço de construção de seres humanos orientados para a cidadania, para a inclusão, para o respeito às diferenças, pautado na Educação em Direitos Humanos.

Pensando na escola, no seu currículo e na concepção de que o conhecimento está em constante transformação, que muda permanentemente e que visa favorecer o crescimento pessoal, me leva a refletir sobre a prática de um currículo que não é fixo e engessado, que não propõe universalizar uma verdade em especial e que rompa com o único objetivo de ensinar aquilo que é mensurável, quantificável e observável, desconsiderando as complexidades, subjetividades e singularidades dos sujeitos.

Fante (2005) faz o questionamento sobre o papel da escola, onde interpela se a mesma deve se preocupar apenas com a transmissão de conteúdo, ou teria o dever de preocupar-se com o ensino de valores humanistas, a partir de princípios da solidariedade, tolerância, respeito às diferenças individuais e ao bem comum. Trazemos esses conceitos para o entendimento de que uma escola que visa esses valores pense em alicerçar seus valores a partir da educação em Direitos Humanos, visando combater a violência social a partir do estabelecimento de ações pacificadoras e de tolerância.

Quanto a essa temática o IFMT declara, por meio de seu Plano de Desenvolvimento Institucional que

O desenvolvimento de atitudes de tolerância e respeito à diversidade tem a ver com o direito à educação, o direito à igualdade de oportunidades e o direito à participação na sociedade. Por isso mesmo, representa um grande desafio a ser enfrentado pelos sistemas de ensino na construção das suas bases político-pedagógicas. Assim, o respeito à diversidade é um dos princípios fundamentais da concepção do currículo integrado. A convivência saudável e participativa, numa comunidade educativa, possibilita, a educadores, educandos, funcionários dos diversos setores, gestores e familiares, um aprendizado que vai muito além dos conteúdos escolares e do currículo oficial. (IFMT/PDI, 2014, p. 55).

Nesta afirmativa transparece que a instituição tem compromisso de promover atitudes de respeito e tolerância, se preocupando em promover ações de combate à intolerância que pode ser a mola propulsora da violência escolar, que precisa ser compreendida, confrontada e combatida, pois em um espaço educativo é necessário que todas as estratégias de enfrentamentos sejam usadas, pelo bem da saúde física e mental de nossos jovens.

1.6 BULLYING COMO REFLEXO DA VIOLÊNCIA E VIOLAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS

O *bullying* é um fenômeno que vem sendo estudado por vários pesquisadores mundialmente e em várias esferas da sociedade (*bullying* familiar, racista, no trabalho, em grupos sociais) - irei me ater ao problema do *bullying* escolar. Para dimensionar um pouco mais sobre a gravidade desta problemática, cito Fante (2005), que considera o *bullying* como um mal-estar que se apresenta na perspectiva oculta, no desconhecimento e na indiferença. Essa indiferença tem feito estragos ao longo dos anos na vida de jovens estudantes, tendo consequências nefastas, que alargam o abismo da desigualdade entre os iguais. Essa é uma temática relevante ao contexto escolar, que foi sancionada pela Lei Federal nº 13.277, de 29 de abril de 2016, que institui o dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao *Bullying* e à Violência na Escola¹.

Fante (2005) trata o fenômeno como novo e velho ao mesmo tempo. É novo pelo fato de ser objeto de estudos nas últimas décadas. É velho por se tratar de um tipo de violência que sempre foi presente nas relações escolares e considera tão antiga quanto a própria escola. Para esse capítulo de contextualização do tema compartilho a importância de enfatizar que o *bullying*

¹ Data alusiva ao chamado massacre na Escola Municipal Tasso da Silveira, no Bairro de Realengo, Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro; na ocasião 12 crianças, com idades entre 13 e 16 anos, foram assassinadas. O autor do crime, um jovem de 23 anos, que era ex-aluno da instituição invadiu a escola e fez os disparos com arma de fogo contra as crianças, logo após a barbárie o mesmo cometeu suicídio. Segundo apuração dos fatos houve a constatação de que o autor dos disparos enfrentou na infância situações de *bullying*. Esse episódio relatado serve de ilustração para demonstrar a perniciosidade e efeito nefasto desse mal.

possui suas próprias características e são bem específicas, que não podem se confundir com outros tipos de violência, por exemplo racismo, homofobia, violência contra mulher..., estas não são desigualdades entre iguais, e sim, violências que precisam ser tratadas como tal e ter as tratativas necessárias.

A vítima do *bullying* tem danos em seu emocional e psicológico que precisam ser identificados e tratados para minimizar o sofrimento da mesma. Essas relações interpessoais mal estabelecidas deixam marcas para quem sofre, não é brincadeira e não tem graça. Muitos jovens têm sido submetidos a situações de humilhação, dor, desprezo e caluniados, não sendo considerados como sujeitos, humanos, dignos de respeito e atenção. Isso é exemplificado pela narrativa, em tom de desabafo e em forma de poema, escrita por uma estudante de 17 anos do IFMT Cuiabá - Bela Vista:

*Saber que não consigo acompanhar os passos de todos que estão a minha volta,
saber que não consigo ser quem eu quero ser,
não posso gritar
revidar e me revoltar contra algo,
Por não ter forças,
por ter pessoas a minha volta mandando eu me calar
Me oprimindo, me fazendo ter medo de ser quem eu quero ser...
A sociedade ataca com seus preconceitos e me mata,
arranca meus sonhos e me deixa com o nada
A dor é assim.
Tudo isso
faz com que eu queira me esquecer cada dia mais
até que eu desapareça como uma borracha que apaga...
Conflitos estão constantemente sendo criados.
Todo dia é algo diferente seja na
dor, guerra,
preconceito, sofrimento, solidão...
Mais um novo obstáculo tentando frequentemente acabar com meu brilho...
Mas e agora?
E agora o que me resta?
Se acabar tudo o que é amargo e o pouco do que é doce, tudo o que sou irá evaporar, sumir,
até se tornar um oco cheio de necessidades mais onde qualquer coisa não poderá ser
sustentada.
Chega um ponto que cansa, você quer desistir
Pra quê falar? Ninguém quer me ouvir!
Prefere me julgar pelas minhas vestes e não pela conduta.
Parece que esses sentimentos atormentados nunca foram meus, nunca fui eu.
A dúvida é assim me deixa bagunçada como uma carta de baralho.
A dor era o sentimento que me alimentava, era o que me mantinha com os pés ao chão,
matando,
esmagando todas as rosas que me machucaram com seus espinhos e me fizeram sangrar.
Por não me aceitar assim do jeitinho que eu fui feita.
Hoje não consigo sentir, estou anestesiada*

*quem diria que o próprio vazio conseguiria me abandonar.
 Eu não sinto fome, amor, não sinto nada, entrei em estado vegetativo.
 Me desliguei fim.
 Então para de pensar somente em você..., suas ações afetam terceiros
 Para com suas piadas maldosas
 Para de insistir em machucar e esquecer que poderia ser você.
 Eu vim com meu amor recitar essa poesia porque ela é o melhor remédio
 Mesmo quando ela vem muito grande como aqui se apresenta
 Tenha orgulho de ser quem você é,
 É só mais uma coisa
 É proibido se proibir, então não me proíba de ser quem quero ser.
 Não me encaixotem.*

(Aluna do curso Técnico em Meio Ambiente, V.N.G.O. Poema apresentado durante apresentação cultural na V Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão do campus Cuiabá - Bela Vista, 2018).

Esse relato em tom de desabafo, poetizado pela estudante, sinaliza que há muito sofrimento por trás dessa prática e sinaliza que a discriminação pode ser pano de fundo do *bullying*, o que pode ser considerado um desafio na luta pelos direitos humanos e é um problema que acredito ser de todos. Essas atitudes discriminatórias tornam o ambiente escolar áspero, cruel e obrigam os estudantes a conviverem com situações de abuso de poder e desigualdades.

Outro ponto a ser observado é quanto à intolerância, que chamo aqui de síndrome Procustiana, que ainda está arraigada em muitas relações humanas. Este é apontado como um desafio do convívio social. Fante (2005) apresenta a intolerância como a ausência de parâmetros que orientam a convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os conflitos, como algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. A autora ainda pontua que, atualmente, a matéria mais difícil da escola não é a Matemática ou a Biologia; a convivência, para muitos estudantes e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida.

A ação intolerante acontece porque a pessoa entende que os seus valores são parâmetros para analisar todos os demais (SILVA, 2009), tornando o outro naturalmente inferior. O autor debate sobre a compreensão de que a intolerância existe devido a uma herança cultural fundamentada na ideia de que a identidade de alguém se estabelece a partir de uma essência imutável que o faz ser diferente, que a partir dessa se estabelece um julgamento de valor que qualifica determinado povo ou cultura melhor do que dos outros. Neste espaço de convivência é preciso buscar a constituição do ser humano, visando a convivência de Procusto e Teseu de forma pacífica.

Diante desse quadro de sofrimento, discriminação e intolerância, me questiono se a violação dos Direitos Humanos não tem sido uma prática ainda presente no ambiente escolar.

Considero fundamental a concepção trazida por Oliveira *et al.*, de que devemos considerar o conceito de Direitos Humanos como:

...todos aqueles direitos que os seres humanos têm, única e exclusivamente, por terem nascidos e por serem parte da espécie humana. Esses direitos são baseados em princípios éticos, morais e se reconhece que a diversidade é a única coisa que todos os seres humanos têm em comum e que deve ser respeitada e tratada com equidade. (OLIVEIRA *et al.*, 2017, p. 05).

Como forma de combate a esta violação de direitos humanos, no Brasil foi instituída a Lei nº 13.185/15, que traz alguns objetivos do programa de combate à intimidação sistemática (Art. 4):

- I - prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (*bullying*) em toda a sociedade;
- II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;
- III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;
- IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;
- V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;
- VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;
- VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;
- VIII - evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil;
- IX - promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (*bullying*), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por estudantes, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar. (BRASIL, 2015, s/p).

Esta Lei traz em seu intento artigos que tratam especificamente de ações que visam o combate ao *bullying*, com o intuito de desencorajar a prática deste no ambiente escolar. Apesar de considerar que alguns pontos ainda precisam ser aprofundados e mais amplificados, principalmente quanto ao atendimento à vítima e ações mais práticas quanto ao agressor, ele tem um caráter informativo sobre a temática, porém com poucas ações aplicáveis à tratativa do problema. Porém, sinaliza uma preocupação com o tema e mostra que é uma apreensão nacional o crescimento e os resultados nefastos do *bullying* ao estudante no cotidiano escolar.

Além das leis e acordos existentes externos à escola, ainda existem os documentos internos, como o Regimento Interno do IFMT, que visa articular ações de permanência e conclusão com êxito pelos estudantes dos cursos ofertados no campus com ações educativas de informação e prevenção que promova o respeito aos Direitos Humanos que incluem o respeito

à diversidade e à cidadania. por meio da atuação de diversos setores no interior da instituição envolvida, com a intenção de produzir formas de amenizar ou erradicar o problema, promovendo na escola um espaço propício à valorização do ser e a defesa dos Direitos Humanos; porém, precisa ser mais claro com relação específica ao *bullying*, pois a maioria dos documentos analisados da instituição traz o termo, suas concepções e forma de combate.

A partir das leituras e análises dos documentos realizadas pode-se perceber que alguns passos foram dados em relação ao enfrentamento do *bullying*, sinalizando avanços e proposituras de debates. As políticas públicas reconhecem sua existência e há avanços quanto às pesquisas que abordam essa temática. Porém há muito no que avançar, para que essa problemática não seja tratada com desprezo, naturalização ou desmerecimento, pois compreendo que é uma realidade presente, viva e que assombra os estudantes que transitam pelo cotidiano escolar.

2 A ARTE DE SE REINVENTAR!

2.1 NÃO SOMOS MAIS OS MESMOS

Ser sujeito praticante do cotidiano escolar e vivenciar relações estabelecidas por passantes que se entrecruzam nesse espaço é que origina essa pesquisa, que tem suas próprias nuances e seus desvelos. Ser pedagoga do campus da pesquisa me proporcionou vivenciar experiências, ouvir os sujeitos, conhecer a realidade dos estudantes e do trabalho desenvolvido, me permitiu estar imersa neste cotidiano. Os anos pertencentes a este espaço me permitem dialogar sobre a emergente inventividade estabelecida constantemente no cotidiano escolar que, a partir dele, nos permite desenvolver a arte de se reinventar enquanto pessoas que transitam esse espaço; pesquisar o cotidiano se constitui em fazer parte/pertencer ao mesmo.

Pesquisar o cotidiano, segundo Oliveira e Alves (2008), parte das especificidades da realidade concreta e de seus processos reais de construção. A tentativa de tecer a rede de *saberesfazeres* da pesquisa no/dos/com os cotidianos é um desafio para mim enquanto pesquisadora, pois apesar de se desvencilhar dos modelos já estabelecidos no escopo da ciência, ela precisa ser estabelecida com uma linguagem compreensível. Esse tipo de pesquisa, conforme Oliveira e Alves (2008, p. 50), passa pelo desafio da “seleção e organização, análise e sistematização de dados complexos, inter-relacionados, misturados, articulados, muitas vezes de modo incompreensível, além de desorganizados do ponto de vista ‘científico’ têm sido atividades de pesquisa relevantes”. As autoras, que são referência na pesquisa no/dos/com os cotidianos, revelam o entendimento desses aspectos diversos da vida cotidiana que demandam outro tipo de procedimentos de pesquisa.

A partir do entendimento de que a pesquisa do/no/com o cotidiano escolar abarca todos os aspectos singulares e diversos da realidade pesquisada, e defendido por Oliveira e Alves (2008), que aponta para outras metodologias de pesquisa que entendam a complexidade das situações reais e com traços característicos singulares, que foram construídos cultural, histórico e socialmente, que fundamentam a concepção de que essa pesquisa, que possui a natureza qualitativa, descritiva e interpretativa.

A pesquisa qualitativa é fonte direta de dados, é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; a pesquisa foi desenvolvida na escola, ambiente dos pesquisados e da pesquisadora. Bodgan e Biklen (1994), defendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem.

A concepção da pesquisa no/do/com cotidiano abarca o conceito de que estar no espaço pesquisado abre a pluralidade de possibilidades de articulações que erguem esse cotidiano a uma condição de *espaçotempo* privilegiado de produção da existência e dos conhecimentos, crenças e valores que lhes dão sentido. Oliveira e Alves (2008) fundamentam ainda que os estudos cotidianos devem ser considerados em sua complexidade e se compõem por elementos articulados e indissociáveis das metodologias que são estudadas por seu viés.

Estar no espaço, compartilhar experiências e vivenciar a realidade se articula com a concepção de “olhar de dentro”, trazida por André (2001), onde relata que o pesquisador era pensado como um sujeito “de fora”, devido a heranças epistemológicas das ciências da natureza; porém, nos últimos dez anos, há a valorização do olhar “de dentro”, onde se analisa o trabalho e a experiência do próprio pesquisador, na qual, este desenvolve a pesquisa com a colaboração dos participantes.

Neste sentido, Bodgan e Biklen (1994) enfocam a importância dos investigadores qualitativos que “frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto”. Os autores entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência.

Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem. A pesquisa qualitativa, segundo Deslandes *et al.* (1994, p. 22), “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, representações, valores e atitudes”. Isso implica estudo do mundo dos significados das ações e relações humanas, não tão perceptíveis e não tão captáveis com outro método de pesquisa. Assim, essa metodologia de pesquisa concebe a linguagem e as práticas; procura trabalhar com a vivência, com a experiência, com o dia a dia, com a compreensão das estruturas e instituições como resultantes da ação humana. Isso endossa a importância da pesquisa qualitativa para o estudo de diagnóstico da violência e enfrentamentos no cotidiano escolar.

Os métodos de produção de dados usados na pesquisa qualitativa, segundo Bauer e Gaskell (2003), incluem observação, entrevistas individuais e grupais, e questionários e análise de documentos oficiais, que foram as formas de coleta dos dados desta pesquisa, usados como elementos balizadores para imergir no cotidiano praticado.

Bogdan e Biklen (1994) fundamentam a pesquisa qualitativa como descritiva, baseada no princípio de que o pesquisador analisa os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos.

Outro elemento importante da metodologia da pesquisa parte da contribuição de Bauer e Gaskell (2003), que compreende a pluralidade metodológica como uma necessidade

metodológica. Nela o pesquisador se apropria de diversas técnicas para realizar uma cobertura mais apropriada dos acontecimentos sociais, que os autores chamam de uma investigação da ação empírica, com a inferência de sentido desses acontecimentos.

As observações dos acontecimentos exigem uma observação do/no/com o cotidiano que parte do olhar sobre as diversas fontes em que foram geradas, como, no caso desta pesquisa, as entrevistas, questionários, análise de documentos, que formam um movimento de criação e recriação do cotidiano pesquisado.

Para essa pesquisa foram utilizados quatro procedimentos de produção de dados: primeiro, foi o questionário *online*; segundo, a entrevista com as estudantes/bolsistas; terceiro, foi a entrevista com as profissionais psicóloga e assistente social, que compõem a equipe multiprofissional do campus da pesquisa; e quarto, a análise dos documentos institucionais que norteiam os cursos dos sujeitos pesquisados. Todos esses dados estão situados em momentos distintos, porém foram se complementando para compreender os movimentos dos sujeitos praticantes e suas táticas subversivas, em que, além de ouvir os sujeitos da pesquisa, busco analisar os dados obtidos e as ações educativas praticadas no cotidiano desta instituição de ensino pelo currículo da mesma, verificando se os documentos existentes propõem alguma forma de enfrentamento desta problemática, visando ações que gerem possíveis mudanças no referido cotidiano.

Autores como Bogdan e Biklen (1994) consideram como o foco central da pesquisa social o desvelar a ordem oculta do mundo informal da vida cotidiana, mostrando interesse em como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre suas ações e as dos outros.

Essa metodologia de pesquisa concebe a linguagem, as práticas e as coisas como inseparáveis, pois procura trabalhar com a vivência, com a experiência, com o dia a dia, com a compreensão das estruturas e instituições como resultantes da ação humana. O uso da abordagem qualitativa se justifica pela necessidade de observar as pessoas em seu próprio contexto interacional, ou seja, no ambiente em que a interação ocorre naturalmente.

Neste sentido, Bogdan e Biklen (1994, p. 48) enfocam a importância dos investigadores qualitativos que “frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto”. Os autores entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência.

Certeau (2004) apresenta o conceito do *entrelaçamento de percursos*, que não se fecha em si mesmo, mas abre novos caminhos para se perder na multidão, sendo um trabalho de

cooperação, um confronto de experiências e engajamento com a nova geração, em que sugere que os sujeitos passantes, que chamo aqui de sujeitos que fazem o cotidiano, se entrecruzassem.

Concebendo como indissociáveis teoria, métodos e vivências, que dialogam entre si e podem ser apresentados em uma linguagem compreensível, contextualizada e globalizada, em que descrevo a realidade vivenciada a partir da imersão no/do/com cotidiano. Essa arte de se recriar, de conceber a pesquisa cotidiana como uma dimensão multifacetada, é fundamentada em Alves (2008), que coloca como uma das forças dessa metodologia a não distinção de suas diversas dimensões. Não se separa teoria e prática, os saberes formais e os saberes cotidianos, o modelo social e a realidade social, os dados relevantes e os irrelevantes cientificamente, os observadores e os observados, o conteúdo e a forma.

Diante dessa riqueza conceitual sobre a metodologia da pesquisa, me aproprio da concepção de Certeau (2004), para chamar essa vasta possibilidade de entrecruzamento de contextos, informações, vivências, análises e teorias de tática do sujeito praticante, que nos permite conceber a inventividade “artesanal” (CERTEAU, 2004, p. 46), uma forma de entrelaçar, que não seja dividido, que seja tecido junto.

Ao pesquisar o cotidiano escolar, o currículo escolar, as formas de violência, violações e toda sua dimensão teórico-metodológica, assumem o entrecruzamento com a realidade e prática escolar, não vislumbrando as mesmas como distintas e separadas em partes, mas complementares e tecidas em um todo, onde os interesses do coletivo e suas demandas são os pontos principais dessa teia.

Neste contexto de entrelaçar as ideias, os percursos e os sujeitos praticantes que a escrita se projeta nessa direção, nesse movimento de ir e vir, de liberdade textual e busca pelo anseio dos sujeitos praticantes do cotidiano, de não ser mais o mesmo, pois o contato com o outro e sua realidade nos remete a mudanças de nossos paradigmas e certezas.

2.2 A PESQUISA - O ENTRELAÇAMENTO DE PERCURSOS DOS SUJEITOS PRATICANTES

Seguem alguns passos que compõem a trilha percorrida em busca da construção desse percurso. Faço um breve relato de como ocorreram as coletas dos dados, que não foram desconectadas, e sim, se entrelaçam no trajeto e formam uma rede que tece o cotidiano. O entrelaçamento de diferentes procedimentos de coletas de dados foi necessário em virtude da complexidade da pesquisa e do cotidiano pesquisado.

O primeiro procedimento foi o questionário semiestruturado, disponibilizado *online* por meio do *google form*. O questionário era composto por treze questões, onze fechadas e duas abertas, que nortearam o recolhimento das informações, e permitiu a caracterização dos sujeitos pesquisados e do contexto social no qual estão inseridos. O recurso *online* traz facilidades no momento da aplicação e tabulação dos dados, além de garantir a privacidade e anonimato dos mesmos; permitindo uma pesquisa mais extensiva, como proposto pelo GPHSC-IFMT, na pesquisa da qual esta se constitui recorte, e que esse mesmo questionário foi aplicado em sete escolas diferentes, sendo: IFMT Campus Cuiabá - Bela Vista, IFMT Campus Sinop, IFMT Campus Pontes e Lacerda, IFMT Campus São Vicente, SESI Escola Cuiabá, Escola Estadual Antônio Epaminondas e Escola Estadual Professora Eliane Digigov Santana, no total de 616 participantes, destes 21% são do IFMT Cuiabá Bela Vista, sujeitos desta pesquisa.

Outro benefício apresentado é acerca da tabulação dos dados, pois a ferramenta do *google* já cria automaticamente uma planilha com todos os dados necessários, ajudando o pesquisador a filtrar os dados para as análises.

Certamente que este método de produção de dados também pode ter alguns percalços, dos quais destaco que os estudantes pesquisados podem não dar as respostas a partir de análise mais crítica das questões e que seja pensado em todo contexto vivido, que pode implicar em respostas superficiais, que necessitem de um aprofundamento por meio de outras fontes de produção de dados de subjetividade dos estudantes.

Segundo Bauer e Gaskell (2003), entre as características da investigação qualitativa se destaca a busca pelos significados que os sujeitos pesquisados atribuem às suas próprias ações. No caso específico desta pesquisa, embora seja feito uso de algumas relações quantitativas para construir noções gerais sobre os sujeitos pesquisados, minha principal análise foi construída a partir das questões fechadas e questões abertas do questionário utilizado para produção de dados e da entrevista realizada com estudantes e equipe multiprofissional do campus, que são os próximos procedimentos abordados.

As oito primeiras questões se tratam de levantamento sociodemográfico da amostra (idade, sexo, orientação sexual, a escolaridade dos pais e a situação familiar - casa própria, trabalho). A questão seguinte foi subdividida em vinte e quatro itens, que têm como objetivo identificar as formas de *bullying* sofridas e/ou praticadas pelos estudantes. O estudante identificava questões relativas ao *bullying* e relacionava a frequência que o fato ocorreu, sendo o indicativo: nenhuma vez, até três vezes, acima de três vezes. Duas outras questões objetivaram verificar se os estudantes pesquisados sofriam ou praticavam *bullying*, e os possíveis motivos relacionados a essa prática.

Quanto às questões abertas: a primeira pede que o estudante que já sofreu ou viu alguém sofrer *bullying*, relate o ocorrido, enquanto a outra pede sugestões dos estudantes para acabar com o *bullying*.

A aplicação do questionário *online* foi pensada para permitir que os estudantes participantes pudessem respondê-lo a partir de diversos espaços (casa, escola, smartphone, ou demais recursos tecnológicos), possibilitando maior liberdade de expressão e flexibilidade relativa ao tempo a ser dedicado ao preenchimento do mesmo. Cada estudante respondeu apenas uma vez o formulário que foi disponibilizado, a partir da entrega do Termo de Consentimento – TCLE, assinado pelos pais, e de assentimento dos estudantes (TALE) menores de idade; bem como o TCLE dos maiores.

Outra situação quanto às estratégias para o Campus Cuiabá Bela Vista, que não transcorreu da forma planejada, pois houve a princípio baixa adesão voluntária à pesquisa, sendo necessária uma nova estratégia de intervenção juntamente com as estudantes/bolsistas do grupo de pesquisa, para aumentar a participação dos estudantes na pesquisa, que, após o trabalho realizado, foi satisfatória e propiciou que a etapa da pesquisa macro fosse atingida e garantiu amostragem que permitiu o prosseguimento da pesquisa.

Nesse sentido, o meu interesse foi o de compreender a maneira como os estudantes de Ensino Médio espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para eles e como falam sobre suas ações e as dos outros.

O questionário foi respondido por 130 estudantes dos Cursos Técnico em Química e Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio no ano de 2017. A escola possuía, neste período, 430 estudantes matriculados em ambos os cursos técnicos integrados ao Ensino Médio.

A escolha dos estudantes que fizeram parte desta foi arbitrária e não probabilística intencional, pelo fato de todos os estudantes do campus terem sido convidados para acessar o formulário do questionário e houve adesão apenas dos interessados no tema, sendo o único critério para a participação no mesmo, ser estudante devidamente matriculado no curso técnico integrado ao Ensino Médio.

Este questionário ficou disponível por noventa dias, entre os meses de março a junho de 2017, sendo encerrado o preenchimento do formulário no prazo estabelecido. As respostas realizadas foram uma amostragem considerada representativa, com aproximadamente trinta por cento dos quatrocentos e trinta estudantes matriculados do referido ano.

Foi realizada, posteriormente, uma entrevista em grupo com três estudantes formandas do Curso Técnico em Meio Ambiente, estudantes do período 2014-2017, do curso com a matriz curricular formatada para quatro anos. As estudantes têm entre 18 a 19 anos. As mesmas

fizeram parte do Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea do Campus apenas no ano 2017.

Neste período o GPHSC contou com a contribuição das estudantes/bolsistas nas ações do grupo de pesquisa, que chamarei aqui de Estudante/Bolsista 1, Estudante/Bolsista 2 e Estudante/Bolsista 3.

As estudantes/bolsistas foram fundamentais para auxiliar nesse processo da pesquisa: as mesmas realizavam a divulgação da pesquisa, auxiliavam os estudantes quanto ao acesso ao formulário e o recolhimento dos termos de assentimento/consentimento.

As três estudantes/bolsistas participaram ativamente no processo de coletas de dados, análise de materiais, tabulação de dados e, no fim do processo, foram entrevistadas para que pudessem falar de suas percepções, considerações e os percursos vivenciados pelas mesmas na instituição. A entrevista ocorreu no mês de dezembro de 2017, período bem próximo ao encerramento do ano letivo; as mesmas estavam prestes a se despedir da escola, então a entrevista ocorreu num misto de encerramento, saudades e com a vontade de deixar suas marcas.

Na entrevista as estudantes fizeram relatos quanto à percepção do que é o *bullying*, suas características, particularidades, fazendo esta relação de estudantes que vivenciaram o *bullying* escolar enquanto vítimas e agressoras, e como a discussão mais aprofundada da temática trouxe uma mudança de mentalidade e entendimento sobre essas práticas. A entrevista seguiu o seguinte roteiro norteador:

- Como foi a experiência de participar do grupo de pesquisa por esse ano?
- O que compreendem sobre a prática do bullying?
- Vocês praticaram bullying nesse período que vocês estão aqui no Bela Vista, em algum momento com alguém?
- Vocês já foram vítimas de bullying?
- Qual a responsabilidade da escola em relação ao bullying?
- Houve mudança de percepção e de entendimento sobre a temática?

A narrativa das estudantes durante a entrevista permitiu uma compreensão da percepção das mesmas sobre suas relações estabelecidas no cotidiano da escola. Bauer e Gaskell (2003) estabelecem que a compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é imprescindível para a entrevista qualitativa. Os autores ainda ponderam que ela pode ser um fim em si mesmo, pois uma descrição detalhada do meio social que vivenciaram pode construir um referencial para a pesquisa, além de fornecer elementos e hipóteses que enriquecem a mesma.

A equipe multiprofissional do campus também foi entrevistada; a mesma é composta por profissionais que atuam diretamente em assuntos pertinentes aos estudantes, referentes a questões pedagógicas, sociais e psicológicas que precisam de orientação e intervenções, nas quais essas profissionais são habilitadas para realizar atendimento aos estudantes, pais e comunidade escolar, que visa minimizar impactos negativos na formação dos estudantes. No Campus Cuiabá Bela Vista esta equipe é composta por psicóloga, intérprete de libras, psicóloga e pedagoga, que vêm atuando desde 2014 em ações que visam garantir a conclusão dos estudantes com êxito.

O trabalho desenvolvido por essas profissionais foi fundamental para a realização dessa pesquisa, pois foi por meio de entrevista com a psicóloga e a assistente social do campus, que fizeram relatos de suas ações enquanto profissionais que lidam diretamente com os estudantes, gerenciando conflitos que se estabelecem nas relações escolares.

O objetivo era perceber qual a percepção das profissionais sobre *bullying* e a violação de direitos humanos no cotidiano escolar, sobre o enfrentamento e ações preventivas da problemática no ambiente escolar. Outro fator relevante da pesquisa foi perceber as demandas de atendimento que as mesmas recebem em relação aos casos de *bullying* e violação de direitos humanos.

Essas profissionais contribuíram significativamente para o entendimento dessa temática quanto ao objeto de estudo dessa pesquisa. Freire e Aires (2012) trazem uma valorosa contribuição quanto ao papel da psicóloga no cotidiano escolar, pois consideram um elo entre os estudantes e uma ponte ao enfrentamento da violência escolar; enfatizando que essa profissional tem condições de desenvolver novas alternativas de trabalho mais voltado para a realidade dos estudantes. Seu posicionamento de escuta permite a construção de espaços de discussões e busca por soluções compartilhadas da problemática, visando estabelecer relacionamentos saudáveis no ambiente escolar.

A assistente social, atuando na equipe multiprofissional, fortalece o trabalho realizado e dá direcionamento às problemáticas dos estudantes em situações de vulnerabilidade social. Essa profissional atua em ações de assistência estudantil e permanência e êxito dos estudantes na instituição. Tendo um olhar profissional quando os estudantes são ouvidos e intervindo em suas demandas, encaminhando-os às instâncias competentes.

A entrevista ocorreu com as duas profissionais no dia 16 de fevereiro de 2018, nas dependências do IFMT Campus Cuiabá Bela Vista, e foram orientadas pelas questões:

- Qual a sua percepção sobre *bullying* e a violação de direitos humanos no cotidiano escolar?
- Quais fatores considera determinantes para a existência do *bullying* na atualidade?

- Na sua perspectiva discorra sobre o enfrentamento do *bullying* na atualidade?
- Você acredita que há prática do *bullying* nesta instituição de ensino?
- Se há concordância que existe a prática do *bullying* no IFMT Bela Vista, quais têm sido as iniciativas anti-*bullying* praticadas na escola?
- O IFMT está preparado para enfrentar essa problemática?
- Como membro da equipe multiprofissional deste campus quais têm sido as demandas de atendimento em relação aos casos de *bullying* e violação de direitos humanos? Tipifique-as.
- por meio dos atendimentos é possível diagnosticar e mapear os tipos de violência escolar encontradas, considerando sua gravidade, dentre outros fatores socioeconômico-culturais?
- Como membro da equipe multiprofissional deste campus quais têm sido as ações preventivas realizadas?
- Qual relação acredita que exista entre direitos humanos e enfrentamento ao *bullying*?

Bauer e Gaskell (2003) relatam que as pesquisas com base em entrevista qualitativa individual ou em grupo são fontes fornecedoras de dados básicos para o desenvolvimento e compreensão das relações entre os atores sociais, que chamo aqui de sujeitos praticantes do cotidiano escolar. Que possibilitam compreender as crenças, atitudes, valores e motivações dos comportamentos das pessoas em determinados contextos sociais.

Concomitantemente, foi realizada a análise documental dos documentos oficiais do IFMT, PDI, PPC, PPI e Regimento Disciplinar Discente, buscando perceber a concepção de educação da mesma e seu posicionamento quanto à temática da pesquisa e como seu currículo é estruturado.

Bodgan e Biklen (1994) tratam da questão da análise do documento produzido pela escola como favorável à pesquisa. Os autores lembram que os investigadores não estão interessados na “verdade” como é convencionalmente concebida. O interesse do pesquisador deve estar na compreensão de como a escola é definida por várias pessoas e como isso se torna documento oficial. Nesses documentos os investigadores podem ter acesso a várias maneiras como a escola se apresenta.

Por meio de seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e Plano Pedagógico Institucional (PPI), o IFMT deixa explícita a concepção da instituição em garantir o direito à diversidade, suas propostas de combate à violência, educação para a diversidade sexual e relações de gênero, tendo a inclusão como um valor; a instituição registra em documento oficial que fez opção por praticar um currículo inclusivo, que explicita e acolhe as diferenças,

garantindo a todos o seu lugar e a valorização de suas especificidades (IFMT, PDI, 2014, p. 46).

Estas análises são balizadoras para o entrecruzamento da realidade vivenciada pelos estudantes no cotidiano do IFMT com o que foi instituído por meio da elaboração de documentos formais. Nesse contexto, a autonomia do IFMT pode ser compreendida em suas dimensões social e política, balizando a sua capacidade em aplicar tais conhecimentos no atendimento à sociedade. Esta afirmação em documento institucional justifica a investigação desta proposta de atuação do próprio IFMT e avaliação da sua efetividade, verificando se realmente está se alcançando este objetivo e o que tem feito em relação a estas temáticas.

Quanto ao Projeto Pedagógico de Curso (PPC), é o documento que direciona todo o andamento do curso, suas ações, itinerário formativo do curso, matriz curricular, ementas das disciplinas, perfil da formação e demais dados, pertinentes ao curso e ao estudante; não foram identificadas questões referentes ao *bullying*.

Os PPCs dos dois cursos foram elaborados pelas áreas específicas, porém suas construções caminharam juntas e estão com redações bem semelhantes. Fazendo comparação entre os documentos de 2009 e 2015, percebemos o avanço e o amadurecimento quanto a questões de Direitos Humanos e a evolução na compreensão dos termos direitos humanos, respeito e tolerância, pois no documento de 2009 não há nenhuma citação sobre essa problemática e nem apresenta encaminhamentos quanto ao enfrentamento de qualquer tipo de violação e/ou violência. O documento de 2015 já traz um capítulo específico sobre direitos humanos e traz em seu escopo que:

Estabelecendo seu compromisso com a construção de uma cultura de direitos, o IFMT possibilitará uma educação que ressalta os valores de tolerância, respeito, solidariedade, fraternidade, justiça social, inclusão, pluralidade e sustentabilidade, implementando estes valores na educação técnica, contribuindo assim para o bem-estar de todos e a afirmação das suas condições de sujeitos de direitos. (IFMT, PPC, Meio Ambiente, 2015).

O avanço apresentado é bem salutar e demonstra que as lutas por essas problemáticas estão sendo incorporadas nas discussões e nos avanços quanto ao reconhecimento dos direitos dos estudantes como sujeitos, porém, me intriga perceber que a problemática específica do *bullying* ainda não é tratada nos documentos oficiais, pois, como vimos, o *bullying* é uma violência que ocorre na escola e os documentos não dão nome ao problema, mostrando uma certa omissão ou não reconhecimento da problemática.

A escola pesquisada tem um regulamento específico para tratativa de situações disciplinares, que é a instância responsável para dar os encaminhamentos referentes a cada

situação, que é informada por meio do procedimento determinado pela instituição, onde a vítima, testemunha ou outro interessado, abra um processo que gera um número de protocolo, conforme prevê o Art. 25 deste Regulamento, onde enfatiza que as denúncias deverão ser feitas por escrito, contendo a identificação do denunciante, do denunciado e a narração dos fatos tidos como infração.

O documento que regulamenta questões disciplinares, Regimento Disciplinar Discente, Resolução nº 115, de 13 de setembro de 2016, é documento referência para todos os Campi do IFMT e traz em seu escopo um artigo específico sobre *bullying*:

XXX. Praticar, apoiar ou incentivar o *bullying*: constitui-se como *bullying* a violência física, verbal ou psicológica, realizada intencionalmente e de maneira continuada, de índole cruel e de cunho intimidador e vexatório, por um ou mais estudantes, contra um ou mais colegas em situação de fragilidade, com o objetivo deliberado de agredir, intimidar, humilhar, causar sofrimento e dano físico ou moral à vítima (IFMT, 2016, s/p).

O mesmo documento caracteriza essa prática como uma falta gravíssima em situações como:

V. Agredir física ou moralmente a colegas ou servidores;

XV. Constranger alguém a fazer, tolerar que se faça ou deixar de fazer alguma coisa, mediante violência ou grave ameaça, e com o intuito de obter para si ou para outrem indevida vantagem; [...] (IFMT, 2016, s/p).

O próprio documento traz a questão do *bullying* como ação passível de sanções, que podem ser advertência, suspensão e até mesmo gerar a transferência do estudante que pratica ações de *bullying*.

A análise que já faço aqui é que nos documentos oficiais não são apresentadas propostas de enfrentamento a essa problemática; os mesmos apresentam apenas medidas punitivas, demonstrando que, apesar dos avanços já realizados, é pertinente que essa discussão seja ampliada e gere, em documentos oficiais, planejamento de ações preventivas e de enfrentamento ao *bullying* e a quaisquer outras formas de violência e violação de direitos, pois a própria lei já preconiza possíveis ações e os documentos oficiais não promovem esse diálogo.

2.3 TESSITURA DA PESQUISA

O estudo dos cotidianos e a pesquisa nos/dos/com os cotidianos considera a concepção de que a escola e a vida cotidiana não são apenas lugar de repetição e de reprodução de uma “estrutura social”. Oliveira e Alves (2008) falam de sujeitos reais, atores e autores de suas vidas,

que buscam sentidos dentro das especificidades que ajudam a formular a metodologia da pesquisa e de seus resultados.

As relações que se estabelecem entre teoria, métodos e vivências, ganhando contorno a partir das práticas cotidianas. Josgrilberg (2008) acrescenta que, para investigação social, cada relato apresenta perfis de um mesmo fenômeno; trata-se de encontros capazes de surpreender as certezas adquiridas. Esses entrecruzamentos, essa abertura ao novo pode ocorrer na forma de outras teorias ou dos relatos mais ordinários da vida cotidiana, é uma necessidade fundamental e ética.

Os relatos das vivências com a pesquisa nos lançam duas perspectivas de um mesmo instrumento – o questionário *online*, quando no decorrer da análise faremos um olhar sobre as questões fechadas e as questões abertas, entrecruzando os demais dados da pesquisa com o objetivo final de “multiplicar os sentidos na esperança de se revelar caminhos possíveis e não a verdade final e imutável” (JOSGRILBERG, 2008, p. 97).

Para tecer a proposta desta pesquisa, tenho como ponto de partida os relatos das estudantes e suas percepções de todo o processo enquanto sujeito participante da pesquisa. Para realizar esse percurso, uso Filho (2007, p. 103), que corrobora dizendo que “as investigações de qualquer aspecto do cotidiano como fonte de novos saberes, respalda a criação de artifícios metodológicos necessários ao aproveitamento do que os campos pesquisados possam vir a oferecer”. As ofertas das estudantes, por meio de suas contribuições com a pesquisa, demonstram a satisfação por realizar algo significativo à instituição e aos desapontamentos com os percalços encontrados. O relato da Bolsista 2, deixa claro que houve dificuldades na aplicação do questionário, quando descreve sobre sua participação na pesquisa, e o primeiro problema encontrado foi:

[...] a questão de levar os estudantes para a aplicação do questionário, nós vimos que teve bastante resistência e dificuldade de conseguir a colaboração de todos pra poder preencher o questionário... para ter um dado mais significativo no resultado, e aí a gente fez, trouxe os notebooks, levou o pessoal até a sala para responder.

Uma outra problemática apresentada, quanto à aplicação e participação dos estudantes, foi relatada pela Estudante/Bolsista 3; quanto a percepção dos estudantes concluintes, que não se viam mais como sujeitos que pudessem contribuir para a melhoria da problemática, a mesma relata que:

[...] deu para notar também que aqui no campus que as pessoas que mais colaboraram eram os estudantes que estavam entrando na instituição, no caso, os calouros, porque os mais velhos ficavam “ah, por que eu já vou responder “Eu já to saindo” e às vezes

não se preocupavam tanto em melhorar o campus para a próxima geração, mas sim em se preocupar com “aí, to saindo” e não importa mais, acho que é isso.

Faço um pequeno recorte para narrar sobre a relação estabelecida entre calouros e veteranos, pois é algo bem presente no cotidiano da escola. Desde o ingresso do estudante há um trabalho de acolhimento aos mesmos e os estudantes mais antigos, chamados de veteranos, têm a função de auxiliar os ingressantes – chamados de calouros; para que esse encontro se torne prazeroso e significativo, os veteranos realizam atividades lúdicas, explicam sobre o funcionamento das atividades estudantis, a existência do grêmio e fazem visita ao campus, apresentando os locais que utilizarão, como biblioteca, auditório, academia, coordenação ... para se familiarizar com a escola e se colocam à disposição para auxiliar os ingressantes.

E essa relação de parceria é cultivada entre o grupo de estudantes; a instituição veda qualquer tipo de “trote” ou “brincadeira” que venha causar constrangimento aos mesmos. Entendo que essa já é uma proposta que visa a construção da escola como um lugar amistoso e salutar.

Como os veteranos (estudantes concluintes) se consideram mais experientes e já contribuíram para o campus é que julgam que os ingressantes devem dar a contribuição, pois estão em outra etapa de sua vida estudantil; agora estão preocupados com trabalhos de conclusão do curso e demonstram certo desinteresse com quaisquer atividades que extrapolam a sala de aula ou que fuja de sua rotina.

Essas situações contribuíram para perceber que apesar do questionário trazer questões reais sobre o tema e ter situações em que os mesmos poderiam contribuir de alguma forma sobre a problemática, as estudantes percebem que o envolvimento em atividades que não estão atreladas a notas tem baixa adesão e pouco interesse.

Quanto à percepção das mesmas sobre a pesquisa e suas participações, trago alguns relatos:

Foi muito interessante eu nunca tinha participado de pesquisa grande assim, foi muito interessante saber como funciona. (Estudante/Bolsista 1).

Foi bem empolgante, poxa, a gente tá participando de grupo de estudo, e só com professores e nós somos alunas assim e tá junto participando, foi muito interessante. (Estudante/Bolsista 2).

Foi uma coisa nova, uma experiência de vida, conhecimento também. Fiquei meio assustada quando cheguei na sala e só tinha professor e a gente de estudante, e não sabia o que fazer, a forma de ajudar, de saber o que estava acontecendo também, porque até então a gente ficou sabendo que era um projeto para falar sobre bullying, só que a gente não sabia qual era a grandeza, qual era a dimensão do projeto, da pesquisa, do grupo, a gente nem sabia a quantidade de professores que tinham e quando chegou na reunião um monte de professor. (Estudante/Bolsista 3).

Os relatos evidenciam o crescimento e a aprendizagem adquiridos; o envolvimento de estudantes com a pesquisa na Educação Básica proporcionou benefícios tanto para as envolvidas quanto para a instituição de ensino.

Quanto à percepção das mesmas após terem estudado o tema, participado e ajudado na pesquisa, fizeram o relato de como entenderam sobre essa prática:

Eu acho que ampliou bastante a minha visão sobre o tema, porque eu tinha uma coisa muito fechada sobre isso, eu não sabia a amplitude que isso tinha, entendi que as pequenas coisas podem caracterizar bullying também, e entender a importância que isso tem na escola, e parece que tipo, uma coisa pode ir gerando outras, e outras e outras na escola. (Estudante/Bolsista 1).

Achava que era uma coisa distante, que não acontece, igual aqui na escola existem umas brincadeiras e você acha que não e com os resultados eu vi que bastantes pessoas sofrem o bullying aqui. (Estudante/Bolsista 2).

No decorrer das discussões, nos artigos que a gente lia, às vezes pra poder ter base no que falar, percebi que já tinha presenciado bullying e que a maioria das pessoas sofrem e às vezes sem saber que tá sofrendo bullying fica calado por medo (...) nos resultados vimos que aqui na escola tinha tanta gente que sofria bullying desse jeito, e você ficar sabendo assim aparece que olha “ta aqui os resultados a gente ta fazendo o que? O que tem pra fazer? Não sabia que tinha, to aqui a 4 anos e nunca tinha visto, tinham tantas formas de gente sofrendo bullying sem a gente mesmo perceber, notar essas coisas. (Estudante/Bolsista 3).

Esses relatos fortalecem a percepção das estudantes sobre a temática e demonstram como o envolvimento com a execução da pesquisa traz uma maior sensibilidade e mudança de paradigma. O trecho da Estudante/Bolsista 3 demonstra a invisibilidade dessa violência, por mais que haja o conhecimento de que é uma prática do ambiente escolar, a mesma se apresenta camuflada e com roupagem menos séria, como brincadeira; também pela falta de um olhar mais “treinado” por parte dos servidores da instituição para perceber essa prática, aqui considero também a falta de entendimento do próprio estudante vítima, de que a ação recebida é uma forma de violência materializada por meio do *bullying* e que ele precisa ter clareza para se posicionar.

Interessante perceber como as profissionais entendem a existência e a prática do *bullying*, pois as mesmas lidam constantemente com esses conflitos e entendem essa prática como algo mais profundo e denso; as profissionais reconhecem que essa prática existe na escola e no trecho da entrevista com a Profissional 1, esta relata:

Eu ia falar que eu acho que é importante a gente discutir como isso acontece aqui, nós sabemos e é óbvio que acontece bullying e violação de direitos de outras maneiras. Mas, como acontece o bullying? O tipo de bullying que acontece aqui nós sabemos que aqui no Bela Vista não há a questão da violência, briga entre os alunos, a violência física, mas acontece uma violência classista muito grande, eu atendo bastante alunos que trazem essa questão do preconceito por serem pobres na sala de

aula, por serem cotistas, por receber bolsas. É bom deixar marcado que existe bullying mas não é aquele bullying de um aluno branco brigando com outro aluno branco igual a gente ver um filme americano. É um bullying quando dizem você é cotista você recebe bolsa família é marcado por marcadores sociais da diferença, é marcado por classe, por ódio ao pobre, ao negro, ao homossexual, então os alunos trazem isso e não vem com o discurso eu sofro bullying, vem com o discurso eu sofro homofobia, eu sofro preconceito de classes, eu sofro racismo dentro da sala eles têm esse discernimento para dizer isso. (Entrevista Profissional 1, 2018).

Entender que o *bullying* faz parte da rotina do Campus Cuiabá - Bela Vista numa ótica mais profunda é um indicador de qual tem sido a prática e já sinaliza formas de ações que ferem os princípios da dignidade humana, por meio de marcadores sociais da diferença; esse sim é desafiador para a instituição, agir de forma local para mudar o contexto geral. A Profissional ainda relata que:

a gente precisa combater o bullying em sua raiz e não ao bullying superficial dizendo “não bullying”, mas não diz não à homofobia, ao racismo, A gente não diz não à violência contra mulher. A gente não diz não a essas especificidades que geram violência na nossa sociedade, não adianta a gente falar diga não à violência, mas sobre qual violência estamos falando? E os motivos dessa violência, os motivos históricos e sociais dessa violência que precisa ser combatida, se a gente ficar apagando fogo e não indo na causa do incêndio (Entrevista Profissional 1, 2018).

A questão de sair da superficialidade da problemática é um desafio que está posto e que precisa de enfrentamento dos profissionais da escola. Pois é uma situação percebida pelos próprios estudantes que relatam as questões de violação dos direitos humanos, que podem partir da compreensão das diferenças e da complexidade das redes tecidas nesta instituição. Tavares (2015) relata a importância de revisitar a escola, a sala de aula, “interrogando-os em sua aparente ordem, homogênea e simplificadora”. Que pode ser conduzida por meio da valorização da prática educativa, que permita buscar outros caminhos de enfrentamento à problemática, que pode ser praticada no que a autora chama de “chão da escola”, por meio da *teoria em ação*, que é a centralidade dos estudos do cotidiano escolar, corroborando com o entendimento que olhar a “vida como uma responsabilidade coletiva” (TAVARES, 2015, p. 97), pode ressignificar os problemas existentes no convívio humano e nas relações interpessoais pautadas em padrões.

2.4 ENTRECruzAMENTO DAS VIVÊNCIAS

Faço aqui uma caracterização do perfil dos sujeitos envolvidos na pesquisa e contextualizo com seus próprios relatos, que compõem a tessitura do texto. Os sujeitos participantes da pesquisa foram 135 pessoas, em sua maioria do sexo feminino, com as idades entre 13 a 39 anos.

Quadro 02 - Perfil da Amostra

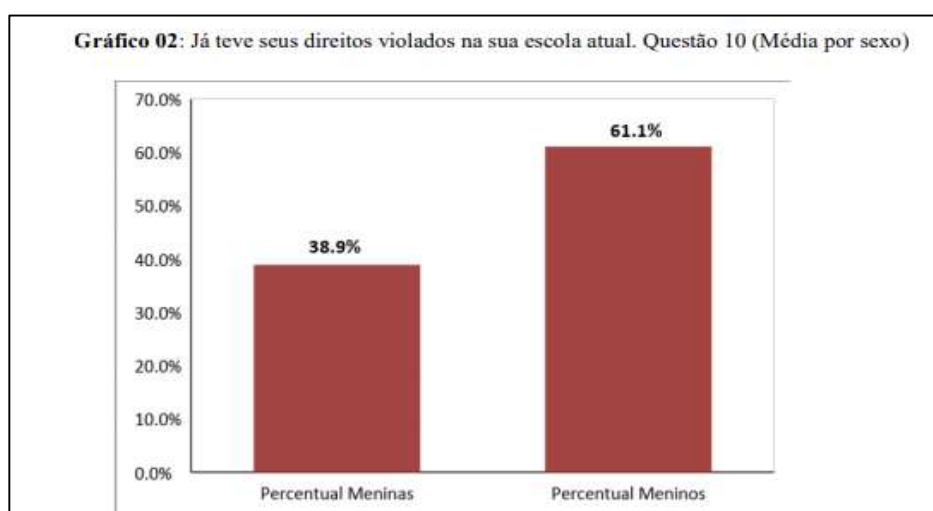
	<i>QUEST ONLINE</i>	<i>BOLSISTAS</i>	<i>TÉCNICAS</i>
<i>IDADE</i>	13 a 20 anos	19 e 20 anos	26 e 39 anos
<i>SEXO</i>	Fem. 81 Masc. 49	Fem. 03 Masc. 00	Fem. 02 Masc. 00
Total	130	03	02

Fonte: Autora - dados da pesquisa (2018).

A porcentagem de 63,7% do sexo feminino merece uma atenção pelo fato da baixa participação dos estudantes do sexo masculino na pesquisa.

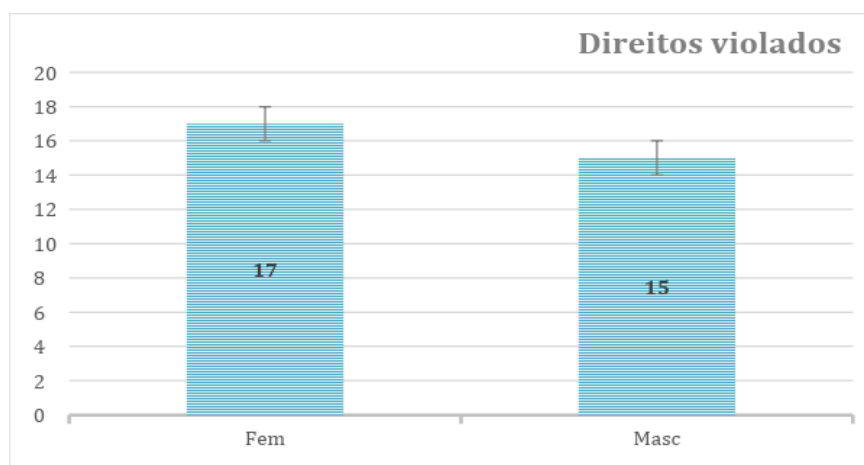
A dinâmica que houve no IFMT Campus Cuiabá - Bela Vista, foi de 130 participantes da pesquisa online: 32 (24,6%) dos estudantes alegam ter tido seus direitos violados na instituição, sendo 17 do sexo feminino e 15 do sexo masculino. Nesta pesquisa houve a constatação de que o Campus Cuiabá - Bela Vista teve um cenário diferente de outras instituições pesquisadas pela mesma ferramenta, conforme dado da pesquisa apresentado no Congresso Nacional em Educação:

Gráfico 1 – Direitos violados



Fonte: Autora - dados da pesquisa (2018).

Gráfico 2 – Direitos violados no IFMT Campus Cuiabá - Bela Vista



Fonte: Autora - dados da Pesquisa (2018).

As estudantes bolsistas pesquisadas trazem suas concepções sobre *bullying* e violência quando percebem que ele existe e que ainda deixa marcas em quem sofre:

Para mim todas as coisas que são feitas para desmerecer e desfavorecendo outra pessoa acaba sendo bullying, isso acarreta não só pro agressor das palavras ou gesto que faz, muitas coisas ruins para quem está recebendo e isso desencadeia tantas outras coisas negativas, como doenças e até mesmo depressão. (Estudante/Bolsista 2, 2018).

Olhar a concepção dos estudantes sobre a problemática me faz perceber, como Oliveira e Alves (2008), “que é caminhando que se faz o caminho”. Que esse movimento complexo de tentar definir violência e a percepção dos estudantes como essa se materializa no contexto escolar, pois como os estudantes trazem o entendimento de que é uma brincadeira e não há consequências de seus atos, apenas ficam as marcas em quem sofre; por isso, o entendimento de que a naturalização do *bullying* ocorre quando é presenciado, sabido, porém não afrontado, dando o entendimento de que pode haver uma banalização do mal, termo trazido pela pensadora alemã Hannah Arendt; a mesma reflete sobre a capacidade de pensar do ser humano como uma forma da não prática do mal; a autora traz no bojo de suas contribuições o vínculo existente entre o pensamento e a ação humana,

Será que a natureza da atividade de pensar, o hábito de examinar, refletir sobre qualquer acontecimento, poderia condicionar as pessoas a não fazer o mal? Estará entre os atributos da atividade do pensar, em sua natureza intrínseca, a possibilidade de evitar que se faça o mal? Ou será que podemos detectar uma das expressões do mal, qual seja, o mal banal como fruto do não exercício do pensar? (HANNAH ARENDT, 2008, p. 393).

Considero relevante essa percepção da autora, que traz o princípio de que o ser humano é dotado da capacidade de pensar, decidir e, principalmente, agir, sendo a tônica do pensar antes de agir uma característica da gênese do comportamento humano. Caso não o faça, a autora o chama de ser irreflexivo.

Para entendermos a percepção dos estudantes sobre a prática do *bullying*, os mesmos responderam se já praticaram *bullying* com os colegas e, dos entrevistados, 24 estudantes (18,46%) relataram que já praticaram *bullying* com colegas na escola e alegam os seguintes motivos:

Quadro 03 - Perfil dos *bullies*

Curso Técnico integrado ao Ensino Médio	Sexo	Idade	Motivo que levou à prática do <i>bullying</i>
Meio Ambiente	Feminino	16	Porque me senti provocado
Meio Ambiente	Masculino	18	Por brincadeira
Meio Ambiente	Masculino	18	Porque me senti provocado, por brincadeira
Meio Ambiente	Feminino	18	Porque me senti provocado
Meio Ambiente	Feminino	17	Por brincadeira
Meio Ambiente	Masculino	18	Porque me senti provocado
Meio Ambiente	Feminino	17	Porque me senti provocado, por brincadeira
Meio Ambiente	Masculino	17	Por brincadeira
Meio Ambiente	Feminino	17	Porque me senti provocado, por brincadeira
Meio Ambiente	Masculino	17	Porque me senti provocado
Meio Ambiente	Feminino	18	Porque me senti provocado
Meio Ambiente	Masculino	19	Porque me senti provocado, por brincadeira
Meio Ambiente	Feminino	16	Porque fui idiota
Química	Masculino	18	Porque me senti provocado, por brincadeira, Porque acho que eles merecem
Química	Feminino	15	Porque me senti provocado
Química	Feminino	16	Porque me senti provocado
Química	Feminino	17	Por brincadeira
Química	Masculino	15	Por brincadeira
Química	Feminino	17	Não sei
Química	Masculino	17	Porque acho que eles merecem
Química	Feminino	16	Porque me senti provocado, por brincadeira
Química	Feminino	16	Porque me senti provocado, por brincadeira
Química	Masculino	17	Por brincadeira
Química	Masculino	18	Por brincadeira

Fonte: Autora – dados da pesquisa (2018).

Nos dados coletados evidenciou-se que a maioria dos participantes da pesquisa, que praticaram *bullying*, estão matriculados do curso de Meio Ambiente, com total de 13 participantes, que reconhecem seus atos contra colegas, sendo 07 do sexo feminino entre 15 a 17 anos, e 06 do sexo masculino de 17 a 19 anos. Do curso de Química, 11 estudantes responderam que já violaram direitos de colegas, sendo 06 do sexo feminino entre 16 a 18 anos e 06 do sexo masculino entre 17 a 19 anos.

Pondero sobre a resposta da estudante de 16 anos do curso de Meio Ambiente, quando reconhece que sua atitude não foi algo refletido e intitula sua ação de “idiota”. Essa capacidade de olhar e reconhecer o próprio erro demonstra que o ser humano é pautado de consciência e capacidade de mudança.

2.5 QUESTIONÁRIO *ONLINE*

Com a aplicação do questionário da pesquisa, que neste momento destaco a sua estrutura e aponto para o desdobramento da questão fechada 09, em 24 itens (das letras “a” a “x”), que é o cerne dos tipos de *bullying* praticados no Campus Cuiabá - Bela Vista e serve para desvelar as práticas que podem ocorrer no contexto pesquisado. O mesmo apresentou de forma geral os resultados conforme o quadro abaixo e a análise dos dados apresentados.

Quadro 04 – Dados do questionário da pesquisa

	Muitas vezes	Algumas vezes	Nenhuma vez
1. Insultam-me	4%	40%	56%
2. Colocam-me apelidos vergonhosos	7%	37%	56%
3. Ameaçam-me	2%	7%	91%
4. Dizem coisas negativas sobre mim ou sobre minha família	2%	32%	66%
5. Insultam-me por causa de alguma característica física	15%	31%	54%
6. Levo socos, chutes e empurrões	0%	5%	95%
7. Riem de mim e me apontam	2%	31%	54%
8. Fazem com que os outros não gostem de mim	4%	15%	81%
9. Inventam que eu furto coisas de meus colegas	0%	2%	98%
10. Puxam meu cabelo ou me arranham	1%	4%	95%
11. Não me deixam fazer parte do grupo de amigos	4%	16%	80%
12. Estragam minhas coisas	2%	5%	93%

13. Ignoram-me completamente, me dão um “gelo”	3%	18%	79%
14. Insultam-me por minha cor ou minha raça	3%	10%	87%
15. Pegam meu dinheiro ou minhas coisas sem minha permissão	2%	3%	95%
16. Fazem piadas do meu sotaque	2%	7%	91%
17. Encostam-me contra a parede	0%	2%	98%
18. Forçam-me a agredir outro colega	0%	0%	100%
19. Humilham-me por minha orientação sexual	1%	92%	7%
20. Perseguem-me dentro ou fora da escola	1%	7%	92%
21. Assediam-me sexualmente	0%	1%	99%
22. Fui obrigado a entregar meu dinheiro ou minhas coisas	0%	1%	99%
23. Abusam sexualmente de mim	0%	2%	98%
24. Fazem agressões virtuais (redes sociais)	1%	12%	87%

Fonte: Autora - dados da pesquisa (2017).

Após a tabulação dos dados houve a construção, pelo grupo de pesquisa, de um modo de análise para classificar as perguntas fechadas por blocos, juntando as violências em categorias; que pudéssemos olhar essas questões do micro para o macro, percebendo quais micro violências apresentadas nos dados coletados podem representar um universo bem significativo de violências e violações dos direitos materializados por meio da prática dos diferentes tipos de *bullying* vivenciados nesse cotidiano escolar. As classificações das violências foram distribuídas como pode ser visto no quadro abaixo.

Quadro 05 – Tipos de violência

Tipo de Violência	Letras referentes
Violência sobre Orientação sexual	“s”
Violência por aparência física	“e”
Violência Verbal	“a”, “b”, “c”, “d”, “g”, “p”
Exclusão Social no ambiente escolar	“h”, “m”, “k”
Violência Física	“f”, “j”, “q”, “r”, “t”
Violência Racial	“n”
Violência Sexual	“u”, “w”
Danos materiais	“i”, “l”, “o”, “v”
<i>Cyberbullying</i>	“x”

Fonte: Autora - dados da pesquisa (2017).

As violências são de diferentes formas e com vertentes específicas, que tratamos, como no caso do *bullying*, por ser física, psicológica ou simbólica, porém em apenas alguns casos estão embutindo situações de *bullying* por ter característica sistemática e intencional, as que ocorrem por situações específicas tratamos como violências.

Fante (2005) ainda classifica as formas de *bullying* em direta e indireta; a primeira é quando há imposição de apelidos, assédios, agressões físicas, ameaças, roubos e ofensas verbais; e o indireto consiste em atitudes de indiferença, isolamento e fofoca, onde autores, como Lopes Neto (2005), destacam que esse é um tipo de *bullying* mais praticado entre meninas.

Silva (2010) traz o desdobramento dos tipos de *bullying* existentes, explicitando 6 tipos de *bullying*, sendo: físico, verbal, psicológico, material, sexual e virtual, e considera que todos se assemelham no que concerne violar a integridade do outro.

O artigo 3º da Lei de Intimidação Sistemática (Lei nº 13.185/2015), também chamada de lei antibullying, categoriza o *bullying* em 6 tipos, sendo: **Físico**, que consiste em bater, beliscar, ferir, empurrar, agredir; **Verbal**, que é apelidar, gozar, insultar; **Psicológico/Moral**, que consiste em intimidar, ameaçar, perseguir, ignorar, aterrorizar, excluir, humilhar, difamar, caluniar, discriminar, tyrannizar; **Material**, que é roubar, destruir pertences materiais e pessoais; **Virtual**, que implica em insultar, discriminar, difamar, humilhar, ofender por meio da Internet e/ou aparelho celular; e **Sexual**, que conceitua como abusar, violentar, assediar, insinuar (BRASIL, 2015).

Todas essas formas em que o *bullying* se desdobra são uma forma de compreensão da sua abrangência e de suas nuances, que têm uma linha tênue com a violência, porém, como trazido por Fante (2005), a mesma considera como ponto principal do entendimento que o ato praticado é *bullying* quando atende as premissas de que é uma ação repetitiva contra a mesma vítima num período longo de tempo; desconsidera um episódio e um ato isolado, além de demonstrar o desequilíbrio do poder, pois normalmente a vítima não consegue se defender e acontecem sem motivação aparente. Nesse entendimento e após as análises das questões do questionário *online*, utilizo o mapa abaixo apresentado, para demonstrar os desdobramentos desses atos de violências, pois eles transitam juntos e representam um perigo para o clima salutar do ambiente escolar.

O ponto central dessa busca por conceitos é que tanto o *bullying* quanto a violência escolar são a materialização da violação dos direitos humanos, que fere princípios éticos e de cidadania das vítimas.

Para ilustração da construção do GPHSC segue imagem abaixo, que complementa as formas trazidas pela Lei nº 13.185/2015 e por Fante (2005), pois houve o entendimento de que as violações de direitos transitam em conjunto e não se classificam e se mensuram isoladamente, é necessário analisar todo contexto e complexidade das formas como a violência escolar se apresenta, pois compreendo que ela não é isolada e descontextualizada.

Figura 1 – Formas de violência escolar



Fonte: Autora - dados da pesquisa (2017).

A violência escolar pode ser simbólica e psicológica ao mesmo tempo quando um estudante insulta o outro devido a sua característica física, por exemplo. Essas nuances são importantes para a compreensão de que esses atos não podem ser banalizados ou naturalizados.

No entendimento de que algumas ações têm implicações mais amplas é que trago a proposta do GPHSC em acrescentar três tipos de categorias de *bullying*, pois se entrecruzam com outras formas de violência, tornando-se mais específicas em sua identificação.

Quadro 06 - Equivalência entre os tipos de violências segundo esta pesquisa x A classificação da Lei *Antibullying*

TIPO DE VIOLÊNCIA DA PESQUISA	LEI ANTIBULLYING
Violência sobre Orientação sexual	Sexual, Psicológico/Moral
Violência por aparência física	Psicológico/Moral, Verbal
Violência Verbal	Verbal
Exclusão Social no ambiente escolar	Psicológico/Moral
Violência Física	Físico
Violência Racial	Psicológico/Moral
Violência Sexual	Sexual
Danos materiais	Material
<i>Cyberbullying</i>	Virtual

Fonte: Autora - dados da pesquisa (2018).

Quanto ao resultado, obtivemos um panorama sobre os sujeitos participantes e percebemos o tipo de *bullying* mais praticado no cotidiano pesquisado.

Os participantes da pesquisa têm entre 13 a 20 anos, cursam do 1º ao 4º ano. Quanto a sexo, 81 são do sexo feminino e 49 do sexo masculino. São 55 os estudantes do curso de Química e 75 do curso de Meio Ambiente. Sobre a orientação sexual tivemos os seguintes quantitativos:

Quadro 07 - Orientação sexual

Orientação	Bissexual	Heterossexual	Homossexual	Não informou	Total
Estudantes	9	110	4	7	130

Fonte: Autora - dados da pesquisa (2018).

O percentual de 84,61% dos estudantes se auto declaram heterossexuais, portanto, uma maioria significativa. Dos pesquisados, 13 estudantes (10%) se declaram bissexuais ou homossexuais.

Quadro 08 – Gênero x Orientação sexual

Gênero/Orientação	Bissexual	Heterossexual	Homossexual	Total
Feminino	7	68	1	76
Masculino	2	42	3	47
Total	9	110	4	123

Fonte: Autora - dados da pesquisa (2017).

O dado a seguir chamou atenção pelo fato de que, no questionário aplicado, a letra “s” da questão 09, é específica sobre violência devido à orientação sexual, e essa informação de que 84,61% se intitulam heterossexuais fica desencontrada com os 92% das respostas que disseram sofrer algumas vezes humilhação devido a sua orientação sexual. 1% diz ter sofrido muitas vezes e 7% nenhuma vez.

Quadro 09 – Violência sobre a orientação sexual

Violência de Orientação Sexual	Muitas vezes	Algumas vezes	Nenhuma vez
s. Humilham-me por minha orientação sexual	1%	92%	7%

Fonte: Autora - dados da pesquisa (2017).

Essa prática chamou a atenção pelo fato de os sujeitos participantes, em sua maioria, se auto declararem heterossexuais e, ao mesmo tempo, sofrerem, algumas vezes, humilhação por sua orientação sexual. Que deixa margem para perceber que muitos ainda estão na construção de sua identidade sexual, e que por algum estereótipo ou comportamento podem ser vítimas de “brincadeiras” e deboches.

Este é um tipo de violência que acredito não deve ser tratado unicamente como *bullying*, e sim, caracterizado como homofobia, que é uma forma de tratamento discriminatório sofrido por jovens e adolescentes homossexuais. Para Pereira (2012, p. 204), é certo que a sexualidade humana figura como um dos temas mais inquietantes e, quase sempre, mais recusados na ação prática do professor. Entretanto, cada vez mais a escola tem sido convocada a enfrentar as transformações das práticas sexuais contemporâneas, uma vez que seus efeitos se fazem alardear no cotidiano escolar.

Pereira (2015, p. 204) considera importante destacar que o fenômeno do *bullying* homofóbico “necessita ser compreendido, senão acabar-se-á legitimando sua prática e,

consequentemente, esquecer-se-á de proteger a condição humana”, que considero o grande desafio da existência humana, proteger a “si próprio” de “si próprio”.

O que Abramovay (2002) traz como uma forma de legitimar padrões culturais que condenam práticas não-heterossexuais. Com efeito, em uma cultura machista, a homossexualidade representa uma afronta à masculinidade/virilidade. Que, segundo a autora, trazem diversas situações que causam constrangimento, magoam, ferem a dignidade e geram baixa autoestima dos estudantes afetados pela homofobia. Podem ter como consequência, ainda, constantes trocas de estudantes de sala, mudanças de escola, abandono e reprovação, com impacto direto no fracasso escolar. Além das ofensas sofridas, muitos estudantes identificados como homossexuais também podem ser vítimas de agressões físicas, que abordarei mais adiante, por não ficar evidenciado ser um tipo de *bullying* praticado no cotidiano pesquisado.

Um estudante relata uma situação de *bullying* homofóbico na instituição, apesar de pouca incidência apresentada, ela pode estar velada nas relações. Quanto ao fato, o estudante relata:

Nunca sofri o bullying diretamente, mas ouvir do seu lado que a sua orientação sexual é uma aberração, que não deveria existir, ou ver ela sendo usada como xingamento não é o que eu chamo de respeito ou ambiente saudável. (Estudante, 16 anos, Meio Ambiente).

O IFMT, por meio de sua Política e Metas para Direitos Humanos, contidos em seu Plano de Desenvolvimento Institucional, assegura que é preciso perceber a orientação sexual como um elemento integrante do processo de construção de uma cidadania ativa. Isto é, para além das preocupações com o desenvolvimento de ações educativas voltadas para a compreensão da importância de se respeitar e valorizar a diversidade sexual e a igualdade de gênero, é imprescindível que seja levado em consideração que a inclusão social só será plena se dela fizer parte a inclusão relacionada à diversidade sexual (IFMT, PDI, 2014).

Os caminhos e as escolhas devem ser responsáveis, ativos e respeitosos. Devem ser, sobretudo, críticos frente ao modelo social vigente, com vistas à transformação social na busca pela justiça e pela igualdade (IFMT, PDI, 2014, p. 56).

Frente a este contexto, Pereira *et al.* (2015) falam da importância de debater essas questões na escola, e que não podem cair no esquecimento, que é uma questão de Direitos Sexuais entendidos como Direitos Humanos Universais e Fundamentais, mais especificamente ao princípio da dignidade da pessoa.

Outro dado que considero elevado foi quanto à aparência física. O questionário no item “e” da questão 9, fica o item mais alto da prática de *bullying*, onde 15% dos sujeitos participantes alegam ter sofrido algum tipo de constrangimento com relação a sua aparência física. Apresentando os seguintes números:

Quadro 10 – Violência sobre a aparência física

Aparência Física	Muitas vezes	Algumas vezes	Nenhuma vez
e. Insultam-me por causa de alguma característica física	15%	31%	54%

Fonte: Autora - dados da pesquisa (2017).

Este tipo de *bullying* por aparência física é bem presente na realidade do Campus Cuiabá - Bela Vista, pois se agruparmos os números das alternativas “muitas vezes” e “algumas vezes” teremos 46% (quarenta e seis) dos estudantes pesquisados que já foram insultados por sua característica física.

Este dado é muito relevante, pois mostra que, apesar de ter sido respondido por estudantes que convivem em um espaço educativo, fica evidente a não aceitação do diferente. O ser intolerante me remete a refletir sobre a sociedade que vivemos, na qual ainda encontramos pessoas que têm uma visão de mundo centrada em si próprias e em suas próprias necessidades, não se importando com o outro, irrefletidas, inflexíveis, insensíveis e injustas, distantes de questões de ética e valores, pois, afinal, existe um certo desejo de impor aos outros um determinado padrão, uma matriz pré-determinada, que podemos sintetizar como intolerância humana e desrespeito.

Esta situação é uma violência praticada no ambiente escolar e, segundo Abramovay (2002, pp. 24-25) tem variáveis endógenas e exógenas, que são relativas ao interior e exterior dos muros da escola, com influência de outros ambientes e instituições pelas quais os estudantes transitam. A autora traz como aspectos exógenos algumas questões que precisam ser consideradas pela escola para compreender seu meio, como questões de gênero, relações raciais, situações familiares, influências da mídia, espaço social onde a escola está inserida.

A estudante/bolsista pesquisada trouxe em sua fala um relato de situação vivenciado pela mesma, onde fala sobre ser vítima de intimidação por alguma característica física:

[...] é de não aceitar o diferente né, não aceitam! Já aconteceu comigo em relação ao meu corpo por eu ser muito magra e tal, e tipo, na época foi uma pessoa que era a minha colega que falou, então tipo, eu fiquei chateada, mas tipo levei na boa, fiquei

chateada, sempre fiquei chateada, tipo assim, não briguei e depois. Isso já faz bastante tempo, mas foi aqui no IF e quando participando do estudo e entendendo mais sobre o bullying, você consegue olhar para isso e caracterizar, “nossa, isso foi realmente bullying”. Eu acho que tem uma mínima importância você conhecer, que você consegue olhar para as coisas mínimas e caracterizar e falar bem assim “isso aqui foi bullying, isso aqui não podia ter acontecido”. (Entrevista Estudante/Bolsista 1, 2017).

O relato acima é um dos dados preocupantes, pois cerca de 15% dos estudantes participantes da pesquisa sofreram esse tipo de violência devido a uma característica física, do cabelo, do formato do rosto, dos lábios, do nariz, da estrutura física, por ser gordo ou magro, por ser alto ou baixo.... Enfim, por características pessoais que nos tornam únicos. Situações vivenciadas também pelos estudantes que relatam se já presenciaram ou sofreram *bullying* na escola:

Relato 1:

Vi um estudante da instituição ser ridicularizado por outros estudantes pelo fato de estar acima do peso. (Estudante, 17 anos, Meio Ambiente).

Relato 2:

Por ser obeso ou possuir problemas mental ou físico. (Estudante, 19 anos, Meio Ambiente).

Relato 3:

Sim, eu já sofri bullying por conta do meu corpo, me insultavam, faziam piadas, colocavam apelidos em mim, eu era a excluída da sala porque falavam que eu era metida. Foi assim por um tempo, e durante esse tempo eu sempre ficava quieta no meu canto, as pessoas olhavam mas falavam que era brincadeira, mas eu não achava isso, me sentia mal. Até que eu mudei de escola e no começo não foi muito diferente, mas agora está bem melhor. (Estudante, 17 anos, Meio Ambiente).

Pelos relatos dos estudantes pesquisados a característica física que evidenciou na pesquisa foi quanto ao peso; os gordinhos relatam que se sentem constrangidos com as piadas sobre seu físico. Como no relato da profissional, que diz:

em uma sala que uma menina sofreu bullying desde o primeiro dia de aula por ser gorda estar acima do peso, E o pessoal da sala fala que ela chega atrasada porque estava comendo Mac Donald e todo mundo ria e ela se sentia extremamente ofendida pois desde o primeiro dia de aula ela não queria estar dentro do campus por causa disso, foi com muito trabalho que ela conseguiu ir contornando a situação... mas ela se sentia muito mal com tudo o que acontecia. (Profissional 1, 2018).

Essa forma de *bullying* representa uma característica bem singular do jovem, a busca pelo estereótipo e padrão de beleza que é disseminado pela mídia, onde aqueles que fogem desse padrão, lembrando de Procusto, também são dispensados.

A profissional da instituição traz uma consideração importante sobre os padrões pré-estabelecidos (comportamento Procusteano) que causam situações de distanciamento entre os estudantes:

O adolescente que sofre bullying é um adolescente que não está nos padrões estabelecidos ali para aquele grupo não é o suficiente... não é forte o suficiente, não é bonito suficiente, não é magro suficiente, não é branco suficiente então a gente precisa parar de estabelecer esses padrões (Profissional 1, 2018).

Helen Gonçalves (2004), em sua tese, traz a questão do padrão de beleza e da feminilidade em voga na sociedade, que estabelece padrões para o corpo, cabelo, pele. A autora traz a narrativa que “quando o corpo não atende as exigências do universo feminino e masculino, não pode faltar o recurso do moletom enrolado na cintura, ou o vestido no tamanho maior para encobrir as imperfeições” (GONÇALVES, 2004, p. 201). Esses padrões estabelecidos são perniciosos, pois a partir da métrica da estética que os jovens podem ser medidos e comparados, e o que “são as suas imperfeições ou as características mais pessoais que o identificam e dão origem apelidos nem sempre apreciados” (GONÇALVES, 2004, p. 202).

Pensar no que hoje é ser jovem nos direciona a uma amplitude de perspectivas e inquietações, pois o jovem está em uma fase de tomada de decisões sobre seu futuro acadêmico, profissional, familiar, muitas vezes gerados por pressões externas, que podem ser responsáveis por gerar conflitos pessoais. Compartilho do entendimento de Gonçalves (2004), quando trata a juventude como:

(...) Um processo social, de socialização, de transição e entrada para vida adulta, cujo o referencial instiga análise do contexto dessas socializações e das relações entre os indivíduos. As idades servem como ponto de partida para comparações e desconstruções futuras. No entanto a juventude é fundamentalmente trabalhada sob a perspectiva não linear da dinâmica da vida cotidiana. (GONÇALVES, 2004, p. 31).

Esse complexo universo das relações juvenis pode ser uma oportunidade da escola, por meio de sua relação pedagógica, pensar e fazer um trabalho pedagógico de promoção ao autoconhecimento desses jovens para que coletivamente transponham esse momento de suas vidas com mais serenidade e com superação do desafio da convivência humana.

Tratando a questão do *bullying* devido à aparência física, percebo que não vem sozinho, pois uma violência gera outras formas de violências; quando o estudante agressor pratica seus atos de incivildades pode desencadear outros processos de desrespeito e ofensas. O agressor, quando trata pejorativamente a vítima devido às suas características físicas, inevitavelmente pratica a violência verbal.

Quadro 11 – Violência verbal

Violência Verbal	Muitas vezes	Algumas vezes	Nenhuma vez
1. Insultam-me	4%	40%	56%
2. Colocam-me apelidos vergonhosos	7%	37%	56%
3. Ameaçam-me	2%	7%	91%
4. Dizem coisas negativas sobre mim ou sobre minha família	2%	32%	66%
7. Riem de mim e me apontam	2%	31%	54%
16. Fazem piadas do meu sotaque	2%	7%	91%

Fonte: Autora - dados da pesquisa (2017).

A violência verbal também está presente no cotidiano da pesquisa, os insultos foram apontados como a violência verbal mais praticada.

A violência verbal engloba insultar, chamar nomes ou apelidos desagradáveis, gozar, fazer comentários grosseiros que visem salientar qualquer aspecto físico ou deficiência dos colegas. Abramovay (2002) traz que a expectativa social é de que a escola atue no sentido da promoção e da difusão de condutas pautadas pelo respeito, pelo diálogo, pela valorização da escuta, configurando-se como espaço de interações positivas entre os atores que nela convivem. Entretanto, as agressões verbais são comuns e banalizadas no dia-a-dia, traduzindo-se em desrespeito, ofensas, modos grosseiros de expressão, xingamentos e da “zoeira”. Como a narrativa da estudante, quando fala de sua vivência:

Há uns anos atrás, no ensino fundamental, sofri bullying por conta do meu peso, mas desde que entrei no IF, teve apenas uma vez, no primeiro ano, que um cara (que estava no último ano) falou para mim ir rolando pela rampa que eu iria mais rápido (o que nem faz sentido porque emagreci e nem estou gorda assim u.u). Mas na escola, direto, vejo pessoas que de um jeito ou outro, disfarçado de brincadeiras, sofrem algum tipo de bullying, por sua etnia, sotaque, condições financeiras etc, é muito comum andar pelos corredores e ouvir certos comentários. (Estudante, 16 anos, Meio Ambiente).

Esse relato é uma demonstração que o *bullying* tem vertentes que caminham juntas, pois iniciou por características físicas e virou motivo de piadas e deboche com a estudante vítima, tornando-se uma agressão verbal.

Abramovay (2006) ainda pondera que as agressões verbais pedem mais reflexão quanto a seu significado. Apesar de, muitas vezes, serem consideradas brincadeiras corriqueiras, elas têm como objetivo a humilhação, a exposição ao ridículo, a ofensa. Esse tipo de violência não somente aflige, mas, segundo a autora, agride seriamente, permeando as relações interpessoais,

passando a determinar a forma como os membros da comunidade escolar se comunicam e interagem entre si, dentro de um perfil agressivo que é externalizado por meio de ofensas, insultos, difamações, desacatos e visões preconceituosas apoiadas em estereótipos.

As violências verbais mais praticadas no cotidiano do Campus Cuiabá - Bela Vista são o item “b” - Colocam-me apelidos vergonhosos; em média, cinco estudantes da pesquisa dizem ter recebido algum apelido que os constrangeu por mais de quatro vezes; quarenta e oito estudantes afirmam que passaram por esse constrangimento por até três vezes. Seguido pela “a” - insultam-me, onde cinquenta e dois estudantes da pesquisa alegam ter sofrido pelo menos três vezes essa ação; e em média cinco estudantes relataram que sofreram mais de quatro vezes esse tipo de violência.

Relato 1:

Já vi colegas sendo chamadas de gorda, sujinho, cabelo de vassoura. Coisas sendo pegas sem permissão e sendo destruídas. (Estudante, 16 anos Meio Ambiente).

Relato 2:

Sim, eu já sofri bullying por conta do meu corpo, me insultavam, faziam piadas, colocavam apelidos em mim, eu era a excluída da sala porque falavam que eu era metida. Foi assim por um tempo, e durante esse tempo eu sempre ficava quieta no meu canto, as pessoas olhavam mas falavam que era brincadeira, mas eu não achava isso, me sentia mal. Até que eu mudei de escola e no começo não foi muito diferente, mas agora está bem melhor. (Estudante, 16 anos Meio Ambiente).

Nestes dois relatos, os estudantes falam sobre a violência verbal associada a danos materiais, a violência por aparência física e de exclusão no ambiente escolar. São características já narradas anteriormente, de que o *bullying* não se limita a apenas um tipo de ação.

O terceiro item com maior índice foi o “d”- dizem coisas negativas sobre mim ou sobre minha família, estendendo a agressão a outro membro da família do estudante. Quarenta e um estudantes da pesquisa alegam ter sofrido pelo menos três vezes essa ação; e aproximadamente três estudantes relataram que sofreram mais de quatro vezes esse tipo de violência.

Relato 3

já vi muitos alunos do campus sendo 'atacado', geralmente com 'piadinhas de mal gosto' as mais comuns que eu já vi, são por causa do sotaque, nome ou por cor de pele. (Estudante, 15 anos Meio Ambiente).

Esse tipo de violência pode não ser desencadeado por alguma motivação aparente. Segundo Abramovay (2006), de alguma forma, ofender o outro, podendo tocar em pontos que revelam a sua vulnerabilidade, a sua fraqueza, não se limitando a barreiras de gênero e, em alguns casos, evidenciando questionamento da autoridade. A autora entende ainda que essa

atitude é contrária à expectativa da função da escola, com uma atuação contrária à aprendizagem para a vida social.

É interessante perceber que a violência verbal é tão marcante na vida social e emocional do adolescente e traz consequências irreparáveis à vítima. Maturana e Varela (1995) relatam sobre a influência das palavras, considerando-as como ações, atitudes. Os autores narram que compartilhamos um mundo que especificamos em conjunto por meio de nossas ações. Esse entendimento de Maturana e Varela, evidencia que as palavras, em sua forma, geram ações, na história humana a linguagem permitiu a interação pessoal.

Maturana e Varela (1995, p. 252) trazem o entendimento desses processos de rede de interações linguísticas, pois, segundo os teóricos, essas relações que nos tornam o que somos, que nos constituem, esta interação do homem com o meio que está inserido é o que constrói a sua história, portanto, podemos considerar que nossas vivências e práticas constroem nossa consciência e estão agregadas com nossa experiência de vida; por esse motivo esses comportamentos de ofensa, xingamentos, desrespeito, são vivências trazidas do que acontece no próprio cotidiano do estudante, o que vivencia em casa, na família, no bairro onde moram e reproduzem essas vivências no cotidiano escolar.

O impacto dos deboches, piadas e risadas causa impacto negativo na vida do estudante, que, segundo Fante (2005), pode torná-lo um adulto com dificuldades de relacionamento e com outros graves problemas. A autora ainda traz a concepção de que a não superação do trauma pode desencadear processos prejudiciais ao seu desenvolvimento psíquico.

Um estudo de Albuquerque *et al.* (2013), publicado em uma revista de psicologia, fala dos impactos a curto e longo prazo do *bullying* na vida do estudante, pois considera a intensidade que sofreu, a postura do estudante e as diversas áreas da vida do indivíduo; neste contexto, apresenta dados da literatura sobre o assunto e lista alguns impactos na vida da vítima do *bullying*. Na esfera emocional “problemas ou dificuldades sentimentais, medo, solidão e rebaixamento da autoestima”, psiquiátrica - “ansiedade, depressão, ideação suicida ou tentativas de suicídio”, ainda relatam estudos que apresentam sintomas psicossomáticos, “como dores de cabeça, dores de estômago, enurese, tonturas, problemas de sono e dores musculares”; quanto aos relacionamentos interpessoais, “sentimento de ineficácia social e dificuldades de relacionamento interpessoal” que, segundo o estudo, pode gerar problemas, como “comportamentos agressivos, homicídio a pares na escola, envolvimento com atividades ilícitas, como portar arma ou utilizar drogas”. Além dos problemas típicos da vítima, segundo os dados do estudo, os agressores podem apresentar também “baixo rendimento escolar, abandono da escola” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 93).

A vítima desse tipo de *bullying* tende a desenvolver sentimentos negativos sobre si mesma, baixa autoestima, até mesmo dificuldades de aprendizagem, queda de rendimento escolar, podendo desenvolver transtornos mentais graves (FANTE, 2005, p. 79); esses fatores podem, conseqüentemente, gerar um isolamento do grupo. Este isolamento pode acontecer pelo distanciamento voluntário da vítima ou pode, em outro caso, ser provocado pelo agressor onde cria situações de promoção da exclusão social do mesmo.

Um grande problema desse tipo de violência é a naturalização, que pode ser considerado uma fase natural da vida estudantil, como uma espécie de “tradição cultural” (BARBOSA, 2007), e a banalização de sua prática (ARENDRT, 1999), que, conforme estudos de Abramovay (2006, p. 143), por seus significados, por vezes, busca-se meios para justificar a sua ocorrência. As agressões verbais, como outras, quando recorrentes e se não são combatidas por meio de punições, repreensões, diálogos críticos e desestímulos podem criar sentimento de apatia, de impotência, tristezas, minando vontades, contribuindo para a domesticação de corpos, moldando sujeitos acrícos e desencadeando um possível processo de exclusão social no ambiente escolar.

Este assunto também foi agrupado como uma forma de *bullying*, em que foi agrupado as letras “h”, “j” e “m”, apresentando os seguintes dados sobre exclusão social no ambiente escolar.

Quadro 12 – Exclusão social no ambiente escolar

Exclusão social no ambiente escolar	Muitas vezes	Algumas vezes	Nenhuma vez
h. Fazem com que os outros não gostem de mim	4%	15%	81%
j. Não me deixam fazer parte do grupo de amigos	4%	16%	80%
m. Ignoram-me completamente, me dão um “gelo”	3%	18%	79%

Fonte: Autora - dados da pesquisa (2017).

Abramovay (2006) relata que a opção pelo isolamento e pelo recolhimento na sala de aula é outra atitude que pode ser observada em estudantes vítimas de agressões verbais. Alguns preferem desenvolver uma estratégia de defesa, que se traduz em uma forma de auto exclusão, que pode gerar dificuldades de relacionamento e afetar o processo de ensino aprendizagem do estudante.

Considero relevante a concepção de que o ser humano é um ser social e sociável, conforme os estudos de Maturana e Varela (1995), que mostram que biologicamente o ser humano é constituído por um complexo sistema social humano que dá devidas condições de desenvolver sua autodescrição, autoconsciência e auto-observação, capacitando-o a olhar ao seu redor e ser observador do contexto em que está inserido. O observador vê o contexto que está inserido e cria, por meio de sua auto percepção, uma forma de sobreviver e se adaptar a este mundo para que possa sobreviver no mesmo, por isso usa suas representações do mesmo, para agir e interagir neste ambiente.

Esta questão biológica faz com que os seres sintam a necessidade de convivência em grupo. A questão de pertencimento a um grupo social é parte integrante da construção da identidade do ser humano. Os estudantes, em seu cotidiano escolar, também estabelecem relações sociais de aproximação e por meio de relações mal estabelecidas podem ocorrer os afastamentos, porém, quando este afastamento é feito intencionalmente, visando gerar o isolamento de um integrante do grupo, é um ato que pode causar sofrimento e marcas no estudante excluído.

O se isolar ou ser ignorado por seus pares dentro de uma instituição de ensino fere o princípio da escola de ser um espaço de socialização. Esse tipo de *bullying* foi evidenciado por meio de relato feito por um sujeito da pesquisa, que diz:

no IFMT vejo que ocorre mais exclusão de certos estudantes, que acabam ficando sozinhos, quando reprovam, quando vem de outras escolas, ou até mesmo da sala que a sala inteira ignora. (Estudante Meio Ambiente, 18 anos, 3º ano).

O relato de um estudante demonstra que essa pode ser uma prática presente na vida de estudantes que tiveram reprovação e mudaram de sala. Considero que esse tipo de situação necessita de uma atenção, pois o acolhimento tem papel fundamental para a permanência do mesmo, podendo ser responsabilidade dos docentes, coordenadores e dos demais estudantes; interessante que seja pensado no acompanhamento psicológico e pedagógico desses estudantes, para prevenir atos de isolamento e não adaptação ao novo contexto e à nova turma.

As análises dos dados da pesquisa já sinalizam que a escola pesquisada não está isenta desse tipo de prática, sendo necessário olhar para esse cotidiano visando criar estratégias onde os novos fazeres sejam pautados na demanda por um ambiente mais acolhedor, saudável e de respeito. O *bullying* e outros atos de violência não podem ser tratados como um fato isolado e desconexo, isso demanda um olhar multidimensional por meio de práticas transdisciplinares, que permite que usemos óculos que melhorem a visão sobre os fatos e enxerguemos a situação

claramente, não mais como um vulto, onde punir, julgar e excluir sejam a alternativa para o real problema.

As falas das profissionais foram fundamentais para compreender o cotidiano do IFMT Cuiabá - Bela Vista; com relação a este tipo de *bullying* praticado no campus, as profissionais relatam suas vivências e dizem,

[...] *Eu tenho uma perspectiva de marcadores sociais quanto a isso, porque eu acho que o bullying e a violação de direitos humanos, estão presentes na escola como em outros lugares também e a escola acaba reproduzindo certos tipos de padrões, de pensamento, de beleza, E de ser mesmo que reforça os estereótipos que reforçam o bullying.* (Profissional 1).

[...] *Acredito que tem alguns determinantes sociais que interferem nesta questão, estas percepções de violência, de gênero, racismo, preconceito, desigualdade social, tudo isso influencia para estas atitudes agressivas.* (Profissional 2).

Para as profissionais as questões sociais também são determinantes ao estabelecerem as relações cotidianas escolares. O tratamento desigual dos sujeitos praticantes do cotidiano demonstra que as práticas pautadas nas mais variadas situações sociais são sustentadas por uma ideia de superioridade econômica. Evidenciando que em todos os aspectos apontados há uma relação de desigualdade prezada por questões sociais, econômicas, de gênero, racial, religioso... Enfim, as diferenças ainda causam afastamentos e fomentam a discriminação.

A violência que não foi evidenciada no campus foi quanto à violência física, essa prática ficou sem apontamentos que causassem preocupação no cotidiano pesquisado,

Quadro 13 – Violência Física

Violência Física	Muitas vezes	Algumas vezes	Nenhuma vez
[f. Levo socos, chutes e empurrões	0%	5%	95%
j. Puxam meu cabelo ou me arranham	1%	4%	95%
q. Encostam-me contra a parede	0%	2%	98%
r. Forçam-me a agredir outro colega	0%	0%	100%
t. Perseguem-me dentro ou fora da escola	1%	7%	92%

Fonte: Autora - dados da pesquisa (2017).

Quando descrevemos os tipos de *bullying* e violências da pesquisa, a violência física aparece com números poucos expressivos; segundo as profissionais houve apenas 1 registro de brigas com agressões nos quatro anos. Segundo a profissional entrevistada 2, nos tipos de

bullying que acontecem no campus não é evidente o *bullying* que envolva agressão, porém, acontece de humilhação, ofensas, isolamentos e difamação.

Apesar de pouca incidência no campus, é interessante compreender a ideia de que agredir fisicamente o outro é tido como uma estratégia de um código de conduta que trabalha especialmente com duas ideias, opostas, porém complementares: é honroso bater, enquanto apanhar seria assumir o papel do mais fraco. As brigas são legitimadas por uma cultura da violência, a qual estimula e apoia a disseminação de atos agressivos no ambiente escolar (ABRAMOVAY, 2006).

Há situações em que a briga é uma reação explosiva a agressões sofridas durante um longo período. Destaca-se que particularmente os apelidos são provocações que podem desencadear diversos tipos de reação, inclusive a agressão física: chama a atenção, porém, que nem sempre as agressões despertam um desejo de reação nas vítimas. Há casos como o do estudante que, apesar de reagir, minimiza as agressões verbais, classificando-as como apenas “brincadeiras”, diminuindo o sentido de tal incivilidade no cotidiano escolar.

Os referenciais teóricos existentes apontam para a violência física como uma violência direta, que utiliza de força física de forma inapropriada; percebi na análise dos dados desta pesquisa que a violência física não é praticada no campus do IFMT pesquisado, que mais de 90% dos estudantes entrevistados declaram não ter sofrido nenhuma vez.

Esse tipo de *bullying* que pode levar à violência física teve baixíssima incidência na pesquisa realizada, o que é um ponto positivo para o campus Cuiabá - Bela Vista, por não ser praticado e nem sofrido pela grande maioria dos estudantes, o que mostra a forma como a escola tem coibido essas práticas e se mostrado eficiente neste quesito, porém os trabalhos *antibullying* ainda devem ser praticados para erradicar de vez a violência física de seu cotidiano, pois há ainda alguns relatos de estudantes que sofreram muitas ou algumas vezes esse tipo de violência.

A violência que vamos tratar a seguir é bem presente no campus da pesquisa com relatos de casos vivenciados por estudantes que foram ofendidos por sua cor.

Quadro 14 – Violência racial

Violência Racial	Muitas vezes	Algumas vezes	Nenhuma vez
n. Insultam-me por minha cor ou minha raça	3%	10%	87%

Fonte: Autora - dados da pesquisa (2017).

Os dados apresentados, de 13% dos pesquisados já terem sido insultados por conta de sua cor, se fortalecem por meio dos relatos dos estudantes e das profissionais quando relatam situações vivenciadas no campus relacionados a esta problemática. Quando questionados se já sofreram ou viram alguém sofrendo *bullying* na escola, alguns estudantes relataram que

Sim, já vi alunos serem humilhados por sua cor ou falta de capacidade para realizar alguma coisa. (Estudante, 16 anos, Química).

Já, com amigos que tem o tom de pele mais escura. (Estudante, 17 anos, Meio Ambiente).

Sim, um colega de turma me ofendeu a fazer piadinha com meu cabelo em sala de aula pois sou negra do cabelo crespo. (Estudante, 19 anos, Meio Ambiente).

Os depoimentos demonstram que o preconceito ainda está presente em algumas relações, em virtude do racismo, que é o fator que leva a discriminação. Essa relação está intrinsecamente ligada à relação de suposta superioridade das raças; conforme Quijano (2005) conceitua, que povos conquistados e dominados foram colocados numa posição de inferioridade naturalizada, numa relação binária inferior/superior, e isso ainda é legitimado em frases como as narradas, pois a supremacia branca/europeia ainda se coloca como superior a outras características humanas. Essa ideia é apresentada por Souza (2019), quando aborda que:

(...) biologicamente, os brancos europeus seriam superiores aos outros povos que, quanto mais se afastassem das características físicas aparentes do modelo europeu, mais decairiam na escala hierárquica pressuposta pela classificação das raças. Constituído-se como o conjunto de ideias, de práticas e de valores que nortearam a construção social de discursos científicos sobre uma desigualdade natural entre os seres humanos, o racismo legitimava ideologicamente, tanto no contexto internacional como no plano interno europeu, o domínio sobre povos de outros continentes e sobre aqueles grupos que, por possuírem aspectos culturais ou religiosidade diferentes, eram considerados estrangeiros. (SOUZA, 2019, s/p)

Souza (2019), evidencia que “da capacidade mental à beleza física, a escala superior na hierarquia era ocupada pelos brancos: beleza, honra e energia de reflexão seriam, por excelência, atributos exclusivos dos povos brancos”. Neste contexto também considero importante ponderar como o reforço de posturas racistas e a legitimação social de um certo padrão de beleza na sociedade não contempla a valorização das características físicas da população afro-brasileira. Abordam-se, assim, percepções construídas acerca do cabelo dos jovens afrodescendentes, considerando que esse constituinte identificador de uma raça, historicamente, é assinalado para estigmatizar, mas tem potencialidades de simbologia

identitária, sendo ressignificado em linguagens de movimentos sociais, como o movimento negro, para afirmação de autoestima e beleza (ABRAMOVAY, 2006).

Esta é uma luta construída histórico e socialmente que perpassa por ações de movimentos sociais, na qual se busca a necessidade do reconhecimento da existência do racismo e preconceito na sociedade e conseqüentemente na escola. A instituição de ensino tem a priviégio de corroborar para que seja mitigado essas contradições e os conflitos que nela estão presentes, tomando o posicionamento de luta, assumindo o compromisso pela mudança e respeito por todos.

Durante o andamento da pesquisa houve uma situação que envolveu *cyberbullying* (tema abordado mais adiante), com conotação racista em virtude do cabelo da estudante. No episódio, uma estudante do curso de Meio Ambiente, em virtude da falta de consenso sobre um assunto que envolvia duas turmas distintas, envia no grupo de WhatsApp da sua sala um áudio com o comentário que, “gostaria de pegar o cabelo dela com um Bombril e limpar toda a sala que ela sujou”, dando a conotação de que o cabelo da colega fosse esponja de aço e que a mesma era suja, além de iniciar o comentário com ofensas pejorativas.

Esta situação foi encaminhada por meio de abertura de processo à coordenação do curso, que fez a condução à comissão disciplinar. Após as oitivas foram realizadas as tratativas cabíveis com o envolvimento das duas famílias e acompanhamento da instituição. Diferente da postura de Teseu (punir severamente) a escola realizou um trabalho de responsabilização e conscientização da estudante agressora, postura abordada por Lopes Neto (2005), quando considera que “aos autores da agressividade devem ser dadas condições para que desenvolvam comportamentos mais amigáveis e sadios”, evitando o uso de ações meramente punitivas, como punições, que acabam por marginalizá-los, mesmo entendendo que a prática do racismo é criminosa; conforme o Código Penal, artigo 2º da Lei nº 9.459 de 1997, a escola precisa constantemente trabalhar ações que mitiguem o racismo que ainda está presente nas relações escolares.

A discriminação racial pode ser entendida como uma conduta – ação ou omissão – que separa e enfatiza as diferenças do outro com base na raça. A discriminação deriva do preconceito, que é um julgamento prévio e negativo, fundamentado em estereótipos que impedem a reflexão sobre o mundo real (ABRAMOVAY, 2006).

Considerando-se a escola como uma instituição constituinte da sociedade, é de se esperar que os preconceitos nela existentes também se reproduzam dentro do ambiente escolar. Mas tal “determinismo é questionável, já que à escola, como casa da razão e por projetos de

formação cultural e ética, caberia investimento crítico contra preconceitos e discriminações” (ABRAMOVAY, 2006, p. 209).

Além dos xingamentos, apelidos e brincadeiras, outra forma comum de discriminação racial no espaço escolar é a desvalorização do cabelo. Os penteados estilo afro, o cabelo típico da raça negra é para o movimento negro símbolo que merece especial atenção, forma de expressão da negritude e de aproximação das raízes africanas. Mas é comum, nas escolas, “a reprodução pelos próprios afrodescendentes da assunção da negatividade do tipo de seu cabelo, indicando-o como cabelo ruim ou cabelo duro em contraposição ao objeto de desejo, o parâmetro de normalidade, o cabelo bom, o cabelo de branco” (ABRAMOVAY, 2006, pp. 221-222).

Avanços e retrocessos têm sido percebidos nas relações estabelecidas na instituição. Os números sobre essa violência, que parte de atitudes racistas e discriminatórias, são apresentados em relatos, como:

[...] eu levei na brincadeira porque eu não ligo mais com isso, mas foi a questão do cabelo já, porque tipo, as vezes estou sentada na frente e já teve um amigo que falou “nossa, não to enxergando porque o cabelo da estudante/bolsista3 ta muito grande na frente”. Acontece essas situações, na hora todo mundo ri, todo mundo brinca, e tipo, eu mesmo, como eu já sofri muito com isso, essas questões isso pra mim isso era preconceito, pra mim tipo, quando a causa era menor, e eu já sofria muito com isso, e quando ele falou, nossa eu gelei assim e me deu assim, subiu aquela... sei lá, não era raiva a ponto de querer levantar e querer falar alguma coisa, mas bate aquela tristeza, tipo “poxa, eu sofri tanto com isso na infantilidade, na adolescência, que agora eu já tenho 19 anos, no último ano do IF, em uma instituição onde você teoricamente fala assim “nossa, aqui a gente não sofre bullying, aqui todo mundo tem a sua identidade, aqui todo mundo tem o seu estilo, tem o seu jeito” e quando o nada você fala assim “me achei, me identifiquei, não vai acontecer mais” acontece uma situação dessa.

(Entrevista Estudante/Bolsista 3, 2017).

[...] a gente entende sobre o bullying, que não é uma coisa micro, que é aquela coisa definida, é uma coisa muito maior, que tem outras e o preconceito está dentro, porque a maioria das vezes que você vê até por questão que a pessoa sofre bullying, que é por conta da cor, do cabelo ou da característica do rosto, é alguma coisa diferente do que a gente fala que é normal. (Entrevista Estudante/Bolsista 2, 2017).

O relato da estudante/bolsista “poxa, eu sofri tanto com isso na infantilidade, na adolescência” demonstra que estudantes, em algum momento de sua vida escolar, já passaram por essas situações de violação e se incomodam em ver que ainda existe, podendo ainda não ter superado as agressões sofridas em outras escolas. Temos a narrativa de uma estudante que traz um cenário cruel que passou anteriormente,

Não na escola em que estou atualmente, mas passei por isso durante 5 anos da minha vida. Fui xingada, cuspidada, apanhada, era excluída e me davam apelidos estranhos. (Estudante, 17 anos, Química).

Experiências anteriores de um estudante de Meio Ambiente, também demonstram que o racismo entre os estudantes se arrastam há tempos e tem os mesmos moldes de preconceito que são perniciosos ao relacionamento humano,

Já vi muitas vezes na minha antiga escola, onde uma garota tinha a pele escura e meus colegas ficava rindo da cor da pele dela. (Estudante, 15 anos, Meio Ambiente).

O reconhecimento de que há violência racial, e que essa se materializa em tipos de tratamentos e apelidos, convive com a minimização da gravidade do fato. Considerando-se, como já se ressaltou aqui, que são brincadeiras, coisas de meninos, o que sugere que ainda que tal reconhecimento denote algum tipo de consciência social sobre a questão não necessariamente impulsiona ação, em particular uma ação educativa e institucional, para mudar, reverter tal situação ou sistematicamente advertir e reeducar (ABRAMOVAY, 2006).

Tecendo a construção dessa temática de reconhecimento de que o espaço educativo ainda precisa avançar com relação a atitudes perversas e de humilhação, o reconhecimento de que é necessário tecer redes de apoio que ofereçam amizade, cuidado e respeito.

Abro a discussão para um tipo de violência que mata, que fere a alma e traz dor imensurável à vítima. A violência sexual está relacionada a questões de gênero, misoginia e violência doméstica (GIFFIN, 1994), pois muitos adolescentes e jovens estudantes se relacionam afetivamente, e em seus relacionamentos amorosos podem haver situações de possessividade e abuso entre os mesmos. Os números apresentados na pesquisa online não expressam a existência dessa prática entre os estudantes, mas alguns relatos demonstram que, apesar de poucos, existem estudantes que sofreram assédio e que precisaram de apoio da escola e família para mitigar essa gravíssima problemática.

Quadro 15 – Violência sexual

Violência Sexual	Muitas vezes	Algumas vezes	Nenhuma vez
u. Assediam-me sexualmente	0%	1%	99%
w. Abusam sexualmente de mim	0%	2%	98%

Fonte: Autora - dados da pesquisa (2017).

Apesar de ser um item da pesquisa em que aparentemente foi baixa a ocorrência no ambiente escolar, no momento que a pesquisa foi realizada, quero trazer discussões que são fundamentais para o entendimento de que esta prática é uma violência que não deve ser silenciada e muito menos aceita em instituição de ensino.

Silva (2010) traz o conceito da forma de *bullying* com o aspecto sexual caracterizado, como abusar, violentar, assediar e insinuar; a autora relata que “esse comportamento desprezível costuma acontecer entre meninos com meninas, e meninos com meninos. Não raro o estudante indefeso é assediado e/ou violentado por vários ‘colegas’ ao mesmo tempo” (SILVA, 2010, p. 24).

Alguns trabalhos específicos surgiram no decorrer da pesquisa, como as rodas de conversas, que ocorrem quinzenalmente no Campus, organizadas pela equipe multiprofissional, com a presença de outros profissionais convidados para debater temáticas, como saúde física e mental das mulheres, questões de gênero, LGBT, violência contra mulher e assuntos relacionados ao respeito à diversidade. Sobre o projeto,

É um projeto que tinha intenção de falar sobre direitos e Saúde da Mulher, a gente não queria tomar muito partido, a primeiro momento fizemos um projeto bem neutro para tratar questões de saúde, conhecimento do corpo, para conhecimento das leis e proteção e a gente acabou sendo “forçada” pelas meninas a tomar um partido não político mas crítico, para tratar de questões mais complexas, como: violência, aborto, relacionamentos abusivos, falar sobre o direito ao corpo, falar sobre assédio, porém não era a nossa primeira intenção, talvez até fosse, mas acabou vindo num segundo momento, naturalmente a gente mesmo no último encontro com as meninas ia falar sobre o direito das mulheres negras porque elas entendem que as mulheres negras tem uma vivência diferente das mulheres brancas então elas mesmas trazem essas questões complexas e sociais assim, e é um projeto que tem atraído bastante interesse considerável de meninas em torno de 15 a 20 participantes efetivas. (Entrevista Profissional 1, 2018).

As estudantes, por meio de suas demandas, criaram um espaço de discussão que extrapola a rotina de sala de aula e a relação professor/aluno, pois elas mesmas criaram um espaço para debater suas necessidades e a psicóloga e assistente social fizeram a mediação das problemáticas.

Figura 2 - Evento Dia da Mulher



Fonte: Profissional pesquisada 1 (2018).

Na atividade realizada no campus, alusiva ao Dia da Mulher, as estudantes fizeram os cartazes e relataram algumas experiências negativas sobre violências já sofridas, além dessa temática ser evidenciada em falas durante as rodas de conversas propostas. Corroborando que é algo que pode não estar tão distante dos muros da escola. Ela permeia as relações estabelecidas entre os estudantes do campus.

As violências sexuais apontadas por esse abuso ou assédio sofrido, mesmo que não tenham ocorrido entre os pares, envolvem as estudantes no período que estavam na escola, que podem ter ocorrido por pessoas hierarquicamente distintas das estudantes, como adultos que fazem parte do ciclo familiar, de pessoas de confiança e de outros contextos.

Sigo tecendo as redes e conexões entre os dados coletados e as narrativas dos sujeitos participantes para vislumbrar o contexto do campus quanto a danos morais e materiais. Os dados da pesquisa online apresentam uma baixa incidência desse tipo de *bullying* conforme quadro abaixo.

Quadro 16 – Danos morais e materiais

Danos Morais e Materiais	Muitas vezes	Algumas vezes	Nenhuma vez
i. Inventam que eu furto coisas de meus colegas	0%	2%	98%
l. Estragam minhas coisas	2%	5%	93%
o. Pegam meu dinheiro ou minhas coisas sem minha permissão	2%	3%	95%
v. Fui obrigado a entregar meu dinheiro ou minhas coisas	0%	1%	99%

Fonte: Autora - dados da pesquisa (2017).

Pondero que, apesar do índice baixo, o cuidado e zelo pelo patrimônio pessoal devem ser preservados pela escola, além dos cuidados com seus próprios pertences, e a escola tem providenciado armário com chaves para que possam guardar seus pertences, para evitar situações de furtos no interior da mesma. Conforme Abramovay (2006), existe o discurso da normalidade de tais ocorrências, porém, segundo a autora, “se constata que há uma relação entre a existência de furtos e a sensação de insegurança”.

Esta é uma forma de *bullying* que tem registros no regimento disciplinar discente, no qual essa prática é tida como uma infração gravíssima, podendo o praticante receber sanções que gerem seu afastamento, até mesmo sua transferência.

As ocorrências de furtos na escola pesquisada foram registradas oficialmente por meio de processos aos coordenadores de curso, sendo que em 2017 foram 4 casos; segundo o registro, são furtos de carregador de celular, celular, uniforme escolar e livros didáticos; já no ano de 2018 foram 5 casos com os mesmos itens. Porém esse número pode ser maior, por se entender que muitos estudantes não abrem processo ou comunicam o fato oficialmente.

Os pais procuram a escola para saber quais tratativas foram tomadas e como seus filhos devem proceder, na fala da Profissional 1, que registra o atendimento à família da vítima de furto,

geralmente os estudantes pedem para que seus pais venham a escola quando se trata de situações de roubo e furto, nem tanto de ofensas e humilhações, mas geralmente quando tem furtos os pais vem atrás para saber que eu vou fazer pelo celular.
(Profissional 1, 2018).

Oficialmente houve 09 ocorrências em 02 anos, número que pode ser considerado relativamente baixo se comparado a outros contextos, porém precisam ser enfrentados para

reduzir ainda mais esse nível, para que permaneça um clima de segurança e confiança entre os estudantes, pois, em ambientes em que a violência e o medo se instalam de forma sutil ou aberta, impera a lei do silêncio e a lei do mais forte, até quando se trata de pequenos furtos. A lei do mais forte não se legitima apenas pela ameaça da violência, “é também alimentada por uma cultura que preza o considerado mais forte, o vencedor, desprezando o que perde – comum expressão da contravenção em assaltos – o que apanha, o que é furtado” (ABRAMOVAY, 2006, p. 265).

Criar um clima de confiança fortalece as relações interpessoais construídas na escola, pois têm seus direitos resguardados, e quando ocorre entendem que a situação não deve ser naturalizada; nesse sentido, Abramovay (2006) faz um contraponto e ressalta que quando impera o sentimento de insegurança pode gerar uma relação negativa quanto à instituição, “aqui se rouba tudo”, culminando em um clima hostil entre os estudantes, que pode se tornar agressões mútuas. A autora considera que “se por um lado se ilustram expressões em que os furtos são banalizados, considerados naturais, há também uma alta proporção de estudantes que caracterizam uma escola como violenta, relacionando tal perspectiva a incidência de furtos nas escolas” (ABRAMOVAY, 2006, p. 267).

Portanto, o Campus Cuiabá - Bela Vista apresenta baixos índices de situações que envolvam furto, porém, tem demonstrado um trabalho importante na intenção de mitigar essas situações, sendo um dado positivo para o campus.

Finalizando a análise e conceituação dos tipos de violência, vou tratar de uma que extrapola o mundo real e toma proporções que avançam rapidamente por meio da internet, que é o chamado *cyberbullying*.

Quadro 17 – *Cyberbullying*

<i>Cyberbullying</i>	Muitas vezes	Algumas vezes	Nenhuma vez
x. Fazem agressões virtuais (redes sociais)	1%	12%	87%

Fonte: Autora - dados da pesquisa (2017).

A Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, que instituiu o programa de combate à intimidação sistemática, caracteriza *cyberbullying* quando ocorre a intimidação sistemática na rede mundial de computadores, quando se usa os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.

A Constituição Federal traz no artigo 5º, Inciso X, que “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação”; portanto ninguém tem o direito de expor ou depreciar a imagem de outrem.

No *campus* pesquisado, 10 estudantes participantes da pesquisa relatam que foram expostos, envergonhados ou depreciados por meio das redes sociais. Em nenhum relato dos estudantes foi apontada a forma como ocorreram, porém, é algo que está bem presente nas relações que vivenciam hoje, de acesso total e irrestrito às redes sociais e à internet.

Nas nove formas em que o *bullying* se desdobra e a violência demonstra sua face, percebo que a escola pesquisada ainda tem muito a avançar, porém, conforme relato das próprias profissionais, os atendimentos são realizados, os pais são chamados, ações pontuais são feitas. Não existe um protocolo padrão de atendimento a situações de *bullying*, pois, segundo a Profissional 1, os casos são conversados e analisados individualmente; conforme o relato da profissional todos têm consciência da responsabilidade da escola para prevenir e combater essa prática,

(...) Legalmente falando eu creio que já exista o suficiente, pois temos uma Lei Federal que fala da intimidação sistemática, eu acho que toda escola já é munida de informações como está inscrita em seus próprios documentos que traz a sua missão, a sua missão social, sua função, sua meta, os direitos, os deveres e as obrigações... precisa haver formação para os professores, pois o problema não está especificamente no que está escrito, mas principalmente pelo discurso dos profissionais que aí sim a gente pode mexer, tem professor que entra em sala de aula falando contra as cotas que escola caiu a qualidade depois que entrou alunos por meio de cotas automaticamente, este é um discurso que promove a desigualdade entre os alunos porque se o professor usa esse discurso e teve essa fala isso não é bullying pois se o professor disse que o aluno cotista é burro não é bullying por que quem disse isso foi o professor, o professor e cientista o professor é doutor... (Entrevista Profissional 1, 2018).

Diante de todos os fatos narrados é interessante debatermos a responsabilidade da escola frente a toda a problemática do *bullying*, já que, após a sanção da Lei nº 13.663, de 14 de maio de 2018, esta altera o artigo 12 da Lei nº 9.394, de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). A lei inclui a responsabilidade da escola para promoção de medidas de combate ao *bullying*, que visa prevenir e combater todos os tipos de violência a partir da promoção da cultura da paz na escola. O trecho do texto acrescenta os incisos IX e X,

Art. 12.

IX - promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (*bullying*), no âmbito das escolas;

X - estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas." (NR) (BRASIL, Lei nº 13.663, de 14 de maio de 2018).

Os estudantes já sinalizavam a importância de resolver a questão com ações institucionais, como segue em alguns relatos:

Trazer esse assunto pra escola, falar sobre isso para que as pessoas que fazem bullying entender que isso é sério, e pode machucar muito uma pessoa, mesmo que tenha feito ou falado alguma coisa só por brincadeira. (Estudante, 17 anos, Meio Ambiente).

As escolas em geral poderiam abordar mais esse tema em seminários, debates e palestras sobre esse assunto. (Estudante, 16 anos, Meio Ambiente).

O assunto deve ser amplamente discutido através de palestras e rodas de conversas, e também criar um mecanismo em que o aluno possa falar o bullying que sofreu e se sinta seguro fazendo isso. (Estudante, 16 anos, Meio Ambiente).

Discutir abertamente com palestras/ou através de professores sobre raça, ideologia de gênero, orientação sexual, saúde e etc. discutir abertamente com argumentos que não sejam PRECONCEITUOSOS e CONSERVADORES. (Estudante, 15 anos, Química).

Há um entendimento dos estudantes que está preconizado na Lei *Antibullying*, que a escola e seus profissionais devem estar aptos para o enfrentamento dessa problemática, a partir do reconhecimento de que a escola não pode ser omissa, negando a existência do *bullying* e da violência. Porém, os professores precisam ser capacitados para atuar numa perspectiva de formação dos temas da diversidade cultural e as relações de tolerância e intolerância. Silva (2009) traz o conceito de tolerância como uma forma de “aguentar o outro. Neste sentido, cada um permanece no seu lugar sem interferir na vida do outro” (SILVA, 2009, p. 135). Mas a tolerância deve ser assumida como modo de vida, agregando valores, contribuindo para uma sociedade mais pacífica, sem a intenção de se livrar do incômodo da presença do outro.

Grande desafio para a escola, no que diz respeito à formação de seu corpo docente e de sua equipe técnica, pois não é apenas levar temas transversais que abarquem questões de direitos humanos, é necessário conhecimento sobre a história, as lutas, os contextos, sem senso comum e superficialidade, pois isso pode promover um movimento contrário em que, ao invés de promover aproximação, ocorre o afastamento. A profissional entrevistada narra episódio de uma tentativa de abordar temas de diversidade cultural sem a devida preparação.

Precisa ter atenção em tratar esses temas porque já tivemos aqui professores que tiveram a boa ideia de trazer esses debates para sala de aula e não conseguiu fechar este debate e criou todo um problema na escola, e depois dessa tentativa malsucedida, tivemos até alunos que saíram da escola desta mesma turma após esse trabalho com

o professor porque passou a sofrer bullying dos demais colegas era uma coisa que teve uma boa intenção mas acabou sendo malsucedida. (Entrevista Profissional 2, 2018).

Fica evidente a necessidade de formação continuada para os professores sobre temas complexos da sociedade contemporânea, além de abarcar questões referentes à valorização do ser humano, da dignidade humana, valores, identidade e diversidade cultural, pensando na transversalidade desses temas e sua aplicabilidade em todas as áreas do conhecimento.

Pensar em uma campanha revolucionária pois campanha para entregar folder isto já acontece eu acredito que toda a intenção é boa mas esta é uma ação que pode ter bons resultados mas acredito que uma coisa que seria bem efetiva é que todo o professor tivesse que tratar temas transversais dentro de sala de aula independente da matéria que ele trabalha que seja matemática cálculo, estatística, o que fosse esse professor vai ter que pegar uma vertente de uma causa de um problema social, racismo, homofobia, machismo, intolerância religiosa, inclusão... Um monte de tema e inserir na sua disciplina de alguma forma a gente precisa tratar esses temas nessas beiradas assim. (Entrevista Profissional 2, 2018).

Observando que alguns caminhos estão sendo trilhados, as redes tecidas, o contexto desvelado, porém, como é possível compreender e estabelecer melhorias numa instituição de ensino onde seus contextos e sujeitos mudam constantemente, considero que essa é uma luta que não se esgota, que envolve formação docente para uma formação mais humana, na qual não se perde de vista a humanidade dos seres passantes no cotidiano escolar. Chalita (2008) fala da conexão entre os seres, que não somos sozinhos e somos interdependentes, por esse motivo não podemos perder a compaixão, pois se a perdemos, perderemos “a capacidade de se incomodar com o sofrimento alheio – e os incomodados são capazes de mudar o mundo” (CHALITA, 2008, p. 15).

Nesse movimento de perceber que somos conectados, que um mal interfere no coletivo, é preciso considerar Certeau (2004), quando relata que continua havendo diferenças sociais, econômicas e históricas entre os praticantes. Nesta consideração entra o papel formativo da escola, em que, como o autor considera, toda cultura “se elabora nos termos de relações conflituais ou competitivas entre mais fortes e mais fracos, sem que nenhum espaço, pode instalar-se na certeza da neutralidade” (CERTEAU, 2004, p. 86).

Silva (2009) fala desse espaço (escolar) que não é neutro e que há relações entre sujeitos praticantes de *saberesfazeres* em diferentes *espaçostempos*. O autor considera a plenitude de sua formação, quando o ser humano concebe que é constituído a partir das “relações com a cultura, com os outros e com o ambiente”. O autor ainda traz a concepção de que o “educando deve estar consciente de que a identidade de um povo e do próprio ser humano individualmente

é construída de forma coletiva e constante. Que deve respeitar e valorizar os saberes contidos nas outras culturas” (p 129). O que considero como o papel mais fundamental da escola, como local de formação e transformação, seja formar o ser humano que tenha consciência “de que é possível aprender e trocar saberes ou conhecimentos com outros grupos. Essa troca não tem mão única, isto é, um povo que recebe, aprende e outro que ensina e traz o conhecimento” (SILVA, 2009, p. 133).

3 EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

3.1 MECANISMOS DE RESISTÊNCIA

Certeau (2004) traz o conceito de *mecanismos de resistência*, que é uma forma dos mais fracos usarem de sua inventividade para inverter a lógica do dominante, no caso do *bullying* a vítima se empoderar numa espécie de neutralização às investidas do agressor.

Esse processo de reinventar o seu cotidiano e driblar as mazelas do *bullying* podem ocorrer mediante o empoderamento das vítimas, que conseguem buscar forças e apoio em uma rede estabelecida dentro do espaço escolar. Sendo uma forma de não ceder às violações sofridas e se empoderar por intermédio do protagonismo jovem, que é uma estratégia de fortalecimento e empoderamento das minorias, que se unem para combater o que fere sua integridade física, psíquica e emocional.

Este protagonismo jovem é algo a ser estabelecido na construção da identidade do próprio adolescente por meio do autoconhecimento, do desenvolvimento da autoestima e do fortalecimento de suas ações e da ação educativa proposta pela instituição de ensino.

Bignoto (1992, p. 177) fala sobre as formas de operarmos no mundo, “criando uma natureza e uma forma de estar no mundo”. Como nos enxergamos e nos posicionamos frente ao mundo é importante para estabelecer relações intra e interpessoais saudáveis.

A resistência é algo que não se constrói repentinamente, mas se estabelece a partir de redes de apoio, de práticas constantes de intervenções na realidade dos estudantes, de promoção de ações, como roda de conversas, dinâmicas de grupos e fortalecimento dos sujeitos praticantes, que se entrecruzam e entrelaçam seus percursos no cotidiano escolar, marcando e sendo marcados pelas relações que estabelecem; insisto aqui no estabelecimento de relações interpessoais de respeito e civilidades.

O protagonismo jovem é uma forma de *tática de praticantes* (CERTEAU, 2004, p. 45), onde os chamados fracos se opõem à lógica dos chamados fortes. Essas táticas criam uma microresistência, que visa fortalecimento do sujeito, fazendo com que o mesmo seja protagonista de sua história, garantindo seu espaço no cotidiano, rompendo com modelos preestabelecidos e com a banalização do mal que ainda é presente no cotidiano escolar.

Conforme Costa (2000), o protagonismo parte de ação educativa, como a criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens envolver-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso. O “ser” protagonista é ser capaz de se colocar como sujeito construtor de seus projetos de vida e

de se ver como elemento que contribui para a solução dos desafios individuais e coletivos. Lendo as contribuições que os estudantes deram como trabalhar essa problemática.

Essas contribuições vieram a partir das respostas do questionário *on line* que tinha em seu bojo a pergunta aberta “O que você sugere que seja feito para acabar com o *bullying*?”. Nesse contexto selecionei algumas considerações que mostram a percepção dos estudantes quanto à promoção de diálogos na escola para combater este mal.

Contribuição 01:

“Conscientização dos estudantes sobre as diferenças que cada pessoa tem em particular seja de gênero, opção sexual, religião, cor, entre outras. Também é preciso incentivar que quem sofra bullying conte o ocorrido para uma pessoa adulta, os pais ou a pessoa responsável na escola para tomar alguma providência, para isso é necessário que os pedagogos e coordenadores das escolas e principalmente os pais conquistem a confiança dessa criança ou jovem para contar o que acontece de negativo com ele na escola”. (Estudante curso de Química, sexo masculino, 18 anos).

Contribuição 02:

“Palestras, fiscalização e punições”. (Estudante curso de Química, sexo masculino, 17 anos).

Contribuição 03:

“Palestras, e trazer relatos de pessoas que já sofreram com o bullying”. (Estudante curso de Química, sexo masculino, 18 anos).

Contribuição 04:

“Talvez se esse assunto fosse mais falado através de aulas, atividades escolares e palestras tanto no ensino fundamental, quanto no médio, haveria uma diminuição. Também acredito que educação vem de casa sim! Se os pais alertarem seus filhos de que isso não é legal, esse estudante vai passar a ter consciência de que isso está incomodando ao seu próximo. Muitos jovens afetados acabam se fechando para o mundo, se tornando pessoas tímidas com o alto estima baixo por culpa do bullying que sofre”. (Estudante curso de Meio Ambiente, sexo feminino, 15 anos).

Contribuição 05:

“A igualdade deve prevalecer. Medidas educativas devem ser tomadas pelas instituições de interação dos estudantes e campanhas de combate”. (Estudante curso de Química, sexo feminino, 18 anos).

Contribuição 06:

“Acredito que deve haver uma grande demanda por parte dos professores e funcionários em propagar o perigo do bullying e punir severamente aqueles que o praticam tornando miserável a vida de outro colega. Poucos estudantes que sofrem bullying e poucos colegas que presenciam denunciam o ato, por medo de sofrerem o mesmo (ganhando apelidos ou sendo vítimas de brincadeiras de mal gosto) ou indiferença, por aquilo “não ser da sua conta”. Mas temos que começar a nos preocupar com aqueles que por um motivo ou outro (um comentário, ou uma piada), mesmo que não dirigidos diretamente, se sentiram ofendidos e tiveram sua saúde mental abalada. Grande parte dos estudantes do campus em que estudo são adolescentes em fase de formação de opinião e orientação sexual variada ou indefinida. Temos religiões diferentes, etnias diferentes, costumes diferentes, sexos diferentes e, enfim, diferentes modos de agir e pensar e ninguém, em momento

nenhum, deve se sentir ofendido, ameaçado ou culpado por ter uma personalidade ou opinião diferente da dos demais (desde que não interfira no direito de expressão e liberdade alheio). (Estudante curso de Química, sexo feminino, 16 anos).

Pode-se perceber que as sugestões dos estudantes para acabar com o *bullying* na escola são as mais variadas. Embora haja uma luta contínua para eliminar ou, pelo menos, mitigar os conflitos em função das diferenças na nossa sociedade, os reflexos dessa desigualdade refletem na escola.

Podemos perceber que *falar sobre o bullying* é para os participantes uma forma de combate. Isso implica dizer, então, que apesar de ser um tema muito comentado não é discutido com os estudantes. Neste ponto, é possível perceber uma conotação de protagonismo dos estudantes perante esta realidade que vivenciam cotidianamente.

Há percepção de que quem pratica o *bullying* não tem a consciência de seu ato e/ou de suas consequências, pois consideram uma forma de brincadeira, sendo ressaltada a importância da escola nesse papel de conscientização.

Há também o entendimento de que as questões de orientação sexual, cor, raça, religião, classe e outras diferenças são propulsores a situações de *bullying*. Chalita (2008) traz o foco sobre a supremacia de um grupo de pessoas: “não há cidadãos de primeira e de segunda classe”, o que não justifica a questão de agredir ou violar direitos partindo do individualismo e arrogância do ser humano. O autor ainda questiona se “o *bullying* é uma opção consciente ou a ausência de consciência?”.

Na fala dos estudantes a escola foi colocada como o local de suma importância para o enfrentamento; segundo eles, os profissionais devem ser capacitados para atendimento ao sujeito que sofre ou pratica o *bullying*, além de serem os responsáveis para promover ações para abordar este tema.

A escola sendo esse espaço de resistência e de protagonismo pode proporcionar a construção de um espaço que transforme, a partir do reconhecimento de que os sujeitos pertencentes a esse cotidiano precisam ser respeitados por suas diferenças e que, a partir de uma rede de ações, pode promover debates sobre as questões pertinentes e inquietantes a esses sujeitos praticantes do cotidiano escolar; algumas ações foram evidenciadas e apresentaram avanços na luta pela melhoria do clima escolar e no combate a ações de violação de direitos e do *bullying*. Essas percepções de que podem, sim, por meio do empoderamento criar um espaço de escritas e reescritas que são rupturas com modelos existentes e impostos de cima para baixo, Certeau trata as rupturas de paradigmas como um procedimento que deve

Analisar o imenso campo de uma “arte de fazer” diferente dos modelos que reinam (em princípio) de cima para baixo [que é] independente dos locutores e das circunstâncias, onde construí um sistema a partir de regras que garantem a sua produção, sua repetição e verificação. (CERTEAU, 2004, p. 86).

Projetos pedagógicos e atividades curriculares são ferramentas para debates que visam ações e melhoria para o espaço escolar, como eventos voltados para os direitos humanos e cidadania, diversidade e respeito. Ouvir os estudantes sinaliza a vontade de mudar e ter ideias que sejam aplicáveis e significativas, pois, quando se envolvem há interesse,

Trabalhar com esses estudantes em várias vertentes onde eles possam dar ideias de eventos e de atividades de aulas, onde alguns deram ideias de cartazes de eventos tema de redação ou de competição não sei mas algo que venha deles. Isso deve ser algo contínuo, uma política permanente de combate ao bullying, ele precisa estar instituído na cultura organizacional e que fazemos com que os estudantes participem. (Entrevista Profissional 1, 2018).

Conforme Certeau (2004, p. 203) pondera, que os relatos efetuam um trabalho incessante, “transforma lugares em espaços e espaços em lugares”, pois, segundo ele, o espaço é um lugar praticado; esse movimento organiza os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros. Por esse entendimento percebemos que as relações mutáveis proporcionam mudanças de atitudes e comportamentos entre os sujeitos e o espaço, podendo promover a mudança de conceitos e paradigmas, que torne um espaço hostil em um lugar salutar e benéfico aos seus praticantes.

Certeau (2004, p. 202) ainda traz a concepção de espaço como um “conjunto de movimentos que aí se desdobram”, que pode ser modificado pelas transformações que ocorrem devido às proximidades sucessivas. Essa aproximação promove a experiência do reconhecimento do “eu” e do reconhecimento do “outro”. Por esse motivo é fundamental que a escola promova atividades de aproximação e acolhimento entre os estudantes, que podem criar vínculos e compreender a concepção do que “existir no mundo” que é composto por vários outros “mundos”.

Na arte de fazer, de reinventar o espaço, de subverter a lógica imposta e de criar táticas de praticantes é que surgem ações pautadas no protagonismo dos estudantes; algumas ações são realizadas e promovem o fortalecimento da identidade do estudante e melhoram o seu entorno e seu espaço de convivência, que lembro que pode não ser livre de conflito, porém se estabelece com respeito e tolerância. Relato algumas dessas ações que emergiram da demanda dos estudantes e houve produções e demonstrações de seus pensamentos e sentimentos.

A arte, o esporte e a cultura podem ser elementos fundamentais para explicitar as visões de mundo, valores e serem usados como uma forma prática de aprendizagem e de desenvolvimento da resiliência. Melhorando a sua percepção do grupo, sua autoestima e de pertencimento ao espaço.

Figura 3 – Foto da Instalação Artística GPHSC - Sábado Letivo - Setembro amarelo



Fonte: Autora (2018).

No evento retratado, houve palestras diversas e, durante o intervalo das mesmas, o GPHSC, a partir de sugestões de seus membros, inclusive dos estudantes integrantes do grupo, promoveu uma instalação artística na cantina do campus, onde os estudantes puderam, num registro simbólico, deixar sua marca; cada mão trouxe a sua história de vida e registrou no painel que está exposto na escola, com diversas mensagens de sensibilização, onde o enfoque principal foi que todos são importantes, singulares e diversos.

Figura 4 - Fotos das Telas da instalação artística



Fonte: Autora (2018).

Figura 5 - Foto do Varal poético - Semana Cívica



Fonte: Autora (2018).

Os estudantes puderam deixar suas mensagens em forma de desenhos e poemas para os demais sujeitos passantes nesse cotidiano, onde o respeito à diversidade, diferença e sensibilização à humanidade de todos ficaram evidenciados no resultado apresentado.

A escola também promoveu a Olimpíada BLV - saúde, esporte e cultura: corpo e mente em movimento, com a visão de desenvolver uma maior integração da comunidade educacional, por meio da integração de atividades esportivas e culturais em diversas modalidades com ações pautadas na participação efetiva, no respeito mútuo e moral, com foco no desenvolvimento educativo global dos estudantes. Para esse evento os estudantes concluintes foram

organizadores da programação e responsáveis pela realização de cada modalidade esportiva, cultural e artística, que iniciou com apresentação de dança dos grupos com a temática “a luta das minorias”.

Figura 6 - Fotos da Olimpíada BLV



Fonte: Autora (2018).

Outro evento que ocorreu foi o projeto CurtaBLV, que reuniu estudantes dos cursos de Ensino Médio Integrado, Técnico Subsequente e estudantes de outros Campi. Esse evento proporcionou, aos estudantes, oficinas de cinema, música e poesia, exibição de filme e debate sobre o tema do *bullying*, onde puderam conhecer ou aprimorar técnicas para subsidiar suas produções.

Figura 7 - Cartazes de divulgação do V CURTABLV / GPHSC



Fonte: CURTABLV - estudantes e professores (2018).

O evento proposto pelo GPHSC aos estudantes gerou trabalhos riquíssimos que foram divulgados em redes sociais e plataformas de vídeos, o que culminou em propostas de enfrentamento ao *bullying*. O Festival CurtaBLV é um trabalho multidisciplinar e integrado entre várias áreas do conhecimento, que em 2018 está na sua quinta edição; e cujo tema *Bullying: caminhos para o combate*, foi sugestão dos próprios estudantes do GPHSC. O evento oportunizou aos estudantes vivências de oficinas de vídeo, poesia e música, para que pudessem criar estratégias de combate ao *bullying* por meio de diversas formas de arte; o qual obteve 47 inscritos nas diversas modalidades do Festival. Sendo os estudantes premiados pelas produções que estão disponíveis a toda comunidade em redes sociais.

Premiação categoria Vídeo teve o seguinte resultado:

1º lugar, décimo segundo vídeo: BULLYING!

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2015592628524770&id=357987897618593

2º lugar, oitavo vídeo: BULLYING NÃO É BRINCADEIRA!

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2012285165522183&id=357987897618593

3º lugar, sexto vídeo: LUTA CONTRA O BULLYING!

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2010931815657518&id=357987897618593

Premiação Música:

1º lugar, terceira música: NÃO VOU ME RENDER:

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2019975594753140&id=357987897618593

2º lugar, primeira música: BULLYING NÃO É BRINCADEIRA:

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2009947435755956&id=357987897618593

3º lugar, segunda música: BULLYING CAMINHOS PARA O COMBATE:

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2010909312326435&id=357987897618593

Premiação Poema:

1º lugar, segundo poema: LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA DE LIA SOUZA!

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=1995693917181308&id=357987897618593

2º lugar, décimo nono poema: LOBO SOLITÁRIO!

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2009944725756227&id=357987897618593

3º lugar, empate entre :

Décimo Sétimo poema (sem nome)

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2009940359089997&id=357987897618593

Vigésimo segundo poema (sem nome)

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2009954752421891&id=357987897618593

O pensar em propostas de enfrentamento, de combate, de se posicionar, de protagonismo, implica em mudança de atitude e na arte de reinventar (CERTEAU, 2004), a escola é o cenário e o cotidiano é o lugar. Há muito que se considerar da prática e do cotidiano para implementação de um currículo comprometido com a “diversidade cultural e que seja capaz de desenvolver habilidades de pensamento” (LOPES; MACEDO, 2011, p. 143).

CONSIDERAÇÕES FINAIS - VIDAS ENTRECRUZADAS

Debater a temática *bullying*, violência e violação de direitos humanos numa pesquisa da área de ensino, parte da concepção de que é uma temática complexa e que está ligada ao processo de ensino e aprendizagem. A área de ensino articula os saberes específicos com questões do cotidiano dos estudantes, sendo essa temática importante para a construção de saberes numa perspectiva transdisciplinar que abarque as diversas possibilidades da atuação escolar, confrontando os saberes curriculares previamente selecionados com questões mais complexas e presentes no cotidiano dos estudantes, como as desigualdades entre os sujeitos, à proteção da dignidade humana e a garantia princípios de respeito e civilidades imperando no cotidiano escolar.

Busquei perceber como a temática da pesquisa estava presente nas relações cotidianas dos estudantes de ensino Médio do IFMT Campus Cuiabá Bela Vista. Neste sentido considero que a presente pesquisa apresentou um espaço escolar em que o *bullying* está presente e tem assumido características que podemos nomear como outros tipos de violência, como racismo, preconceito, homofobia e discriminação. Pautando-se por marcadores sociais específicos, que geram as diferenças e constituem a identidade dos estudantes, que podem ser determinantes para que ocorra atitudes agressivas presentes nas relações escolares.

O tipo de *bullying* mais característico no Campus Bela Vista, não está relacionado com a questão da violência física ou briga entre os estudantes, mas acontece uma violência verbal e discriminatória, em que as profissionais que atendem aos estudantes apontam como uma relação direta ligada à questão do preconceito por serem pobres, por serem cotistas, por receber bolsas de assistência estudantil ou bolsa família, evidenciando que o *bullying* vivenciado neste cotidiano escolar é caracterizado por marcadores sociais da diferença, que é demonstrado por meio do desrespeito a classe social e opção sexual, que se materializa por intermédio da violência verbal, violência racial e principalmente por aparência física.

Diante dessa problemática tenho percebido que realmente um currículo que supere a dicotomia teoria/prática, pensar/fazer, estruturado com ações bem claras que podem ter efeitos positivos acerca do enfrentamento às violências e violações de direitos presentes nesse cotidiano escolar. Superando o modelo de currículo centrado apenas em exposição de conteúdos e inserindo mais atividades pautadas em vivências, partilhas e diálogos possíveis.

A necessidade de ruptura com modelos legitimados historicamente de uma escola excludente e polarizada, nos remete a vivenciar um cotidiano escolar, que seja construído a partir de relações saudáveis e de respeito aos Direitos Humanos, sendo ousado e muitas vezes

subversivos, para que ocorra a transformação esperada de postura e de respeito. Então, é necessário dar vez e voz aos sujeitos, na qual os mesmos abandonem suas certezas e convicções para que os saberes sejam (re)construídos por sujeitos praticantes por meio de estratégias astutas.

Pensar em estratégias astutas para assegurar uma convivência de respeito e reciprocidade no ambiente escolar, onde a multiculturalidade, os diversos saberes e as individualidades estão presentes, pode ser uma forma de intervenção institucional para o combate ao *bullying* e outras formas de violências presentes no cotidiano escolar. O conflito de diversas ordens nos faz buscar outros cotidianos, que podem ser construídos/tecidos por meio de diálogos e pensamentos críticos, que possam promover mudanças efetivamente.

A necessidade de se desenvolver estratégias contra possíveis indisciplinas e violências nos estabelecimentos escolares vem ganhando legitimidade, por meio de táticas que tenham como instrumento a prática do diálogo, o reconhecimento da diversidade, o estabelecimento de relações interpessoais baseadas na cooperação e na solidariedade, a diminuição da sensação de insegurança e vulnerabilidade no cotidiano vivido e praticado pelos sujeitos da escola. Considero aqui fundamental a inclusão da educação em direitos humanos como uma estratégia de enfrentamento à problemática, partindo de debates e entendimento dos conceitos e características dos comportamentos de *bullying*, violências e violações de direitos contra a pessoa humana, como possibilidade de intervenção no cotidiano escolar, que é importante que parta da atuação dos próprios estudantes como atores principais na busca por soluções de seus problemas reais, sendo que a Instituição de Ensino respalde sua concepção em documentos oficiais através de medidas preventivas, que promova ações de acolhimento e respeito, que supere apenas os registros punitivos contidos no regimento disciplinar discente.

Considero que os conflitos certamente surgirão na existência de diversidade, mas isso, antes de significar violência, agressividade, pode fazer com que as pessoas aprendam mais sobre o outro e passem a respeitá-lo. Pensando na escola, no seu currículo e na concepção de que o conhecimento está em constante transformação, de que muda permanentemente e que deve favorecer o crescimento pessoal, devemos refletir sobre a prática de um currículo que não é fixo e engessado, que não propõe universalizar uma verdade em especial e vise extrapolar como único objetivo de ensinar aquilo que é mensurável, quantificável e observável, desconsiderando as complexidades, subjetividades e singularidades dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Cotidiano nas escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, 2006.

_____; CASTRO, M. M. **Ensino Médio: múltiplas vozes**. Brasília: UNESCO, 2003.

_____. *et al.* **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ALBUQUERQUE, Paloma Pegolo de; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque; D’AFFONSECA, Sabrina Mazo. Efeitos Tardios do Bullying e Transtorno de Estresse Pós-Traumático: Uma Revisão Crítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Universidade Federal de São Carlos, v. 29, n. 1, p. 91-98, Jan-Mar 2013.

ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUER, Martim W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. 7. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2003.

BIGNOTTO N. O círculo e a linha. In: NOVAES, A. (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 177-189.

BOGDAN, R. BIKLEN. S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.

_____. Ministério da Educação. **Portaria nº 1.586**, de 15 de setembro de 2006. Autorizar o Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso, a promover o funcionamento de sua UNED de Bela Vista, em Cuiabá - MT. Brasília: DOU, 18.09.2006.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, **Programa Ética e Cidadania: construindo valores na escola e na sociedade: inclusão e exclusão social**. Organização FAFE – Fundação de Apoio à Faculdade de Educação (USP), equipe de elaboração Ulisses F. Araújo... [et al.]. Brasília: MEC/SEB, 2007.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Assembleia Nacional Constituinte, 5. 10.1988

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: DOU, 23.12.1996.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 9.459**, de 13 de maio de 1997. Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989,

que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Brasília: DOU, 14.5.1997.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 11.892**, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília: DOU, 30.12.2008.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 13.185**, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Brasília: DOU, 9.11.2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm>. Acesso em: 02 set. 2018.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 13.277**, de 29 de abril de 2016. Institui o dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência na Escola. Brasília: DOU, 2.5.2016.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 13.663**, de 14 de maio de 2018. Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. Brasília: DOU, 15.5.2018.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2003.

_____. **A invenção do cotidiano I**: as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **A invenção do cotidiano 1**: as artes de fazer. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da amizade – bullying**: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Gente, 2008.

CHAUI, Marilena. Ética e violência. **Teoria e Debate**, Fundação Perseu Abramo, São Paulo, ed. 39, 01.10.1998.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Protagonismo juvenil**: adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível na Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo: <www.direitoshumanos.usp.br>.

DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otavio C.; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de S. (Orgs.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Pesquisa com o cotidiano. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007.

_____ *et al.* **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

FREIRE, A. N.; AIRES, J. S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do *Bullying*. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, ABRAPEE, Campinas, v. 16, n. 1, p. 55-60, Janeiro/Junho de 2012. Disponível em: <<https://repositorio.observatoriodocuidado.org/bitstream/handle/479/1/pee.S1413-5572012000100006.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

GARCIA, R. L.; ESTEBAN, M. T.; SERPA, A. (Orgs.). **Saberes Cotidianos em Diálogo**. 1. ed. Petrópolis: De Petrus; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015.

IFMT. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso. **Perguntas frequentes**. 2018. Disponível em: <<http://processoseletivo.ifmt.edu.br/conteudo/pagina/faq/>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

_____. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso. **Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), 2014**. Cuiabá: IFMT, 2014.

_____. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso. **Regimento disciplinar discente**. Resolução nº 115 de 13/09/16. Cuiabá: IFMT, 2016.

GIFFIN, K. Violência de Gênero, Sexualidade e Saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10 (suplemento 1), p. 146-155, 1994.

JOSGRILBERG, Fabio Botelho. Michel de Certeau e o Admirabile Commercium de sentidos na educação. **Educação: teoria e prática**, UFRGS, Porto Alegre, v. 18, n. 30, p. 95, 2008.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011. 280 p.

LOPES NETO, A. *Bullying* - comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Sociedade Brasileira de Pediatria, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5 (supl), 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2018.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Psy, 1995.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000

OLIVEIRA, C., SOUZA, V., OLIVEIRA, F., SILVA, VCG. Violência escolar no Brasil: desafios em curso na educação do século XXI. Congresso Ibero-Americano em Avaliação Qualitativa, Salamanca, Espanha: CIAIQ, **Anais...** 2017.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas – sobre redes de saberes**. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

PEREIRA, Graziela Raupp; VARELA, Cristina Monteggia; SILVEIRA, Guilherme Pereira. O fenômeno do bullying homofóbico nas instituições de ensino: o direito à igualdade sexual e o princípio da dignidade da pessoa humana. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 10, n. esp., p. 1489-1596, 2015.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Edgardo Lander (org). Colección SurSur, CLACSO, Ciudad autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2005.

SILVA, A. B. B. **Bullying**: mentes perigosas na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, C. A. **Educação, tolerância e direitos humanos**: a importância do ensino de valores na escola. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SILVA, R. M. D.; SILVA, R. R. D. Educação, direitos humanos e reconstrução social nas políticas contemporâneas de escolarização no Brasil. **Revista Diálogos em Educação**, Curitiba, v. 13, n. 39, p. 485-504, 2013.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015.

SOUZA, J.A. **Bullying, racismo e identidade no contexto escolar dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio do IFMT – campus avançado Sinop**. Dissertação Mestrado IFMT, 2019.

ANEXOS

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE VIOLAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS E
BULLYING

1. Idade: _____ Escolaridade: _____
2. Estado civil (___) solteiro (___) casado (___) separado
3. Sexo _____ Orientação sexual _____
4. Escolaridade do pai: _____
5. Residência própria (___) sim (___) não
6. Bairro onde mora: _____
7. Trabalha? (___) Sim (___) Não
8. Escolaridade da mãe: _____
9. Marque abaixo se você passou e/ou passa por estas situações na escola em que estuda atualmente:

Marque em caso afirmativo	Muitas vezes	Algumas vezes	Nenhuma vez
a. Insultam-me			
b. Colocam-me apelidos vergonhosos			
c. Ameaçam-me			
d. Dizem coisas negativas sobre mim ou sobre minha família			
e. Insultam-me por causa de alguma característica física			
f. Levo socos, chutes e empurrões			
g. Riem de mim e me apontam			
h. Fazem com que os outros não gostem de mim			
i. Inventam que eu furto coisas de meus colegas			
j. Puxam meu cabelo ou me arranham			
k. Não me deixam fazer parte do grupo de amigos			
l. Estragam minhas coisas			
m. Ignoram-me completamente, me dão um “gelo”			
n. Insultam-me por minha cor ou minha raça			
o. Pegam meu dinheiro ou minhas coisas sem minha permissão			
p. Fazem piadas do meu sotaque			
q. Encostam-me contra a parede			
r. Forçam-me a agredir outro colega			
s. Humilham-me por minha orientação sexual			
t. Perseguem-me dentro ou fora da escola			
u. Assediam-me sexualmente			
v. Fui obrigado a entregar meu dinheiro ou minhas coisas			
w. Abusam sexualmente de mim			
x. Fazem agressões virtuais (redes sociais)			
Outras Situações:			

10. Você já teve seus direitos violados na sua escola atual? () Sim () Não

Se sim, marque quem o maltratou abaixo:

Marque em caso afirmativo	Muitas vezes	Algumas vezes
Colegas de sala		
Colegas de outras salas		
Professores		
Coordenadores/Diretores		
Funcionários		
Obs.:		

11. Você já maltratou alguém na sua escola atual? () Sim () Não

Se sim, marque uma justificativa abaixo:

() Porque me senti provocado

() Por brincadeira

() Não sei

() Porque acho que eles merecem

() Porque sou mais forte

() Porque quero ser popular

() Falaram de mim ao meu professor

() Porque não sou castigado (a) na escola

() Porque quero dominar o grupo

() Porque eles são diferentes dos demais

() Outro motivo, explique: _____

12. Você já sofreu ou viu alguém sofrer *bullying* na escola? Relate o ocorrido

13. Você tem alguma sugestão para acabar com *bullying*?

ANEXO 2



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE MATO GROSSO
CAMPUS CUIABÁ-BELA VISTA**

Termo de Assentimento

Pesquisa: “**VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: DIAGNÓSTICO E PROPOSTA DE INTERVENÇÃO COM BASE NO EMPODERAMENTO DOS ESTUDANTES.**”.

Pesquisadora coordenadora:

Dr^a Raquel Martins Fernandes Mota

Você está sendo convidado para participar, como voluntário da pesquisa **VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: DIAGNÓSTICO E PROPOSTA DE INTERVENÇÃO COM BASE NO EMPODERAMENTO DOS ESTUDANTES.**

Passaremos algumas informações e esclarecimentos a respeito da pesquisa, a sua participação é de extrema importância e por isso contamos com sua ajuda.

Em caso de dúvida, estaremos prontamente para auxiliá-los e responder todos os seus questionamentos. Caso não se sinta a vontade em participar ou desistir no processo da pesquisa, não acarretará prejuízo algum.

Esta pesquisa tem como objetivo: compreender as diversas formas de violação dos direitos humanos e *bullying* existentes no ambiente escolar.

Procedimentos de Coletas de Dados Será aplicado um questionário com 19 perguntas semi-estruturadas. Serão garantidos o sigilo e anonimato preservar a sua identidade dos participantes assim como os dados informados pelos mesmos. Se você não sentir-se a vontade. Poderá sair da pesquisa a qualquer momento.

Possíveis Riscos e Benefícios: No decorrer da pesquisa surgem temas diversos, como por exemplo, gênero, sexualidade e sexismos. Caso esses temas lhe traga algum desconforto, traumas, desconforto ou más lembranças, você poderá procurar imediatamente o (a) professor (a) para que te oriente.

Declaro que, após ter recebido os devidos esclarecimentos sobre esta pesquisa, **eu concordo** em participar da pesquisa **VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: DIAGNÓSTICO E PROPOSTA DE INTERVENÇÃO COM BASE NO EMPODERAMENTO DOS ESTUDANTES**, como participante do estudo. Declaro, também, que recebi todas as informações e que fui esclarecido sobre todos os procedimentos de coleta de dados, e recebi informações sobre os possíveis riscos e benefícios do estudo. Declaro que a minha participação será voluntária e que a minha não participação não irá promover prejuízos. Foi-me garantido o sigilo dos dados informados bem como o meu anonimato no estudo. Também, foi-me garantido o direito de retirar os meus dados informados que irão constituir o *corpus* de dados do estudo, caso o queira.

Local de data: Cuiabá/MT, ____ / ____ / ____.

Nome da Pesquisadora Responsável: Dr^a Raquel Martins Fernandes Mota

Telefone: (65) 8125-8453

Assinatura da Pesquisadora Responsável _____

Assinatura dos sujeitos do estudo: _____

ANEXO 3



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO
 GROSSO
 CAMPUS CUIABÁ-BELA VISTA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado para participar, como voluntário da pesquisa **VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: DIAGNÓSTICO E PROPOSTA DE INTERVENÇÃO COM BASE NO EMPODERAMENTO DOS ESTUDANTES**. Após ter sido esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, você deverá rubricar todas as páginas que estão em duas vias e assinar na última página. Uma delas ficará em seu poder e a outra comigo como pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado de forma alguma.

Em caso de dúvida, sobre a conduta ética do pesquisador você poderá procurar o *Comitê de Ética em Pesquisa* que tem como objetivo apreciar os projetos de pesquisa em saúde envolvendo seres humanos e avaliar os riscos e benefícios, e ainda oferece esclarecimentos sobre a pesquisa.

Projeto de Pesquisa: **VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: DIAGNÓSTICO E PROPOSTA DE INTERVENÇÃO COM BASE NO EMPODERAMENTO DOS ESTUDANTES**

Esta pesquisa tem como objetivo: compreender as diversas formas de violação dos direitos humanos e *bullying* existentes no ambiente escolar.

Procedimentos de Coletas de Dados Será aplicado um questionário com 13 perguntas semi-estruturadas. Serão garantidos o sigilo e anonimato preservar a identidade dos participantes assim como os dados informados pelos mesmos. Fica reservado o direito dos mesmos em poder solicitar sua saída da pesquisa a qualquer momento. Os dados coletados serão utilizados somente para os fins da pesquisa.

Possíveis Riscos e Benefícios: No decorrer da pesquisa, seja na coleta quanto na análise de dados e fundamentação teórica surgem temáticas transversais, como por exemplo, gênero, sexualidade e sexismos. A aceitação desses temas pelas gestões escolares envolvidas, pode acarretar para os pesquisadores dificuldades em tratar situações com os envolvidos. A vítima de violações de direitos, em geral, está fragilizada, sensível à pesquisa, o que pode acarretar lembranças, traumas e desconfortos.

Redução dos riscos: Para reduzir os riscos, espera-se poder contar com os profissionais de apoio ao educando nas escolas a serem pesquisadas, assim como também o tratamento de alguns casos que podem ser revelados e que necessitaria de Conselho Tutelar, Centros de referências da Assistência Social e até mesmo Unidades de Saúde. No tocante à equipe de pesquisa serão tomadas medidas que atenuem estes riscos e que permitam encaminhamentos de casos mais graves.

Benefícios aos Participantes: Estruturar bases sólidas para construção de uma nova perspectiva para aplicação dos direitos humanos na ambiência escolar, quebrando paradigmas, trazendo à tona as atitudes negativas relacionadas com os mais diversos tipos de discriminação. A análise da origem, da cultura, dos agressores, dos agredidos e de todo processo de

manifestação do ato preconceituoso. O desconhecimento dos requisitos mínimos de convivência em comunidade apregoados pelo atual estágio dos direitos humanos e suas consequências. Contribuindo assim para o desenvolvimento de políticas públicas e de planos de ação nas escolas para corrigir essas distorções históricas promovendo um ambiente equânime propício para o aprimoramento da personalidade humana.

Declaro que, após ter recebido os devidos esclarecimentos sobre esta pesquisa, **eu concordo** em participar da pesquisa **VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: DIAGNÓSTICO E PROPOSTA DE INTERVENÇÃO COM BASE NO EMPODERAMENTO DOS ESTUDANTES**, como participante do estudo. Declaro, também, que recebi todas as informações e que fui esclarecido sobre todos os procedimentos de coleta de dados, e recebi informações sobre os possíveis riscos e benefícios do estudo. Declaro que a minha participação será voluntária e que a minha não participação não irá promover prejuízos. Foi-me garantido o sigilo dos dados informados bem como o meu anonimato no estudo. Também, foi-me garantido o direito de retirar os meus dados informados que irão constituir o *corpus* de dados do estudo, caso o queira.

Local de data: Cuiabá/MT, ____ / ____ / ____.

Assinatura do sujeito do estudo: _____

Nome da Pesquisadora Responsável: Dr Raquel Martins Fernandes Mota